

Universidade do Minho
Escola de Arquitectura

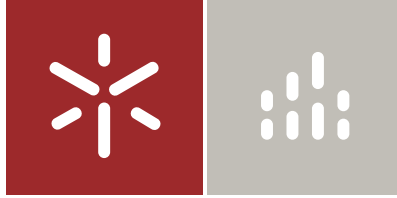
Maria Emília Gomes Araújo A lenda como elemento construtor do território: o Vale do Lima

Maria Emília Gomes Araújo

A lenda como elemento construtor do
território: o Vale do Lima

UMinho | 2019

outubro de 2019



Universidade do Minho
Escola de Arquitectura

Maria Emília Gomes Araújo

A lenda como elemento construtor do
território: o Vale do Lima

Dissertação de Mestrado
Ciclo de Estudos Integrados Conducentes ao
Grau de Mestre em Arquitectura
Ramo de Conhecimento: Cidade e Território

Trabalho efetuado sob a orientação da
Professora Cidália Maria Ferreira da Silva

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



**Atribuição
CC BY**

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Ao meu avô,
*que sempre que me via desenhava se
orgulhava por estar a estudar...*

Agradecimentos

À professora Cidália pelo entusiasmo, motivação e pelos conselhos sempre assertivos. A todos os que disponibilizaram o seu tempo e as suas palavras para que fosse possível conhecer um pouco mais das tradições e lendas da região.

Ao meu tio, Padre João, pela sabedoria. Ao Rik pela disponibilidade e ajuda. Ao Hugo, à Inês, à Sami, à Alexa e ao Pedro por serem simplesmente os amigos de sempre. Aos meus amigos que me acompanharam neste percurso: ao André, à Cláudia, ao Olavo, à Xana e, em especial à Paula e ao Gonçalo, pelas boas memórias que criámos e pela ajuda incansável.

Aos meus pais, pelos sacrifícios de todos os dias para que pudesse chegar aqui, em especial à minha mãe, pela companhia pelos percursos na descoberta das lendas e pelo entusiasmo que sempre teve. Ao meu irmão, pelo exemplo de determinação de querer sempre mais e melhor.

Ao Eduardo, por ser o meu apoio incondicional, pela compreensão, companhia e paciência.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Resumo

Esta investigação inicia-se pelo potencial que as lendas, presentes nas comunidades e na sua etnografia, podem ter no entendimento do território construído e na sua arquitetura. Os indícios por elas fornecidos são o retrato da história, dos costumes e crenças das populações, e, através de uma análise mais atenta, as lendas podem justificar locais escolhidos para fundação de povoações e construção de edifícios.

A escolha de narrativas na região do Vale do Lima para um estudo mais aprofundado encontra na religião cristã e na construção a ela associada, uma forte ligação, pela sua comunidade profundamente enraizada nas crenças, bem como pela sua ruralidade que transporta ao longo dos séculos as festas das pequenas capelas, as lendas, os milagres dos santos e as procissões. Esta relação das lendas com o lugar pode ser mapeada e representada, criando vínculos no tempo e no espaço que, sem a leitura das suas narrativas, nunca seriam exequíveis de realizar. Para isso, foram selecionadas três lendas, mais especificamente, a Lenda do Mosteiro de Ermelo, a Lenda de Santo Abdão e a Lenda da Pegada do Santinho, localizadas em três concelhos da região, Arcos de Valdevez, Ponte de Lima e Viana do Castelo, respetivamente, e que se encontram diretamente associadas à construção de edifícios.

É através de um método de análise transversal a todas as narrativas que se desenvolve esta investigação. É feita, primeiramente, uma recolha oral e documental das lendas, seguido de um reconhecimento do lugar e da história onde se insere. Finalmente, é realizada uma análise do percurso lendário numa associação entre a lenda e o território, criando novos mapas e relações entre os vários lugares revelados pelas narrativas.

Este trabalho pretende evidenciar que o território, mais do que um elemento físico e tangível, é um lugar humanizado e um somatório de vivências onde o Homem colocou as suas intenções e o construiu a par da evolução e das transformações socioeconómicas. As lendas podem ser utilizadas como forma de enriquecimento cultural, mas também como cruzamento de conhecimento relativo ao território, um aspeto que se pode revelar importante para a forma como se intervém no território e se faz arquitetura.

Abstract

This research begins with the potential that legends, present in communities and their ethnography, can have in understanding the built territory and its architecture. The evidence provided by them are a portrait of the history, customs and beliefs of the populations, and, upon closer examination, can justify chosen locations for the foundation of settlements and construction of buildings.

The choice of narratives in the Lima Valley region for an in-depth study finds in the Christian religion and its associated construction, a strong connection, for its community deeply rooted in beliefs, as well as for its rurality that carries over the centuries the popular festivities of the little chapels, the legends, the miracles of the saints and the processions. This relationship of legends with the place can be mapped and represented, creating bonds in time and space that, without reading the narratives, would never be feasible to realize. For this purpose, three legends were selected, more specifically, the Legend of Ermelo's Monastery, the Legend of Saint Abdão and the Pegadas do Santinho Legend, located in three municipalities of the region, Arcos de Valdevez, Ponte de Lima and Viana do Castelo, respectively, which are directly associated with the construction of buildings.

It is through a common method of analysis across all narratives that this research is developed. At first, an oral and documental collection of the legends is made, followed by a recognition of the place and history in which it is inserted. Finally, an analysis of the legendary path is made with an association between legend and territory, creating new maps and relationships between the various places revealed by the narratives.

This work aims to show that the territory, more than a physical and tangible element, is a human place and a sum of experiences where man has put his intentions and built them alongside evolution and socioeconomic transformations. Legends can be used as cultural enrichment, but also as a relevant knowledge concerning the territory. This aspect can be important for the way we intervene in the territory and make architecture.

Índice

Introdução	19
Metodologia	23
Atlas de imagens	26
Estado de arte	
As lendas e o território do Vale do Lima	29
Capítulo I. <i>Na solidão do Ermo</i>	39
Recolher	
A lenda do Mosteiro de Ermelo	43
Reconhecer	
O território de Ermelo	53
A história do Mosteiro	55
A rota dos Cistercienses	59
Percorrer	
O território lendário	67
Capítulo II. <i>Pelos caminhos de Santiago</i>	79
Recolher	
A lenda de Santo Abdão	83
Reconhecer	
O território da Correlhã e a capela de Santo Abdão	89
Lenda de Santiago de Compostela:	93
História e influência territorial	

Percorrer	
O caminhar como construção territorial	105
Capítulo III. <i>No alto dos montes</i>	111
Recolher	
A lenda das pegadas do Santinho	115
Reconhecer	
O território de Cardielos e a capela de S. Silvestre	125
Os povos castrejos	127
Percorrer	
Nos pés do santo	137
Dimensões lendárias	139
Síntese	143
Referências bibliográficas	149
Índice de imagens	155
Anexos	161



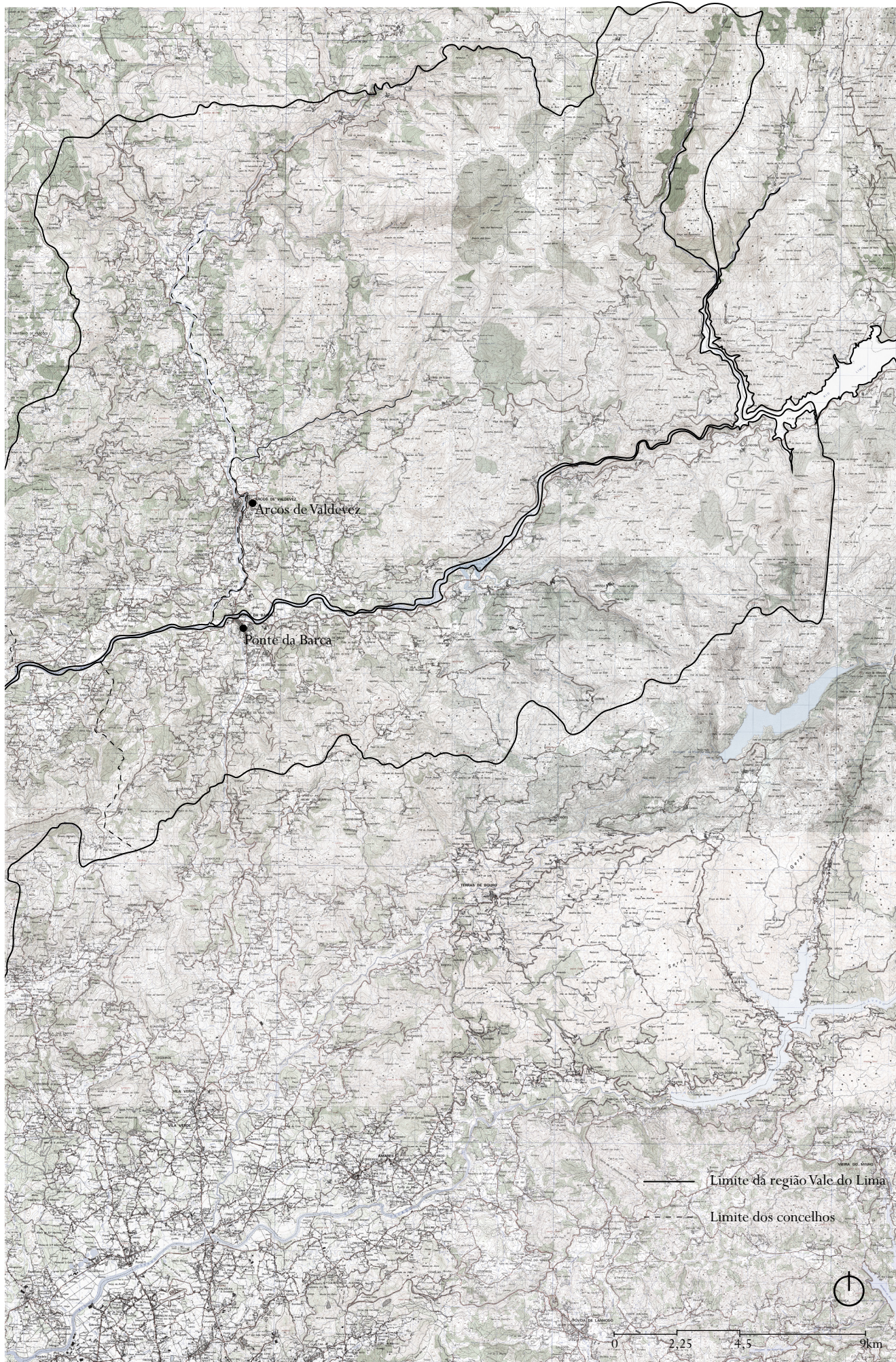
Figura 1. Fotografia da margem direita do Rio Lethes. Ponte de Lima | 21 agosto 2019.

"No arrebatamento da visão, toda a soldadesca excitada supõe estar diante daquele rio Lethes, o Rio do Esquecimento, um rio sem par de quem lhe falavam as lendas e as narrativas do seu país.

E do Esquecimento, porquê?

Porque se dizia que quem ousasse atravessá-lo, enfeitiçado pela sua beleza, logo esqueceria a pátria, a família, o próprio nome."¹

1. VIANA, António Manuel Couto. 2002. *Lendas do Vale do Lima*. Valima, Associação de Municípios do Vale do Lima, Ponte de Lima. pp. 56-58.



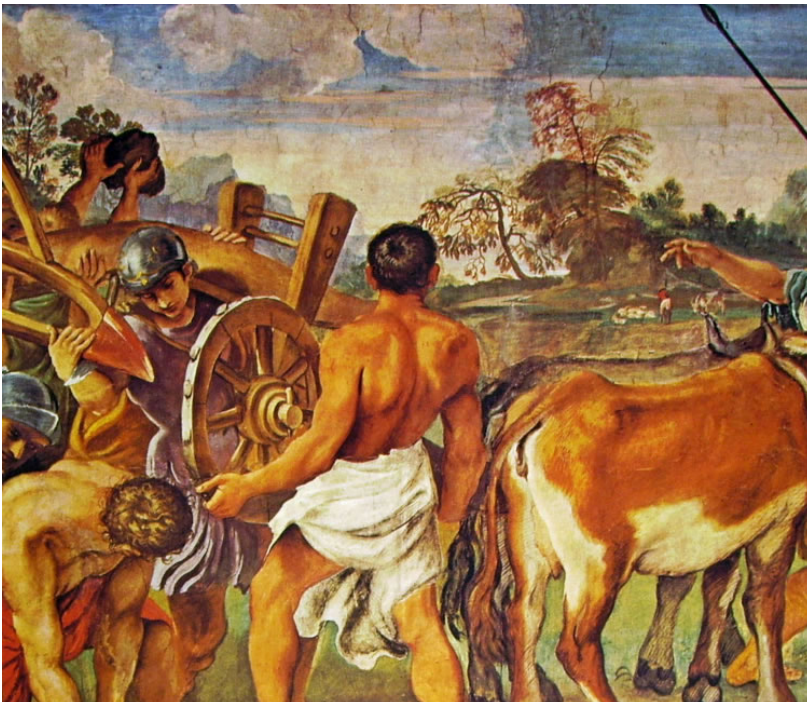


Figura 3. Annibale Carracci, *Romolo traccia con l'aratro il confine della città di Roma*, 1590 - 159.

Introdução

“Subiram então ao monte Palatino, onde Rômulo viu passar sete abutres e Remo, doze. Como Rômulo os havia visto primeiro, traçou o primeiro perímetro da cidade com um arado puxado por bois, jurando que mataria aquele que o atravessasse. Remo, aborrecido, penetrou no espaço do seu irmão, que, sem hesitar, lhe cravou a sua espada. A data lendária da fundação de Roma situa-se em 753 a.C.”²

É pelo fascínio das histórias populares que não aparecem nos livros, pelo diz-que-diz que se arrasta por gerações, pelas lendas que parecem não ter qualquer sentido, mas se encontram associadas a grandes monumentos do nosso património, que surgiu este tema de investigação.

O vínculo criado entre o território e a arquitetura acarreta consequências que não desaparecem com o tempo, principalmente no que diz respeito à memória coletiva e à identidade de um povo. É, por isso, importante entender que a arquitetura não é apenas física e construída, mas traz consigo histórias de civilizações, costumes e tradições.

A região do Alto Minho, ainda hoje muito ligada à religião e às tradições religiosas, é rica em lendas relacionadas ao culto cristão e, por isso, estas encontram-se quase na sua totalidade, ligadas a edifícios religiosos, desde mosteiros, igrejas, capelas e pequenas ermidas.

Exemplos como o Convento de Mafra e a sua construção com base num milagre de fertilidade do Rei D. João V; a Ponte de Mizarela em Montalegre, que se diz ter sido o diabo o responsável pelo seu surgimento; ou os milagres das aparições de Nossa Senhora que levaram à construção do imponente Santuário de Fátima, marcando a região e o país a nível mundial, demonstram o poder e a influência que estas construções, envoltas em narrativas populares, têm na construção do património e do território.

2. Lenda de Rômulo e Remo e a fundação de Roma. <https://www.coladaweb.com/mitologia/romulo-e-remo>

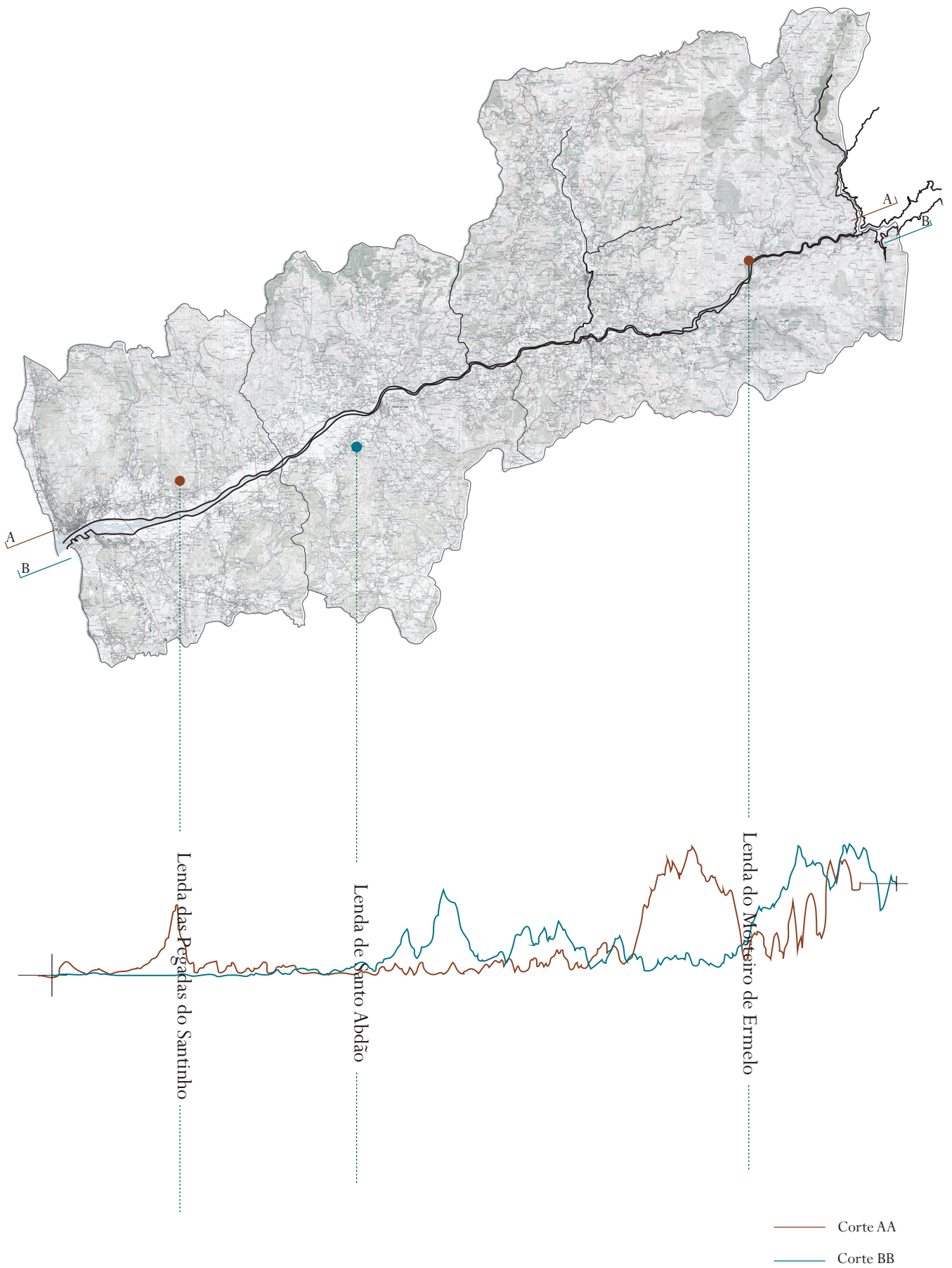


Figura 4. Localização das lendas em estudo.

Contudo, as pequenas e anónimas construções que povoam todo o território português, particularmente na região do Vale do Lima, são tão ou mais importantes que os grandes monumentos. Estas, são a representação fiel de um território marcado pela ruralidade, que, através das superstições e das narrativas populares, ajuda a manter de pé o património português ao longo de gerações.

O ponto de partida para este estudo foi a recolha de várias lendas existentes na região do Vale do Lima, tendo como foco aquelas que se encontram associadas à construção de edifícios/monumentos. A existência de dados históricos e informação associada a cada uma estabeleceu-se como critério de seleção das narrativas que serão analisadas uma vez que são as fontes fidedignas que tornam possível o desenvolvimento deste trabalho académico.

Numa trajetória descendente ao longo do rio até à sua foz, a lenda do Mosteiro de Ermelo, de Arcos de Valdevez; a de Santo Abdão, em Ponte de Lima, e a de S. Silvestre, em Viana do Castelo, serão utilizadas para aprofundamento do tema de investigação, ainda que os vários assuntos a elas subjacentes possam ser também atribuídos a outras lendas e a outros lugares. Deste trabalho surgirão novos mapas que, pela relação da arquitetura e do território com a palavra dita, se transformam em “mapas lendários”. Ao analisar cada lenda em particular, , espera-se retirar noções relativas à relação entre a narrativa contada, o lugar onde se insere e a sua história, bem como entender de que forma as lendas podem dar indicações sobre a construção e apropriação do território por parte das comunidades.

Metodologia

A presente dissertação divide-se em três capítulos, sendo que para cada um será analisada uma lenda pertencente à região do Vale do Lima, bem como a construção que dela advém. A vinculação com o *lugar* nas visitas ao local torna-se crucial para a realização deste trabalho para uma maior aproximação com a população e as suas histórias.

Para o desenvolvimento da investigação, o livro do arquiteto Francesco Careri (2002): “*Walkscapes, o Caminhar Como Prática Estética*” foi utilizado como referência e apoio nas temáticas abordadas estando presente ao longo de todo o trabalho. Essas temáticas (três) serão transversais às três lendas em estudo e, apesar de terem lógica individualmente, pretendem funcionar como um acumular e encadear de saber, que terminará numa síntese sobre a relação das narrativas lendárias com o território do Vale do Lima.

RECOLHER. Inicia-se este trabalho com uma análise do **lugar humano**. Através da etnografia, da literatura lendária, das tradições, de testemunhos orais ou escritos e das suas diversas versões. Faz-se uma recolha do território imaterial, daquilo que passou de geração em geração e que transformou e condicionou a vivência das comunidades da região até hoje. Nesta fase de recolha pretende-se fazer uma transcrição o mais fiel possível daquilo que é lido e retido dos autores e contadores de histórias.

RECONHECER. Posteriormente, faz-se o reconhecimento do **lugar físico**. Tendo como base a observação e seleção dos lugares lendários, parte-se para uma análise do território material por meio de uma investigação documental da historiografia local, das características geográficas e do construído, tendo sempre como modelo as pistas e referências fornecidas pelas narrativas. Este reconhecimento histórico, demográfico e territorial tende a ser focado apenas no tema suscitado pela lenda com vista a este não perder o seu fio condutor, bem como tentar encontrar pontos específicos para uma interpretação clara e concisa do capítulo seguinte.

PERCORRER. Numa terceira fase e fazendo a conexão com as duas primeiras, surge o **percurso lendário**. Este ponto pretende ser o mais importante e fundamental de todo o trabalho onde, mediante uma análise daquilo que é dito pela lenda juntamente com a história e as características do território, se espera fazer o mapeamento lendário e encontrar relações entre o imaginário popular, o território construído e a sua arquitetura.

“Antes da transformação física da crosta terrestre iniciada com os menires, o território sofreu uma transformação cultural fundada no caminhar, uma ação que se desenvolveu sobre a superfície do planeta sem violar a matéria. Portanto, o percurso é um espaço anterior ao espaço arquitetônico, um espaço imaterial com significados simbólicos-religiosos.”³

Aqui será feita também uma síntese de cada lugar/lenda em estudo, tendo sempre como base que o território não deve ser considerado apenas como algo material ou tangível, mas sim, como um conjunto de elementos físicos e ficcionais dos povos que, ao longo do tempo, o construíram com base em histórias, crenças e tradições. Estas podem ter uma grande influência na forma como se encara o lugar e podem explicar transformações e construções do território da Ribeira-Lima.⁴

As lendas recolhidas e utilizadas nesta investigação encontram-se evidenciadas pela cor das páginas e pelo tipo de letra, uma vez que não foram acrescentadas nem modificadas, tendo sido retiradas das suas fontes e copiadas na sua íntegra.

Através do tipo de representação dos elementos desenhados, pretende-se criar uma maior proximidade com o tema das lendas e narrativas populares usando a ilustração como linha de separação entre o real e o imaginado.

3. CARERI, Francesco. 2002. *Walkscapes. O caminhar como prática estética*. Editora Gustavo Gili, Ltda, 1ª edição, 2018, p. 63.

4. **Ribeira Lima** é uma expressão referente às localidades situadas ao longo do Rio Lima e que formam Vale do Lima, das quais, Viana do Castelo, Ponte de Lima, Arcos de Valdevez e Ponte da Barca.

Atlas de imagens



Figura 5. Pieter Bruegel, *A Torre de Babel*, 1563.
Museu, Kunsthistorisches, Viena Áustria.



Figura 6. Leonel Marques Pereira, *Festa na aldeia*,
C. 1870 – 75.



Figura 7. Songlines. *Kungkarangkalpa*, Judith Yinyika
Chambers, 2011. Warakurna Artists, Museu Nacional
da Austrália.

A ideia da lenda como forma de justificar acontecimentos da humanidade encontra-se representada na figura 5 pela ilustração da narrativa da Torre de Babel⁵. Também esta serviu para demonstrar que o Homem não seria capaz de construir um edifício que tocasse o céu e Deus e se tornasse poderoso e respeitado se em todo o planeta se falasse a mesma língua, justificando a decisão de Deus na criação das nações e das suas diversas línguas.

As narrativas estão associadas e integradas num território específico. Cada lugar encontra-se caracterizado pela sua geografia, pela sua dimensão histórica, temporal, e cultural (figura 6). Para compreender as lendas de um povo é também necessário reconhecer o seu território nas suas dimensões materiais e imateriais.

A ideia de mapeamento do território vai para além das características geográficas, sendo por isso importante percorrê-lo, recolher as suas histórias e vivências para que se agrupem as especificidades físicas e humanas num só mapa tal como fazem as tribos aborígenes da Austrália (figura 7).

5. *“Naquele tempo toda a humanidade falava uma só língua. Deslocando-se e espalhando-se em direção ao oriente, os homens descobriram uma planície na terra de Sinar e depressa a povoaram. E começaram a falar em construir uma grande cidade, para tal fizeram tijolos de terra bem cozida, para servir de pedra de construção e usaram alcatrão em vez de argamassa. Depois eles disseram: «Vamos construir uma cidade com uma torre altíssima, que chegue até aos céus; dessa forma, o nosso nome será honrado por todos e jamais seremos dispersos pela face da Terra!»*

O Senhor desceu para ver a cidade e a torre que estavam a levantar. «Vejam-se isto é o que eles já são capazes de fazer; sendo um só povo, com uma só língua, não haverá limites para tudo o que ousarem fazer. Vamos descer e fazer com que a língua deles comece a diferenciar-se, de forma que uns não entendam os outros.» Gênesis 11:1-9

<https://www.biblegateway.com/passage/?search=G%C3%AAnesis+11&version=OL>

Estado da Arte

As lendas e o território do Vale do Lima

Ao longo dos tempos são muitos os mitos e lendas que fizeram crescer povoações, que determinaram culturas e tradições. Foi à volta destas narrativas que se construíram monumentos, igrejas, e se organizaram povoações, desde a mais pequena aldeia às grandes cidades.

A lenda é uma história transmitida de geração em geração, podendo ter sofrido alterações ao longo do tempo. Bayard, define a lenda como palavra que “*provém do latim *legenda*, que significa «o que deve ser lido»* . No início as lendas estavam apenas ligadas à vida sagrada onde eram lidas nos refeitórios dos conventos constituindo «*uma compilação da vida dos santos, dos mártires*» (...);”⁶ Posteriormente, e já relacionada com a vida profana, foi transformada pela tradição tornando-se “*produto inconsciente da imaginação popular*”⁷. É uma narrativa de carácter fictício, em que estão envolvidos factos históricos reais deformados pela imaginação de uma determinada cultura. E são estas que podem moldar e ajudar a construir uma ideia de identidade.

As lendas tentam explicar acontecimentos misteriosos ou sobrenaturais, sendo potenciadoras de criarem imagens, cenários que identificam e simbolizam povos e nações. Para além de fazerem parte do património histórico de uma região, estão associadas ao património arquitetónico tendo uma relação muito estrita com o “*lugar*” ou objetos específicos como penedos, nascentes de água ou edifícios. As narrativas são, por isso, impulsionadoras da construção de muitos espaços religiosos podendo estar relacionadas com santos, milagres ou aparições. “*A escolha do lugar para construir uma igreja ou mosteiro não é arbitrária. A tradição e o imaginário têm um papel preponderante na sua localização.*”⁸ São, por conseguinte, elementos capazes de alterar e manipular a perceção do espaço, quer físico quer abstrato.

Os textos lendários podem adquirir forma através dos lugares mágicos. Lugares estes que vêm desde o início da civilização com as primeiras alterações da paisagem

6. BAYARD, Jean-Pierre. 2001. *História das Lendas*, Edição Ridendo Castigat Mores, p.10
<http://bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/services/e-books/Jean%20Pierre%20Bayard-1.pdf>

7. *idem*.

8. ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de. 2001. *História da Arte em Portugal. O Românico*. Editorial Presença, Lisboa, p.13.



Figura 8. Tintoretto, *La Creazione degli animali*, Gallerie dell'Accademia, Venezia, 1551.
Óleo sobre a tela - 151 x 258 cm.

provocada pelo ser humano numa espécie de relação com o Cosmos. A esta se pode chamar de geografia sagrada como menciona Eduardo Amarante em *Mitos e Lugares Mágicos de Portugal*:

“(...) A preocupação essencial do homem tradicional é instalar-se no centro. Para tal, esse centro, ou ponto de partida da orientação, é geralmente simbolizada por um marco sagrado (por vezes um rochedo ou uma montanha) que representa o eixo do mundo, o lugar onde o Céu e a Terra se encontram.”⁹

Nestes lugares, onde o Céu e a Terra se encontram, são os locais privilegiados para a ocupação de espaços sagrados, sendo uma grande parte capelas consagradas a Nossa Senhora, onde ainda hoje se celebram romarias, como refere Eduardo Amarante.¹⁰ Citando Moisés Espírito Santo, o historiador Paulo Pereira refere que “*A colocação de um santuário nesses lugares acaba por constituir um processo de domesticação da montanha selvagem*”¹¹ e que a característica mais interessante é a sua localização difícil que pode ser “*no alto dos montes, no cume das montanhas, nas cristas das serras. Alguns desses santuários acompanham a topografia altaneira de um monte ou de um outeiro e, muitas vezes, simulam eles mesmos serem uma montanha*”.¹² O historiador admite também o carácter especial que uma lenda pode trazer a um lugar e o tornar autêntico.

“Estes santuários, fundados de raiz em função de um acidente da paisagem ou de uma manifestação da Virgem, de Cristo ou de um santo, são o sinónimo de uma continuidade que concede a estes lugares um estatuto único e um sentido de permanência, e aos povos um sinal de pertença e de unicidade, dentro do multiverso e inconsútil anelo do sagrado.”¹³

Através das lendas, quer escritas ou faladas, é possível entrar numa viagem através do tempo e do espaço, onde a realidade e a ficção (figura 8) se entrelaçam e dão indícios sobre as características do território construído e manipulado pelo humano ao longo dos tempos.

9. AMARANTE, Eduardo. 2008. *Mitos e Lugares Mágicos de Portugal*. Zéfiro, 1ª ed., Sintra, p.23.

10. *idem*, p. 145.

11. PEREIRA, Paulo. 2005. *Enigmas, Lugares Mágicos de Portugal. Montes sagrados, Altos lugares e Santuários*, vol. 6. Círculo de Leitores, Lisboa, p. 11.

12. *idem*, p. 10.

13. *idem*, p. 11.

“A arquitetura pressupõe transformação espacial, que resulta em novos símbolos com novos significados (...) Ou seja, a arquitetura, resultando da cultura, é um instrumento que reinventa a cultura de onde parte, com sucessivas transformações materiais.”¹⁴

A relação entre a cultura, as tradições e a arquitetura é também tema para José Freitas, na sua dissertação de mestrado *A(u)tores de um lugar comum*, fazendo referência ao desfasamento daquilo que é o ensino da arquitetura e as necessidades e as características do território, do Vale do Lima em particular, resultando muitas vezes num distanciamento da identidade local.

O seu estudo incide também na importância dos lugares e “atividades comuns”, como as relações de vizinhança, as missas, as festas e as suas procissões, ainda muito presentes na região do Alto Minho, que se tornam “*um momento excepcional de configuração do espaço público e têm relevância para o estudo da arquitetura (...) construída pela comunidade, que tinha o poder de transformar momentaneamente o espaço e atribui-lhe um novo sentido.*”¹⁵

A apropriação territorial pelo ser humano começa quando este decide caminhar. É através deste ato que se começa a transformar e habitar o mundo.¹⁶ Mesmo antes de existir qualquer tipo de construção, já os povos aborígenes da Austrália mapeavam e percorriam o seu território através das palavras e do seu canto, ao qual o escritor Bruce Chatwin atribuiu o nome de *songlines*. “*Um canto (...) constituía um mapa e um indicador de direções. Desde que se soubesse o canto, podia-se sempre encontrar um caminho através do país.*”¹⁷

Estas linhas imaginárias continham características da paisagem tornando-se mapas orais do território que se encontram preservadas em canções, histórias, danças e pinturas. Através do canto criado pelos Antepassados é possível localizar montanhas, pontos de água, animais e limites geográficos e, assim, percorrer o país não com um “*bloco de terras limitado por fronteiras, mas sim como uma rede emaranhada de «trilhos» ou «passagens»*”.¹⁸

14. FREITAS, José. 2014. *A(u)tores de um lugar comum. Comutação Cultura-Arquitetura em Bravães*. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Departamento de Arquitetura da FCTUC, Coimbra, p.17.

15. *idem*, p.79.

16. CARERI, Francesco, *op. cit.*, p.27.

17. CHATWIN, Bruce. 1987. *Canto Nómada*. 1ª edição Quetzal / Terra Incognita, 2019, p. 27.

18. *idem*, p. 75.

Mais do que um canto, as *songlines* são um dos maiores exemplos da relação das tradições orais com a paisagem e a construção territorial. “...é através dos «esboços» que os jovens aprendem a conhecer a sua terra, a sua mitologia e os seus recursos”.¹⁹

As construções megalíticas, como os menires, os cromeleques e as antas, são das primeiras manifestações físicas de apropriação dos indivíduos, “...uma grande pedra estirada horizontalmente sobre o solo é ainda apenas uma simples pedra sem conotações simbólicas, mas a sua rotação em noventa graus e o seu fincamento na terra transformam-na numa nova presença que detém o tempo e o espaço”.²⁰ Mais do que construções funerárias, pensa-se que estes megálitos de pedra continham uma carga simbólica, ligada ao culto da fertilidade e do Sol, podendo ser também indicadores da presença de água e reveladores de lugares sagrados e lendários.²¹

O processo de sacralização do território é longo, mas foi a partir da Idade Média, que se passou a construir igrejas, capelas e cruzeiros como forma de purificação do território, sendo que muitas dessas construções foram feitas onde outrora se erguiam comunidades castrejas.²² Com a introdução da gestão por paróquias, foi necessário limitar o espaço paroquial. Para essa delimitação eram muitas vezes utilizados marcos do território capazes de serem facilmente identificados, como os topos das serras ou penedos com inscrições. Delimitado o espaço paroquial, “(...) porque a igreja, por si só, não chegava para proteger toda a área e todas as casas dispersas por agras, quebradas e encostas”²³, era necessário expandir o raio protetor contra o demónio, as bruxarias e as almas penadas que causavam tempestades, chuvas e traziam pragas que destruíam culturas e animais e pestes que arrasavam povoações.²⁴ “Os homens da Idade Média tudo fizeram para proteger o espaço sagrado da sua comunidade daqueles seres que São Martinho de Dume apelidou de mulheres demónios, sob o disfarce de sereias, ninfas, dianas, lâmias, mouras encantadas, de toda a sorte de seres mitológicos (...)”²⁵

19. CHATWIN, Bruce, *op. cit.*, p. 36.

20. CARERI, Francesco, *op. cit.*, p.52.

21. *idem.*

22. SERÉN, Maria do Carmo. 2012. *Pedras, Montes e Protecções: a religião no Norte Pré-Cristão*. CEM N.º 3/ Cultura, ESPAÇO & MEMÓRIA, Universidade do Porto, p.153.

23. *idem.*, p.189.

24. *idem.*, p.190.

25. *idem.*

Assim surgem as capelas como apoio ao culto, cruzeiros, junto aos caminhos e encruzilhadas, e nichos, apelidadas de ‘alminhas’²⁶ nos muros das propriedades²⁷ como forma de proteção e aproximação dos habitantes mais distantes do centro paroquial, que por essa distância se sentiam um alvo fácil do Maligno. Esta ideia de medo e insegurança incutida na população rural e iletrada, através de histórias e lendas, teve um grande impacto pois modificou a forma como se olhava para o território, da mesma forma que levou à construção de inúmeras igrejas e capelas que ainda hoje podem ser visitadas.

“O Norte, esvaziado das suas referências espalhadas pelos museus, apenas nos oferece o que não se pode deslocar, os montes imperativos, os penedos sagrados pelas inscrições que se esbatem, os sítios «de mouros» e de capelas que se mantêm no seu lugar de atalaia contra um sagrado que, afinal, continuam a representar”²⁸

A presente dissertação pretende reforçar a diversidade de áreas e temas que estão inevitavelmente ligadas à arquitetura. A arquitetura é mais do que construção física, nela está subentendida a geografia, a literatura, a antropologia, a astronomia, a teologia e a astrologia na sua relação com o Homem e aquilo que ele constrói com base nas suas crenças e ideologias. Em todas estas áreas é possível encontrar estudos e informações associadas às lendas e às narrativas populares, mas não numa associação direta com a construção territorial. Assim, o principal objetivo deste trabalho é tentar encontrar nas lendas que permanecem no imaginário popular, tendo o Vale do Lima como caso de estudo, um ponto de encontro com a arquitetura, abrindo um caminho para um melhor entendimento sobre o impacto que a cultura e as narrativas tiveram na construção do território construído e imaginado e que importância devemos dar às lendas para uma arquitetura mais próxima do *lugar*.

26. As alminhas são pequenos altares de oração que surgem, habitualmente, junto a caminhos rurais e em encruzilhadas. Pensa-se que estas estruturas existam unicamente em Portugal e simbolizam a religiosidade e a devoção popular. Estas serviam para pedir em favor das almas do Purgatório, para que conseguissem chegar ao céu através de rezas e esmolas. Estes nichos podem, muitas vezes, indicar a proximidade e marcar o percurso até igrejas e capelas.

27. SERÉN, Maria do Carmo, *op. cit.*, p.190.

28. *idem*, p.161.

“*Quid est Deus? Longitudo, latitudo, sublimitas et profundum*”¹

1.MORGADO, Duarte Nuno Ferreira Madaleno Ferreira. 2012. *Cister: espiritualidade, estética e teologia na arquitectura cisterciense*, p.2. *apud.* S. Bernardo de Claraval (1090-1153), *Tratado De Consideratione ad Eugenium Papam in Obras Completas de San Bernardo*, vol.II, Madrid, 1994, pp. 226-227. “*O que é Deus? É comprimento, largura, altura e profundidade*” [tradução da autora]

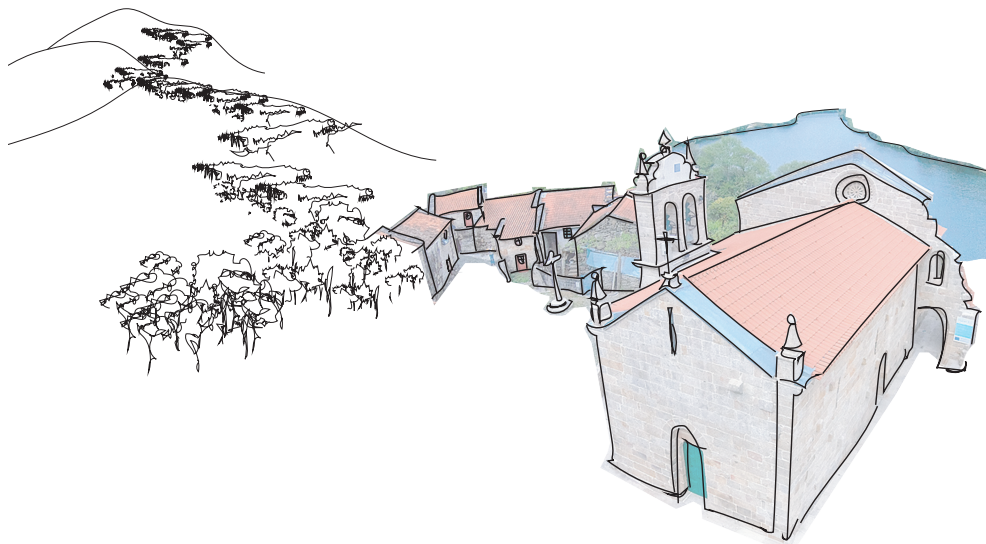


Figura 9. Lenda de Ermelo.

Capítulo I

Na solidão do Ermo

Recolher

“Aos dois modos de habitar a Terra correspondem duas modalidades de conceber a própria arquitetura: uma arquitetura entendida como construção física do espaço e da forma contra uma arquitetura entendida como percepção e construção simbólica do espaço.”²⁹

Recolher as histórias e narrativas de um lugar é dar voz a quem o conhece e o habita. É recolher a sabedoria popular, ainda que quem conta um conto, muita das vezes acrescenta também um ponto.

29. CARERI, Francesco, *op. cit.*, p.38.

A lenda do Mosteiro de Ermelo

Era uma vez um rei chamado Ordonho II, que governava as Astúrias e todos os territórios para o Sul, conquistados aos guerreiros do Islão.

Neles, figurava o Vale do Vez, com as suas altas montanhas e a beleza do seu rio. Tinha uma filha: D. Urraca, princesa piedosa, protectora de igrejas e conventos, devotamente dedicada à divulgação da fé cristã, em que dispndia grande parte das suas riquezas.

Um dia, decidiu fundar um Mosteiro para frades, em lugar sossegado e fecundo, rodeado de vegetação e boas águas, onde vicejasse uma horta e frutificasse um pomar; onde houvesse ermos floridos para meditação, vinhedos e trigais que fornecessem o pão e o vinho para o mistério eucarístico e a sobrevivência da comunidade.

Com o consentimento real, acompanhada das suas aias e alguns soldados protectores, meteu pés a caminho, por montes e vales do seu reino.

Chegada à Serra da Peneda, que lhe prometia larga vista sobre uma paisagem pacífica e alegre, o silêncio e a oração, começou a subi-la, com entusiasmo, parando, ora aqui, ora ali, para ganhar forças e melhor contemplar quanto a rodeava. Uma dessas paragens chama-se, ainda, Bouça das Donas, lembrando o arvoredos onde D. Urraca e as suas aias repousaram, abrigadas do Sol ardente.

Junto à vila do Soajo, onde se aconchegavam algumas casas de pedra e colmo, achou lugar apropriado para edificação do Mosteiro e logo contratou pedreiros para lhe abrir os alicerces.

Contente com o lugar que obedecia às condições desejadas, D. Urraca correu à Corte de seu pai, a participar a D. Ordonho a feliz decisão. Perguntou-lhe a curiosidade do rei:

- E o que se avista dessas alturas?



Figura 10. António Vaz Pereira, a lenda do Mosteiro de Ermelo.

Respondeu-lhe a princesa:

- Longes e longes. Vêem-se, para o Sul, as torres da Sé de Braga e o imenso casario da antiga cidade. Para o Norte, as Catedrais de Tuy e de Ourense, junto ao rio Minho. Para o Oeste, praias onde vão quebrar-se as ondas bravias do mar. Para Leste, campos e montes sem conta, onde pastam rebanhos e cavalgam guerreiros dos vossos exércitos.

D. Ordonho manteve-se por uns momentos calado, com uma ruga na testa, como quem segue a seriedade de um pensamento. Depois, disse a D. Urraca:

- Minha filha, gostaria bem de satisfazer a tua vontade de servir a Deus, com a construção desse Mosteiro. Mas não posso, para isso, dispende, em tal projecto, metade do meu reino. É demasiadamente grande esse horizonte. Terás que descobrir outro sítio menos amplo para morada dos teus frades.

Triste com esta decisão real, a princesa, todavia, não desistiu do seu intento e resolveu, então, mandar edificar o seu Mosteiro, não no desafogo dos cimos do monte, mas na profundidade do vale, quase oculto pela densidade das brenhas, sempre coberto de sombras, escutando um rio discreto, mirando a solidão do ermo.³⁰

30. VIANA, António Manuel Couto. *op. cit.*, pp. 77-79.



Figura 11. Panorama da vista do Mosteiro de Ermelo | 12 de janeiro de 2019.

“As singelas edificações eclesiásticas dos primeiros tempos de monarquia (...) em ocultos recessos das nossas províncias do norte, representam tão genuinamente uma escola, um estilo, uma época, como as catedrais opulentas, os mosteiros grandiosos (...).

Pessoalmente a mim, sempre me produziram uma singular impressão essas pequenas igrejas rurais (...) Foram discretas testemunhas das lutas de que nasceu a nossa nacionalidade e tanto a enrijaram que ela viceja ainda... nove séculos andados”¹

1. PEREIRA, Félix Alves. 1918. *Uma Fundação de D. Tareja (O Mosteiro de Ermelo)* in *O Archeologo Português*, vol. 23, Lisboa, p.139.

A construção e a escolha da implantação do antigo Mosteiro de Ermelo estão presentes em fontes documentais da região e na memória popular.

Foram ainda alguns os autores que se debruçaram sobre a história deste mosteiro, mas foi Félix Alves Pereira, numa publicação na revista *“Archeologo Português”*,³¹ quem deu também destaque à lenda através de um testemunho que encontrou numa das suas visitas ao lugar de Ermelo em maio e outubro de 1897. Da lenda anteriormente citada apenas acrescenta que a princesa após ter permissão do rei e seu pai, *“começaram as obras no Outeiro Maior (é o ponto mais elevado na Serra de Soajo) em um de cujos contrafortes assenta Ermelo”*³² e que *“a imagem de Santa Maria, pintada por trás do altar-Mor, era o retrato da aludida princesa”*.³³

Nas visitas realizadas ao lugar de Ermelo (12 de janeiro e 28 de abril de 2019), para a elaboração desta dissertação, foi possível recolher testemunhos sobre os hábitos da pequena povoação bem como versões sobre a história real e lendária do mosteiro.

Num encontro apressado com o padre de Ermelo, Pe. Belmiro Amorim, e um dos fiéis da paróquia, o Sr. José, percebe-se que da lenda da construção pouco se conhece no seio da comunidade, ressaltando em primeiro lugar a questão religiosa e todo o fervor em torno dos milagres de São Bento. Quando questionado sobre a construção do mosteiro, o Sr. José, avançou que o Mosteiro de Ermelo foi erguido *“... no tempo que foi construída a Notre-Dame de Paris que ardeu agora. Tem a mesma idade que este mosteiro aqui, só que nunca chegou a ser acabado de ser construído (...) porque isto é um meio pobre”*³⁴. O padre Belmiro Amorim apenas acrescentou que Ermelo foi algo extremamente importante e que tinha a jurisdição à volta (Soajo, Britelo), mas que em relação à lenda da construção pouco conhece, apenas sabe aquilo que vem escrito nas plataformas interativas e turísticas existentes na igreja.

31. *“O Archeólogo Português”* é uma revista do Museu Nacional de Arqueologia, publicada em 1895. Ainda que no início apenas tivesse a intenção de reunir artigos de autores com interesses sobre temas diversos da história e da antiguidade, com o tempo foi-se tornando numa revista científica, de grande importância nacional e internacional. Félix Alves Pereira (1865-1936), foi oficial e conservador do Museu Etnológico Português e autor de vários artigos da revista.

32. PEREIRA, Félix Alves, *op. cit.*, p. 156.

33. *idem*, p. 157.

34. Apontamento da conversa com o Sr. José e o pároco de Ermelo, Pe. Belmiro Amorim.



Ruínas do claustro do mosteiro.



Fotografia da torre do relógio (fachada Sul).



Vestígios da nave demolida.



Cruzeiro da igreja (incrição de 1260).



Fachada principal da igreja (Este).

Figura 12. Localidade de Ermelo e sua envolvente próxima | 12 de janeiro e 28 de abril de 2019.

É através das romarias presentes ainda nos dias de hoje que se demonstra a importância deste monumento para a vila de Arcos de Valdevez. Nesta recolha de conhecimentos da população local, e de registos escritos depreende-se que a lenda que chegou até hoje, perdeu alguma força no que diz respeito à tradição oral permanecendo maioritariamente em suporte escrito, tendo sido resgatada para fins turísticos numa vontade de conservar o edifício bem como a sua história popular. Ainda assim é possível encontrar diversos livros e dissertações³⁵ relativas à história deste lugar, quer sobre a sua antiguidade, quer sobre a sua recente recuperação e estudo arqueológico.

Relativamente à lenda recolhida do livro de António Manuel Couto Viana, *Lendas do Vale do Lima*, também esta acaba por se tornar numa nova versão da lenda de Ermelo, uma vez que o autor admite ter acrescentado ou modificado certas partes, sem nunca alterar o conteúdo principal da história. Ao concluir esta parte de observação, leitura e recolha de informação é este ponto que deve ficar vincado. A lenda, mais do que uma história popular, é uma sucessão e um encadeamento de diversas histórias, onde cada uma acrescenta algo de novo e que, mesmo que não seja “verdade”, ela torna-se verdadeira a partir do momento em que é contada e recontada.

35.

CARREIRAS, José Albuquerque. 2013. Mosteiros Cistercienses. História, Arte, Espiritualidade e Património. Atas do Congresso, Alcobaça, junho de 2012. Org. Mosteiro de Alcobaça, colab. Instituto Politécnico de Tomar. Jorlis, Alcobaça;

PEREIRA, Félix Alves. 1918. *Uma Fundação de D.Tareja (O Mosteiro de Ermelo) in O Archeologo Português*, vol. 23, Lisboa;

BRAZ, António Manuel da Silva. 2009. *O mosteiro e a igreja de Ermelo. Património Cisterciense esquecido no tempo*. Município de Arcos de Valdevez, Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, Braga;

NOGUEIRA, Sandra Conceição Silva. 2010. *O Mosteiro de Ermelo em Arcos de Valdevez. Um contributo para a sua história*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.



Figura 13. Enquadramento do Mosteiro em relação à localidade de Ermelo.

Reconhecer

De forma a entender o território físico para o mapear torna-se essencial percorrer o seu espaço e o seu tempo. Compreender as diversas transformações sociais, económicas e geográficas ao longo do tempo é fulcral para se perceber o território atualmente.

Reconhecer implica entender o território e a comunidade que nele habita, mas também conhecer o Mosteiro de Ermelo e a história que carrega desde a sua fundação através da relação física e social com as povoações vizinhas.

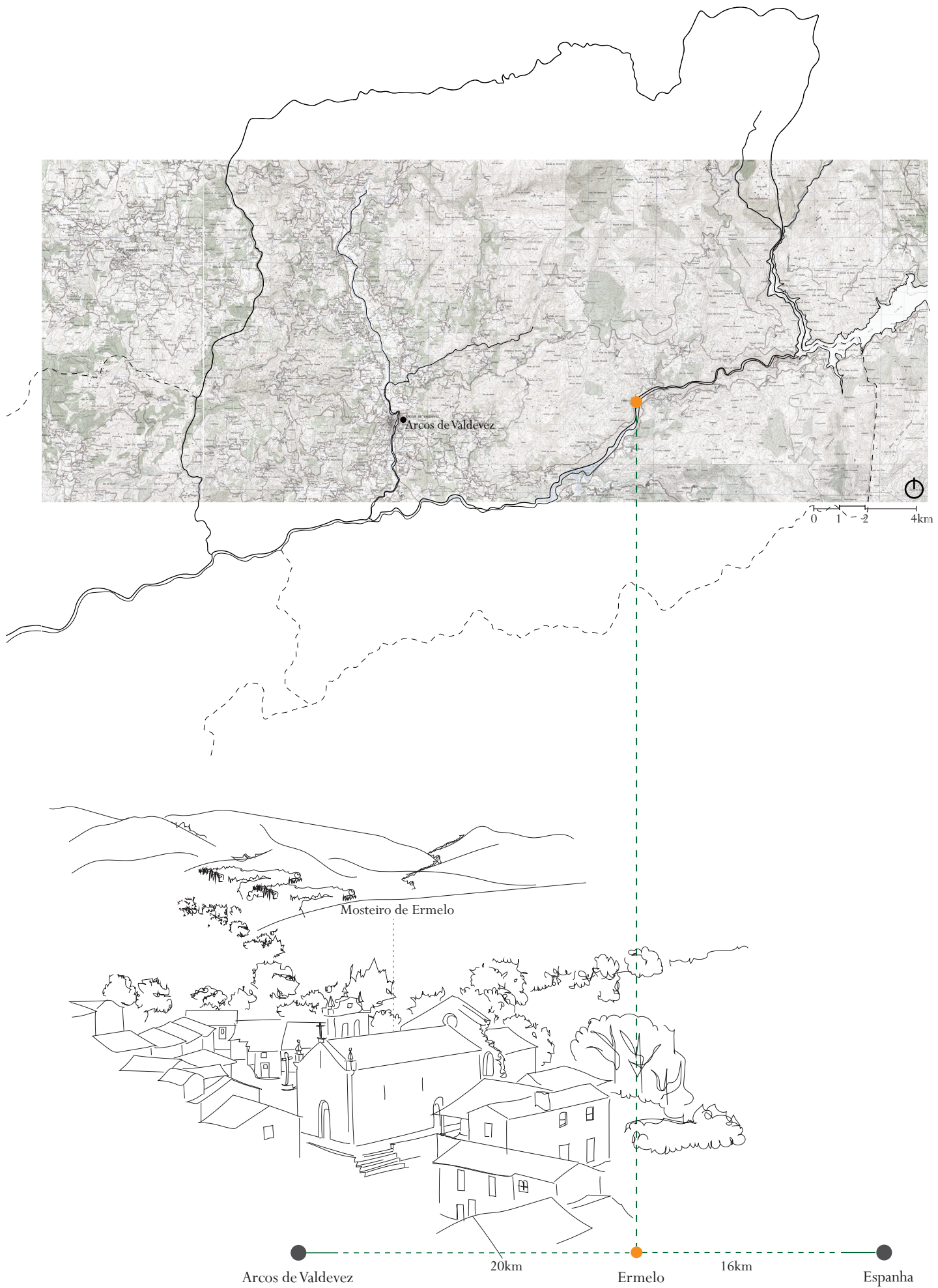


Figura 14. Localização da freguesia de Ermelo.

O território de Ermelo

A freguesia de Ermelo, presente União de Freguesias de São Jorge e Ermelo (a partir de 2013), situa-se no concelho de Arcos de Valdevez, distrito de Viana do Castelo. Esta localidade encontra-se junto ao rio Lima, confinante à Vila do Soajo e próxima da linha de fronteira do Parque Nacional da Peneda-Gerês. A sua proximidade com as cadeias montanhosas da Serra do Soajo, e a sua implantação nas abas do pico montanhoso do Outeiro Maior, tornam a paisagem “*severa e agreste*”³⁶ e isolada. As casas, pequenas e primitivas, crescem junto ao rio onde a água é abundante para o regadio, e onde é possível dispor as “*leiras em socalcos*”³⁷ mais facilmente.

Com uma população reduzida e envelhecida onde, segundo dados do INE³⁸, apenas 92 pessoas habitavam a freguesia em 2011, sendo que cerca de 60% possuía mais de 65 anos. A maior parte da população jovem encontra-se emigrada, fazendo com que Ermelo se volte a encher nos meses mais quentes. Dedicados à agricultura e à pastorícia, os habitantes moldam e trabalham o território de onde retiram o seu sustento, tal como faziam os monges que outrora ajudaram a fundar o mosteiro que é, atualmente, cartão de visita da aldeia. Esta caracteriza-se por estar concentrada em torno da igreja paroquial (antigo mosteiro de Ermelo), facto que se foi alterando com a dispersão das habitações após a construção do cemitério, em 1915, e com o número crescente de casas construídas pelos habitantes sazonais.

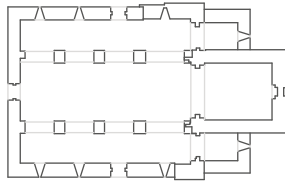
O envelhecimento da população acaba por se refletir nas vivências, na cultura e na riqueza de tradições deste povo. Uma terra onde os costumes religiosos estão ainda bastante presentes no imaginário popular através das suas romarias a São Bentinho (“*Temos aqui romeiros que vem de todo o lado. De Espanha...sem ser só no período da festa. E o padroeiro fazia certos milagres...e faz...faz!*”³⁹) e na crença da conceção de milagres aos devotos que todo o ano visitam o Mosteiro de Ermelo.

36. BRAZ, António Manuel da Silva, *op. cit.*, p.87.

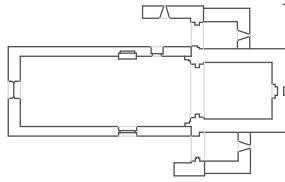
37. *idem*, p.90

38. Instituto Nacional de Estatística - Recenseamentos Gerais da População. (<https://www.ine.pt>)

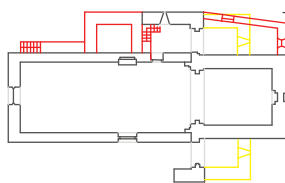
39. Apontamento da conversa com um habitante de Ermelo.



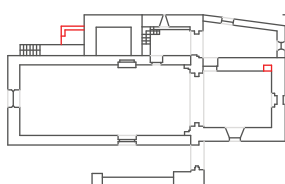
Projeto inicial de três naves.



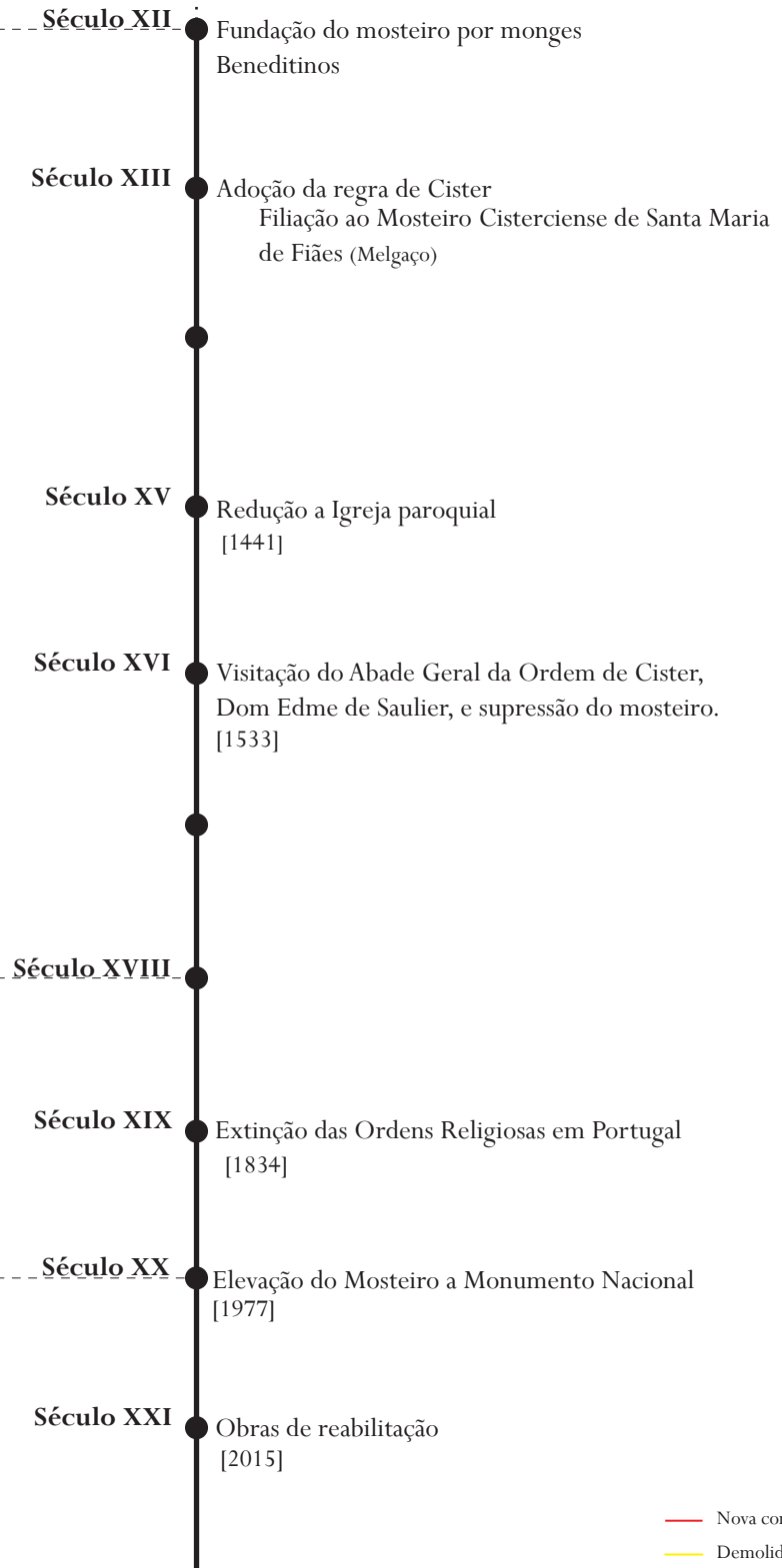
Redução a uma nave.



Demolição dos absidiolos e construção do campanário e da sacristia.



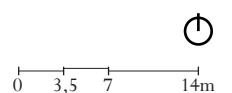
Construção da torre do relógio.



— Nova construção.
— Demolido.

* Esquemas da evolução construtiva baseados no estudo de António Manuel da Silva Braz.

Figura 15. Ermelo e o seu Mosteiro ao longo do tempo.



A história do Mosteiro

O mosteiro de Ermelo implanta-se a cerca de 50m da margem direita do rio, que abraça a freguesia de Ermelo, o Rio Lima.

A data precisa da sua fundação não é conhecida. Pensa-se ter sido erguido no início do século XII a mando de D. Teresa por monges beneditinos, e terá posteriormente, já no século XIII, adotado a Ordem de Cister, filiando-se ao mosteiro de Fiães. Contudo, existem outras versões acerca do início da sua construção.

Segundo documentos das Inquirições de 1220⁴⁰ (primeira referência ao Mosteiro de Ermelo), o mosteiro terá existido primeiramente em S. Pedro do Vale, freguesia vizinha de Ermelo, e só posteriormente terá sido transferido para a sua localização atual, tese que é reforçada por Félix Alves Pereira, altura em que faz um estudo de uma inscrição funerária⁴¹ de um confrade, D. Ordonho, descoberta em S. Pedro do Vale.

O que é defendido também, é que o mosteiro não terá surgido no século XII, mas sim no século seguinte, altura em que houve transferência do local de implantação e filiação com o mosteiro de Santa Maria de Fiães.⁴²

Apesar de toda a especulação e incerteza sobre o surgimento do cenóbio, os séculos seguintes não deixaram de ser instáveis. Em 1320, Ermelo era uma das seis paróquias que mais pagava renda nas terras de Távora e Arcos de Valdevez⁴³.

40. NOGUEIRA, Sandra Conceição Silva, *op. cit.*, p. 93:

"[1220] Inquirições de D. Afonso II no Julgado de Valdevez Nas Inquirições de D. Afonso II, em 1220, no Julgado de Valdevez, as testemunhas referem que o mosteiro de Ermelo foi construído inicialmente na freguesia de S. Salvador dos Arcos (c. Arcos de Valdevez), coutado pelo rei D. Afonso I e só mais tarde foi transferido para o lugar de Ermelo (c. Arcos de Valdevez).

"Item, in collatione Sancti Salvatoris d'Arcus. Martinus Abade prelatu, Alfonsus Suariz iudex, Alfonsino, Pelagius Michaelis, Silvester Johannis, Martinus Lupi, Petrus Alfonsi, Petrus Monaco, Dominicus Alfonsi, Martinus Petri, Petrus Petri, jurati dixerunt: que el rey non é padron. Item que é couto per padroes, et que o coutou Rey don Alfonso o primeiro (et aqui seive primeiramente o moesteiro d Armelo, et dixerunt que aqui o coutou el rey don Alfonso Iº, et o abbade et fratres sacarom no d aqui et poserom no in aquel logar que chamam Armelo)."PMH - Inquisitiones, Iª Alçada, pp. 388 e 389."

41. *idem*, p. 92.

"Inscrição funerária de um confrade- D. Ordonho, encontrada na freguesia de S. Pedro dos Arcos, actual freguesia de S. Pedro do Vale, Arcos de Valdevez.

[i]N HOC LOCUM REQUI / + ESSET FaMuLus XPI ORDO/ NIUS ConFarteR IN ERA"

42. O Mosteiro de Santa Maria de Fiães, localiza-se em Fiães, Melgaço. Do antigo mosteiro da Ordem de Cister resta apenas a igreja românica construída na primeira metade do século XIII. É Monumento Nacional desde 1977.

43. BRAZ, António Manuel da Silva, *op. cit.*, p.81.



Figura 16. Fachada Sul da Igreja de Ermelo | 28 de abril de 2019.

Algo que não aconteceu durante muito tempo devido às dificuldades económicas provocadas pelas guerras e doenças da altura, facto que fez com que a intenção de construir uma grande igreja de três naves nunca tenha sido levado avante (esquemas figura 15), tendo sido erguida apenas uma. Já em 1441, o mosteiro é reduzido a igreja paroquial por ser de “*muy poucas rendas*”.⁴⁴ Decisão que foi revogada em finais do século XV. Em 1533 aquando da visitação de Dom Edme de Saulier, Abade Geral da Ordem de Cister, [anexo 1], o edifício monástico é definitivamente suprimido por já se encontrar em estado de degradação grave.

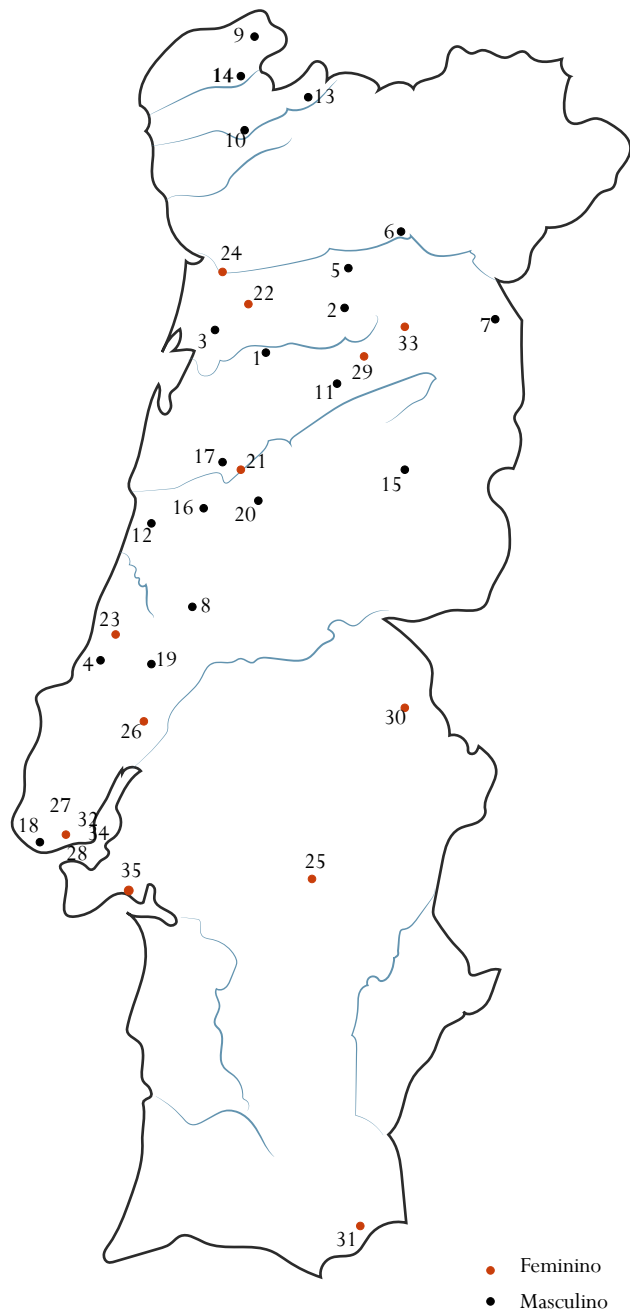
Ao longo dos séculos, e quase em ruínas, o mosteiro foi sofrendo algumas obras de restauro e de supressão do seu tamanho para ser possível a sua manutenção.

Atualmente, a igreja paroquial de Santa Maria de Ermelo e as ruínas do seu mosteiro são consideradas monumento de interesse nacional⁴⁵. A igreja encontra-se totalmente restaurada, e apta para continuar a albergar todos os devotos que lá fazem romaria.

Percorrendo a história deste monumento depreende-se que a arquitetura não é somente a estrutura que permanece intacta ao longo do tempo, arquitetura é todo o percurso histórico, social e construtivo que a obra fez, não só como objeto físico, mas também como parte integrante da comunidade. Assim, ao entender que a arquitetura é influenciada pelo seu contexto histórico, económico e social, seguidamente será analisada a Ordem que terá fundado o Mosteiro, a Ordem Cisterciense, as suas regras e o impacto que tiveram na implantação e construção dos seus edifícios.

44. BRAZ, António Manuel da Silva, *op. cit.*, p.82.

45. Categoria: MN - Monumento Nacional, Decreto n.º 129/77, DR, 1.ª série, n.º 226 de 29 setembro 1977 (http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5250)



1. S. Cristovão de Lafões
2. S. João de Tarouca
3. S. Tiago de Sever
4. Santa Maria de Alcobaça
5. Santa Maria das Salzedas
6. S. Pedro das Águias
7. Santa Maria de Aguiar
8. Santa Maria de Tomarães
9. Santa Maria de Fiães
10. Santa Maria de Bouro
11. Santa Maria de Maceira Dão
12. Santa Maria de Seiça
13. Santa Maria das Júnias
- 14. Santa Maria de Ermelo**
15. Santa Maria da Estrela
16. S. Paulo de Frades ou de Almaziva
17. Colégio do Espírito Santo ou de S. Bernardo
18. Nossa Senhora do Desterro
19. Colégio da Nossa Senhora da Conceição de Alcobaça
20. S. Mamede de Lorvão
21. Santa Maria de Celas
22. S. Pedro e S. Paulo de Arouca
23. Santa Maria de Cós
24. S. Salvador de Bouças
25. S. Bento de Cástris
26. Santa Maria de Almoester
27. S. Dinis de Odivelas
28. S. Bento de Xabregas
29. S. João de Vale Madeiro
30. S. Bernardo ou Nossa Senhora da Conceição de Portalegre
31. S. Bernardo de Tavira
32. Nossa Senhora da Nazaré do Mocambo
33. Nossa Senhora da Assunção de Tabosa
34. Nossa Senhora do Desterro
35. Real Mosteiro de Nossa Senhora da Nazaré da Vila de Setúbal

● Feminino
● Masculino

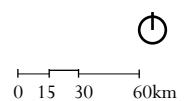


Figura 17. Localização dos mosteiros Cistercienses em Portugal baseado em *O esplendor da austeridade* de José Eduardo Franco.

A rota dos Cistercienses

A ordem Cisterciense⁴⁶, fixada em território Português a partir do século XII, tinha como base a valorização da oração e do trabalho (*ora et labora*) tal como tinha a ordem beneditina (ordem a partir da qual os cistercienses se ramificaram). O seu desapego por tudo o que era supérfluo e a sua singeleza refletia-se tanto na sua forma de viver, subsistindo com aquilo que a cultura e a natureza do local lhe davam, como na arquitetura despojada de elementos decorativos, privilegiando a economia de espaço e a funcionalidade. Os monges brancos geriam, por isso, o mosteiro com aquilo que era fruto da terra e do seu trabalho. Esta forma de viver fez com que tivessem de criar instrumentos e técnicas que os ajudassem nas suas produções, através de métodos de captação de água e técnicas agrícolas, o que os tornou mestres em inovações que, mais tarde, foram adaptados e utilizados pela população.

O local *afastado do mundo e dos lugares povoados, condições essenciais aos preceitos espirituais e à prática da ascese*⁴⁷ justificam a escolha deste lugar. A relação estreita com a água era primordial para que o mosteiro pudesse sobreviver, sendo mais fácil o sistema de irrigação para a produção agrícola e consequentemente a diminuição dos seus custos. O estabelecimento de um mosteiro era um processo complexo pela quantidade de factores que eram necessários reunir, que vão desde questões económicas, de poder e jurisdição, até questões de fertilidade do solo que ditariam a subsistência da comunidade. Assim, a localização destes cenóbios, tal como o de Ermelo, podia perfeitamente ser alterado caso houvesse escassez de água ou má qualidade das terras, não gerando condições de fertilidade dos solos para o sustento dos monges.

Ainda que a principal característica desta ordem fosse a construção dos seus mosteiros em locais afastados e isolados, a sua presença viria sempre a ter um grande impacto no território, sendo um grande estimulador da ocupação e desenvolvimento de comunidades em redor destes edifícios.

46. Fundada em 1098, por Robert de Molesme, perto da cidade de Dijon (França), a ordem de Cister é uma ordem monástica católica. Com o intuito de reformar a Ordem de São Bento, que se achava estar corrompida pela sociedade feudal, um grupo de monges beneditinos decidiu fundar um novo ramo onde se priorizava a pobreza, a solidão, o trabalho manual, a simplicidade e devoção a Maria. Devoção essa que fez com que as suas vestes fossem brancas, ficando também eles conhecidos como monges brancos. A ordem cisterciense expandiu-se por toda a Europa, inclusivamente Portugal, onde nasceram dezenas de mosteiros, sendo o de Alcobaça o maior exemplo nacional. (https://www.snpcultura.org/ordem_cister_heranca_cultural_portugal_europa.html)

47. BRAZ, António Manuel da Silva, *op. cit.*, p.90.

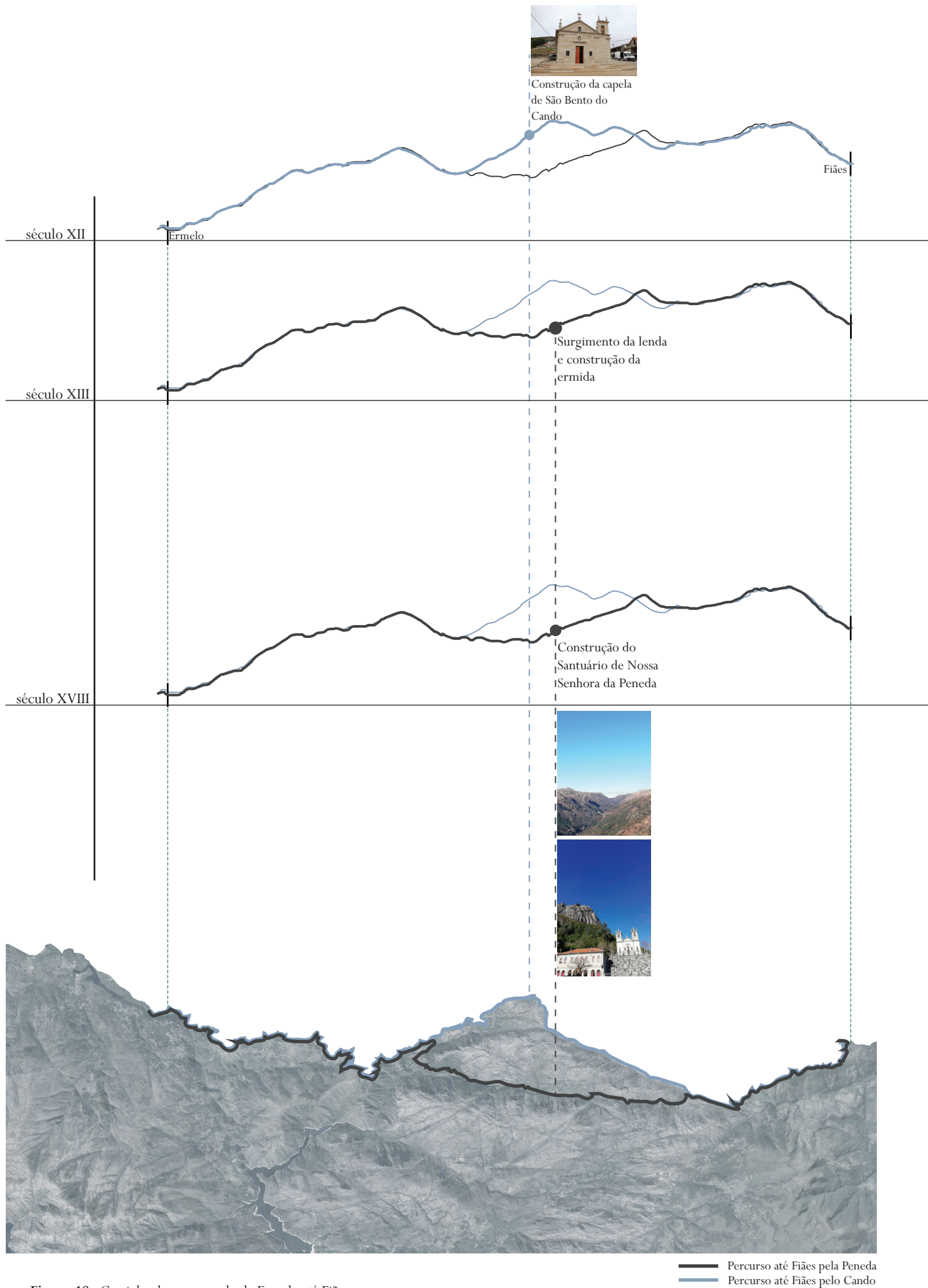


Figura 18. Caminho dos monges desde Ermelo até Fiães.

A via medieval, utilizada pelos monges brancos, que ligava o mosteiro de Ermelo à sua casa-mãe, o Mosteiro de Fiães em Melgaço (figura 18), é o impulsionador de histórias, lendas e construções. Estas ligações eram extremamente importantes para o desenvolvimento económico e social das localidades. E é no percorrer dos caminhos e serras sombrias que nascem as lendas e os mitos de mouras, lobisomens e fontes sagradas com poderes curativos, que com o passar do tempo, muitas vezes, se transformam em castelos, capelas ou igrejas que, hoje em dia, se tornaram os pontos mais importantes patrimonialmente desses lugares.

É exemplo o caso do Santuário de Nossa Senhora da Peneda-Gerês que ganhou a sua atual dimensão devido à sucessiva passagem dos monges cistercienses de Ermelo a fim de chegarem a Fiães. A ativa travessia por este lugar no século XII, deu força a que se pense que já no século XIII existisse um pequeno espaço de culto em honra de Nossa Senhora⁴⁸ em consequência da narrativa associada a este sítio. No século XVIII e início do século XIX, este local ganha ainda mais importância com a construção de um santuário de grandes dimensões, um extenso escadório e 20 capelas representativas da vida de Cristo. Este santuário tornou-se, assim, um dos mais importantes e mais visitados do Norte de Portugal, alimentado pela sua romaria e mística que todo o cenário natural envolto em lenda proporciona.

A fundamentação da construção deste edifício religioso, presente na página seguinte, também se encontra em forma de lenda de Nossa Senhora das Neves ou apenas como lenda da Peneda. É possível, assim, entender a importância que estes caminhos trilhados e percorridos apenas com o intuito de chegar a outro ponto do mapa, podem ter para a construção do espaço físico impulsionado por histórias e lendas populares.

48. Município de Arcos de Valdevez/ Santuário de Nossa Senhora da Peneda.
(https://www.cmav.pt/pages/1946?poi_id=657)



Figura 19. Ilustração das lendas da Senhora da Peneda.

A lenda da Penêda

“Eis a sua lenda: em 5 de agosto de 1220, uma joven serrana, pastoreava o seu rebanho, de cabras, por entre aquelles penedos, quando uma pomba principiou a esvoaçar em volta da pegureira. Era a Santissima Virgem, que tomára a fôrma d’aquella terna e formosa ave, para lhe dizer que queria aqui ter um templo.

Quando á tarde a rapariga se recolheu com o seu rebanho, contou aos paes o que lhe tinha acontecido, mas elles não lhe deram crédito.

No dia seguinte, estando a pastora junto á lapa, viu n’ella, não a pomba, mas uma imagem da Senhora, que lhe disse – «Já que te não acreditaram, minha filha, vae ao logar de Roussas (da mesma freguezia da Gavieira) e dize aos moradores, que tragam aqui uma mulher que está entrévada ha 18 annos, chamada Domingas Gregoria.» A menina obedeceu e o povo trouxe a doente, que, apenas viu a santa imagem, ficou com perfeita saude.

Comovidos por tal maravilha, decidiram logo construir um altar á Santissima Virgem, mas, como aquelle sitio era em demasia agreste e alcantilado, principiam a obra, em sitio menos aspero, distante uns 400 metros da lapa, e junto de uma ribeira que desagúa no Lima.

Collocada a imagem no seu altar, era este achado sem ella, no dia seguinte, por ter fugido para a lapa. Tantas vezes se repetia isto, quantas a imagem foi posta no altar; pelo que resolveram erigir uma nova capella, no logar do apparecimento, aplanando quanto foi possivel as immediações da lapa, fazendo uma vasta ermida, com sua capela-mór, e com capacidade para mais de 300 pessoas.

Esta é a lenda mais geralmente admittida; porém o padre Carvalho, traz outra na sua Chonografia – é a seguinte: um criminoso, natural de Ponte do Lima, para escapar á acção da justiça, e ao justo castigo dos seus crimes, fugira para estas brenhas, e alli, arrependido d’elles, não cessava de pedir perdão a Deus, e invocar a protecção da Virgem; que, commovida do seu arrependimento e penitencia, lhe appareceu na tal lapa.”⁴⁹

49. Lenda da Penêda. (<https://lendarium.org>)



Figura 20. Pela Serra do Soajo | 28 de abril de 2019.

Percorrer

*“Da atividade de caminhar através da paisagem para inspecionar o rebanho deriva um primeiro mapeamento do espaço, bem como a atribuição de valores simbólicos e estéticos do território que levará ao nascimento da arquitetura da paisagem”.*⁵⁰

A lenda percorre o território e, através dela, dá-se a conhecer. As gentes, os modos de viver e os recantos que parecem ter ficado esquecidos na história, mas que através destas narrativas se perpetuam e se impõem.

A história do Mosteiro de Ermelo não começa quando a primeira pedra foi colocada, mas sim a partir do momento que D. Urraca parte em busca do local ideal com o desejo de o fundar. Desta história não fica apenas guardado na memória popular a presença física do edifício, mas também todos os locais por onde a princesa passou, repousou e tencionou construir o mosteiro.

50. CARERI, Francesco, *op. cit.*, p. 36.

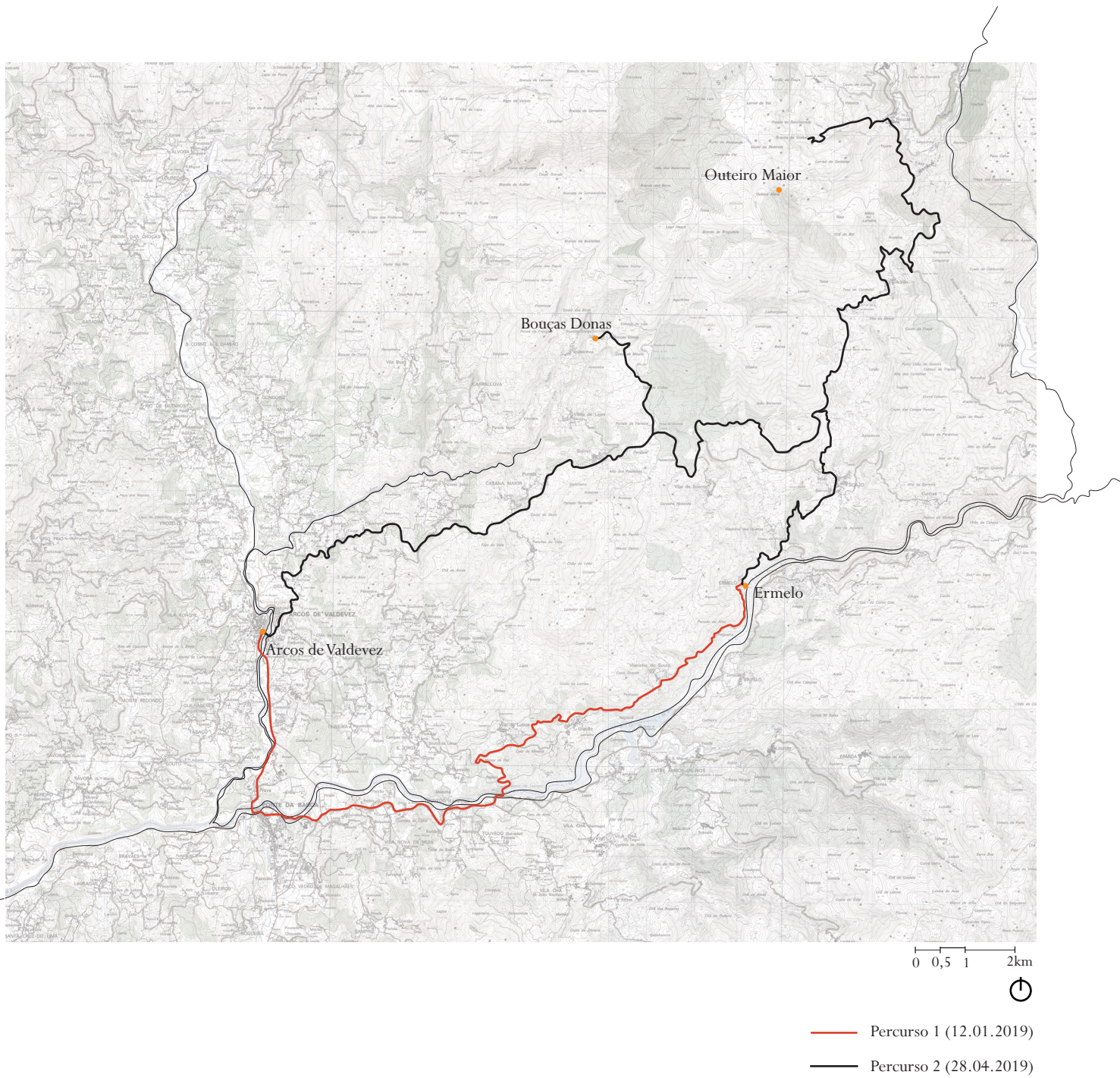


Figura 21. Mapa de percursos realizados a 12 de janeiro e 28 de abril de 2019.

O território lendário

Para se iniciar o estudo do percurso lendário do Mosteiro de Ermelo, foi feita inicialmente uma visita ao local no dia 12 de janeiro de 2019 (percurso 1) sem trajeto previamente definido (figura 21). Esta primeira aproximação ao caso de estudo pretende fazer um reconhecimento da comunidade e do seu mosteiro, para além de se ficar a conhecer a forma mais habitual de se chegar a Ermelo via automóvel. Foram 18 km percorridos desde o centro da Vila dos Arcos de Valdevez sempre nas proximidades do rio Lima e do seu afluente, o rio Vez.

No dia 28 de abril (percurso 2) foi realizado o segundo itinerário, com base nos locais de paragem da princesa Urraca ao longo do seu percurso na lenda. Num total de cerca de 83 km percorridos de automóvel pelas estradas municipais e camarárias, este trajeto apresenta-se bastante diferente do primeiro, sendo predominante a paisagem montanhosa da Serra do Soajo de elevada altitude e variação altimétrica. O número de km aumenta significativamente no percurso automóvel, pois não há possibilidade de utilização de atalhos tendo em conta a geografia do terreno.

Ao longo do percurso, e começando já a subir a Serra do Soajo, vislumbra-se uma paisagem agreste que molda a disposição dos pequenos vilarejos, que vão diminuindo à medida que se chega ao topo da montanha e se vão tornando cada vez mais isolados. As estradas, em boas condições com o aumento do turismo de natureza, são constantemente invadidas por cavalos selvagens ou vacas cachenas (raça autóctone) que contribuem para paragens constantes para um maior desfrute da paisagem.



Figura 22. Mapa lendário. Análise e registo fotográfico do percurso automóvel a 28 de Abril.



1



2



3



4



5



6



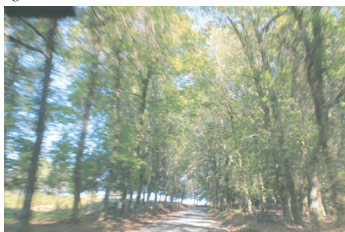
7



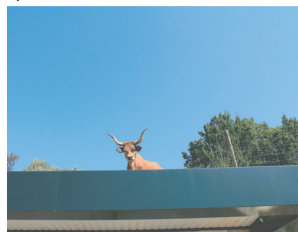
8



9



10



11



12



13



14



15



16



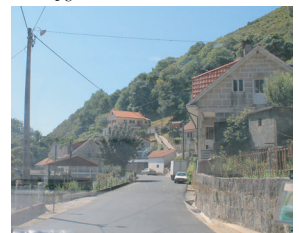
17



18



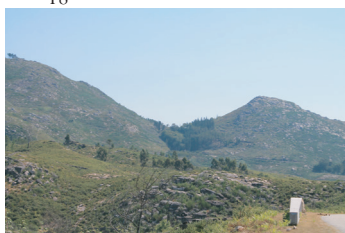
19



20



21



22



23



24



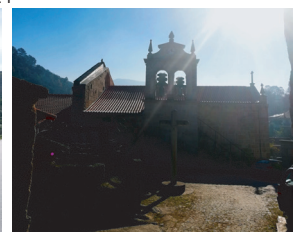
25



26



27



28



29



30

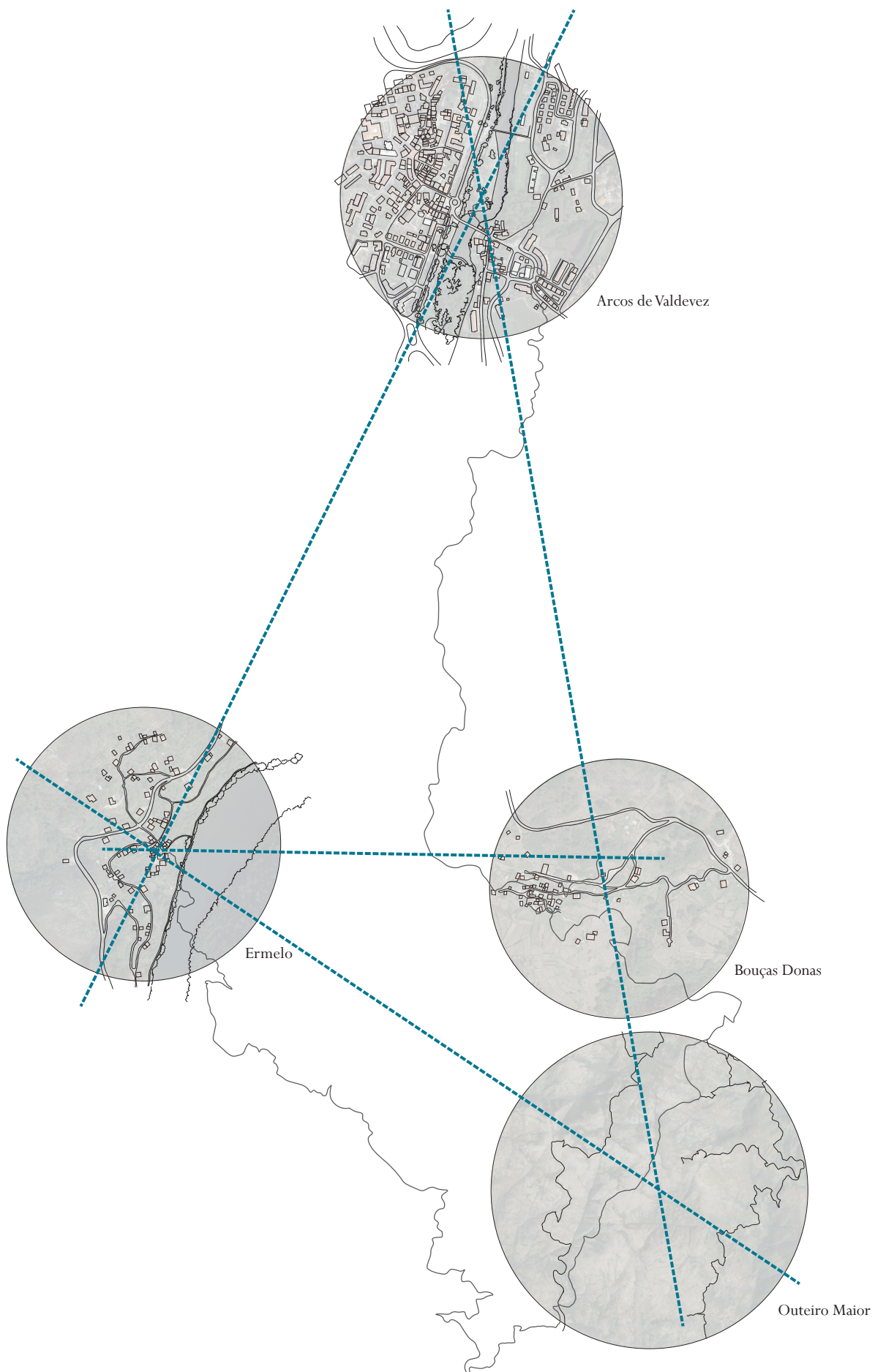


Figura 23. Lugares por onde passou a lenda.

Tendo como princípio de que D. Urraca e seu pai⁵¹ se encontravam no centro da Vila de Arcos de Valdevez, esta partiu com os seus criados em direção à Serra da Peneda. Na sua jornada ia fazendo o seu descanso e parando “*ora aqui, ora ali*”⁵². Um dos locais escolhidos para repousar e único referido nesta lenda é o lugar de Bouça- Donas.

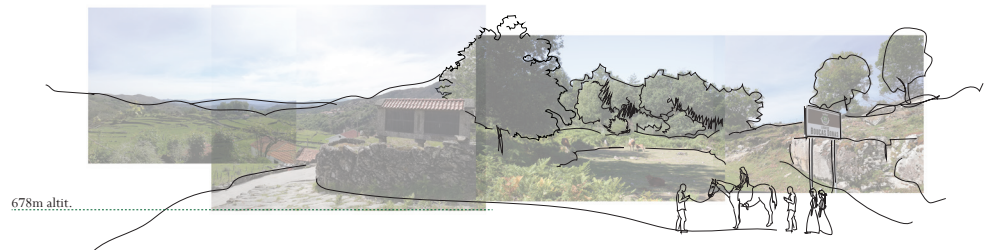


Figura 24. Chegada de Urraca a Bouças Donas.

Uma dessas paragens chama-se ainda, Bouças Donas, lembrando o “arvoredo onde D. Urraca e as suas aias repousaram, abrigadas do Sol ardente”⁵³.



Figura 25. Amélia e Maria, lugar de Grade | 28 de abril de 2019.

Ao percorrer este “território lendário” é possível encontrar testemunhos orais que confirmam e reforçam a ideia de que a lenda percorreu este local: “*Contam os antigos que havia uma princesa que queria fazer um castelo, e então ficou como Bouças Donas por isso. Era a dona que queria lá contruir (...). Deve ser porque em algum sítio devem ter encontrado muitas pedras que ficaram a achar...*”⁵⁴ No *Archeologo Português* existe também referência a este lugar por o mesmo ter adquirido toponímia quando “*uma princesa quis fundar um convento, juntamente com outras donas que a acompanhavam, no alto da serra (...)*”⁵⁵.

51. Ordonho II da Galiza e Leão cerca de (c. 871 - 924), foi rei da Galiza (910-924) e de Leão (914-924). Rei Afonso III das Astúrias, seu pai, terá repartido o seu reino pelos três filhos tendo Ordonho II ficado como Rei da Galiza. Pela morte sem herdeiros do seu irmão Garcia I de Leão, que herdara Leão, Ordonho II assumiu também este reino.

52. VIANA, António Manuel Couto, *op. cit.*, p.77.

53. *idem*.

54. Apontamento da conversa com as amigas Amélia e Maria da freguesia de Grade. Percorrem o lugar de Bouças Donas aos domingos na distribuição da comunhão pelos poucos habitantes que ainda restam.

55. PEREIRA, Félix Alves, *op. cit.*, p.157.

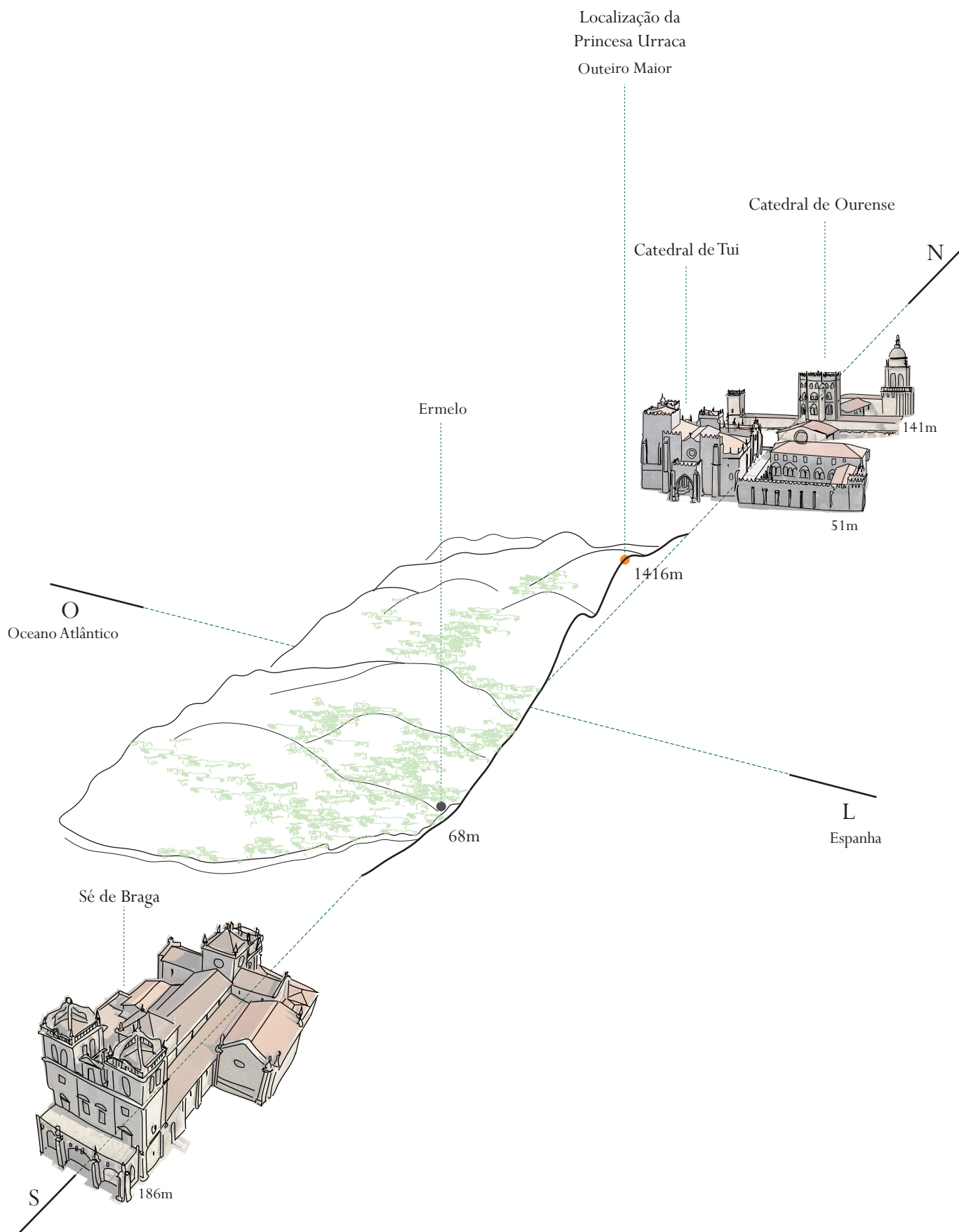


Figura 26. O que vê Urraca do local de implantação do Mosteiro.

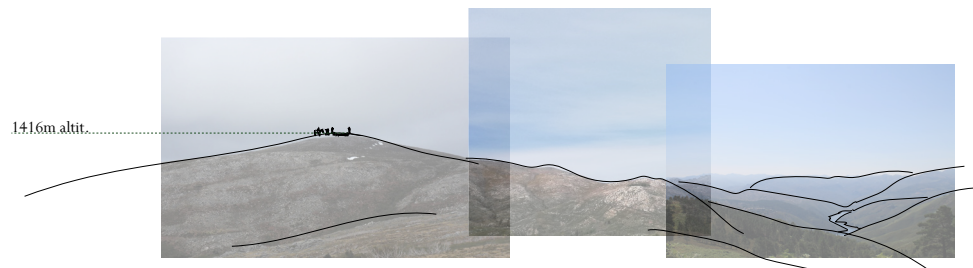


Figura 27. Chegada da princesa a Outeiro Maior.

*“Junto à vila do Soajo, onde se aconchegavam algumas casas de pedra e colmo, achou lugar apropriado para edificação do Mosteiro e logo contratou pedreiros para lhe abrir os alicerces”.*⁵⁶

No alto da Pedrada em Outeiro Maior, ponto mais alto da Serra do Soajo, que se encontra a uma altitude de 1416m, diz-se que restam ruínas da edificação começada por Urraca⁵⁷. Do local “- Vemos Bracara, a que foi Augusta, e, lá ao longe, o mar onde o rio se espria e o Sol se esconde. Acima vemos Tui e Orense, e no horizonte do Sol Nascente muitas serras onde a vista acaba por perder-se”⁵⁸ (figura 26). Talvez o seu afloramento rochoso abundante terá levado à vontade de se erguer tal edifício, bem como a abrangência da sua paisagem.

Contudo, a princesa teve de descer a montanha e, junto ao rio Lima encontrou lugar para edificar o seu mosteiro (figura 28).



Figura 28. Construção do mosteiro em Ermelo.

56. VIANA, António Manuel Couto. *op. cit.*, p.77.

57. PEREIRA, Félix Alves, *op. cit.*, p.158.

58. CALDAS, Eugénio de Castro. 1994. *Terra de Valdevez e montaria do Soajo*. Ed. Verbo, Câmara Municipal de Arcos de Valdevez, p.60.

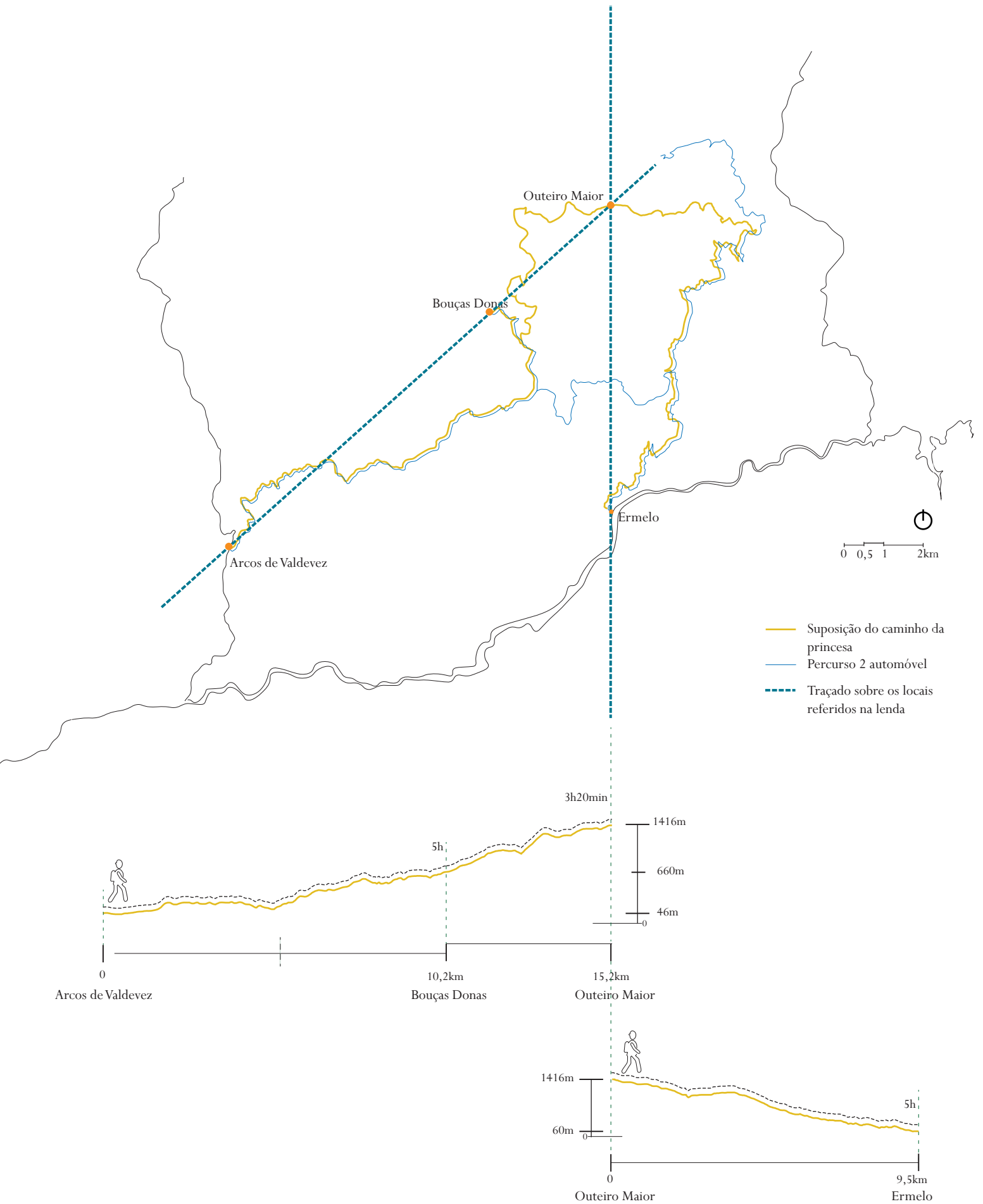


Figura 29. Análise das relações entre os vários lugares da lenda.

Ao percorrer o território, regista-se a história do povo, e mapeia-se um novo território, um percurso que, até então, não tinha sido pensado e/ou desenhado. Ao fazer este caminho criam-se conexões e conhecem-se relações com outras lendas e realidades, que podem ao longo do tempo ter sido confundidas, agregadas, e adicionadas partes.

A lenda do Mosteiro de Ermelo, não dá apenas indicação do seu lugar de implantação, consegue também dar algumas pistas sobre o território envolvente ao mosteiro. Os locais relatados, como é o caso do Outeiro Maior, e do lugar de Bouças Donas, acabam por fazer parte desta história, quer seja pela sua introdução na narrativa do percurso da princesa, quer através do seu posicionamento geográfico.

Tendo em conta que o percurso realizado de automóvel por estradas camarárias não corresponde ao real trajeto feito pela princesa, foi traçada uma linha imaginária sobre os pontos de paragem de Urraca que poderá corresponder a um percurso mais acertado. Olhando para a figura 29, pode reparar-se que os lugares por onde a princesa passou e escolheu para erguer o seu convento se encontram alinhados, bem como o alinhamento a norte de Outeiro Maior e de Ermelo.

A hipótese de um traçado prévio do caminho antes de Urraca o começar pode ser levado também em conta calculando o tempo que a princesa e as suas aias demoraram a percorrer o território, correspondendo àquilo que é descrito na narrativa. Tendo em consideração as condições de terreno e o peso transportado, a velocidade média de uma pessoa é de 4km/h. Para um cálculo mais rigoroso do tempo do percurso é necessário ter em atenção a variação altimétrica, que neste caso é bastante acentuada. Para isso é fundamental executar os próximos passos:

- Cálculo de tempo de deslocamento na vertical (onde em média é necessário 1h para vencer 300m de desnível positivos e 1h para 500m de desnível negativo);
- Cálculo de tempo de deslocamento da horizontal (média 4km/h)
- Cálculo da metade do menor valor dos dois percursos (vertical e horizontal).

- Soma dos dois valores, dando assim o tempo médio que é preciso para se concluir o percurso.

Tem-se, então, que Urraca demorou cerca de 5h a chegar a Bouças Donas, chegando a meio do dia, onde o Sol era *ardente*; seguindo depois caminho até ao pico da serra, num percurso que lhe terá levado cerca de 3h20min. Tendo que deixar o local e partir para local ermo, a princesa terá percorrido por volta de 20km num trajeto descendente, que lhe terá levado 5h até encontrar o lugar de Ermelo e aí construir o mosteiro.

“A presença física do Homem num espaço não mapeado e o variar das perceções que daí ele recebe ao atravessá-lo, é uma forma de transformação da paisagem que, embora não deixe sinais tangíveis, modifica culturalmente o significado do espaço e, conseqüentemente, o espaço em si, transformando-o em lugar.”⁵⁹

Ainda que não se consiga comprovar a data de construção do Mosteiro de Ermelo, bem como a ordem religiosa que o fundou, é possível fazer pontes entre aquilo que é contado pela memória popular e a presença física do edifício no território do Vale do Lima.

O lugar de implantação parece estar intrinsecamente ligado com a forma como a Ordem Cisterciense vivia e se relacionava com a água. E essa ideia pode ser retirada e interpretada pela mudança de local de construção que a princesa Urraca fez, a mando do rei, para um local ermo, junto ao rio, estando de acordo com as regras monásticas da ordem, que davam valor ao recolhimento, à vida sem luxo e à autossuficiência, onde a proximidade aos cursos de água eram fundamentais para a produção agrícola e para a manutenção de um complexo monacal fechado em si próprio.

A suposta transferência do local da edificação do alto da Serra do Gerês, referida na lenda, onde a princesa e as suas aias passaram e iniciaram a estrutura deste, acaba por ser questionada e posta em hipótese na história real do mosteiro. As conjeturas sobre o complexo monástico ter, de facto, sofrido uma mudança de local de São Pedro do Vale para a freguesia de Ermelo, não é totalmente consensual, uma vez que se pode tratar

59. CARERI, Francesco, *op. cit.*, p.51.

apenas de questões de jurisdição dos mosteiros e questões políticas e de poder. Contudo as semelhanças entre a narrativa e os pressupostos históricos podem ajudar a reforçar a ideia dessa transferência.

Hoje, ainda que só restem vestígios do mosteiro, este continua presente na lembrança e no quotidiano da população. Marca o território, enaltece e potencia a pequena e isolada comunidade de Ermelo no panorama geral da região do Vale do Lima.

Da história oral, sobre a forma como este edifício foi construído e o porquê, pouco sobreviveu. São mais os registos escritos que chegaram aos dias de hoje para perpetuar a lenda.

Ainda assim, são estas lendas, que atravessando gerações, ajudam a manter de pé a igreja e a memória de algo muito maior que existiu naquele lugar. É por isso, essencial considerar que mais do que uma construção, o mosteiro de Ermelo é o território que o envolve, todas as escolhas tomadas e um lugar humano, onde a comunicação oral deve ser valorizada e tida em conta culturalmente e arquitetonicamente.

Estudando a informação sobre as lendas relacionadas com a construção deste edifício religioso, é possível fazer uma representação daquilo que foi recolhido revelando o lugar da lenda, o lugar imaginado, que percorreu gerações. E que apesar de poder não corresponder à realidade e ao lugar material, são e representam um território que integra a imagem mental das comunidades.

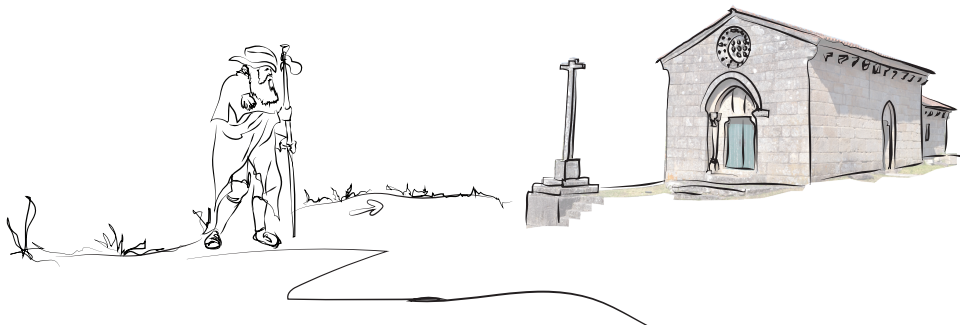


Figura 30. Lenda de Santo Abdão.

Capítulo II

Pelos caminhos de Santiago

Recolher

“O que distinguiu a espécie Homo Sapiens dos outros seres do género «homo» é a nossa capacidade de contar histórias. (...) As histórias uniam os grupos. Davam-lhe a coesão social necessária à sobrevivência colectiva. Cada homem e mulher participava de um grupo. Não era somente a necessidade de sobrevivência quotidiana que unia o «homo sapiens».”⁶⁰

Esta capacidade inata à espécie humana de contar histórias reflete-se, não só na sua relação interpessoal, mas na forma como construiu o mundo. As influências criadas pelas narrativas modificam a perceção do espaço, alteram a forma como se olha e sente o território.

60. GONÇALVES, Luís Jorge Rodrigues. 2014. *Contar Histórias é preciso. Alter Ibi*, 1: 13 - 18. Faculdade de Belas-Artes, Universidade de Lisboa, p.14.



Figura 31. Capela de Santo Abdão.

A lenda de Santo Abdão

“Sabede que huun omme boõ de santa vida, fui en rromaria a Santiago; et avia nome Audon; et pois que ouve sua rromaria acabada, entrouse ao Reyno de Portugal, et chegou a huun couto de Santiago que ha nome Cornelloa que jaz cabo do rio a que chaman Limia, et pousou en casa de huun lavrador que avia nome Agomiño et jouve y moyto doente tres dias; et porque entendeu que se chegava o dia da sua morte, enviou aquel seu ospede aos clérigos que o levasen, aa iglesia d’y, ca seeria proveyto da iglesia se o asi fezesem. Et os clérigos quando esto oyron, huun d’eles que avia nome Martiño, preguntou se tregia diñeiros segundo os clérigos soen fazer; et desque souberon que non tragia senom o bordom, e esportela et huun-a saya, disseron ao ospede que se quisesse ou podese que o levase aa iglesia, et eles que o reçoerian deboamente; et el enton volveuse para sua casa e por lo miragre de Deus achou hunn asno et poseo en el et levoou alo e deyto en huun leito, et el pedio o corpo de Deus; et quando vio que llo tragian deitou-se en terra et rreçoebro com gran devoçon et com grandes lagrimas. Et en outro dia aa tarde leixaronno soo en no leito traballando con a morte; et aa mea noyte acharonno jazer en terra morto e volto contra Oriente, segundo he acostumado dos cristiãos; et esto foy cinco dias ante janeiro, em dia dos yoçentes, en no anno da encarnaçon de mil et çento e triinta anos.

Ora, mal o romeiro deu a alma ao Criador, as crianças puseram-se a gritar: Oudom, santo de Deus, ajuda-nos! E fez muitos milagres.

Na cerraçon da noite, Mendo, um bom clérigo, viu luzes sobre o seu túmulo, Ega, boa mulher amiga de Deus, notou o mesmo. E Paios tomou uma candea e disse desta maneira:

“Oudom, se tu es santo e amigo de Deus, fays que se acenda esta candea por si; - et a candea foy logo acesa”.⁶¹

61. MARTINS, Mário. 1957. *Peregrinações e livros de milagres na nossa Idade Média*. Broteria, 2ª edição Lisboa. pp. 171-171. [versão traduzida anexo 2]



Figura 32. Jaume Huguet, "S. Abdon e S. Sennen", (1459-1460).

A antiguidade deste templo religioso românico, dificulta a conservação da sua lenda sob forma de comunicação oral, sendo por isso difícil encontrar habitantes que conheçam a história e a narrativa que está por trás da sua construção. A lenda é, por isso, mais facilmente encontrada em documentos relacionados com Santiago de Compostela e por escritores e historiadores da região.

A narrativa da construção da capela de Santo Abdão, retratada anteriormente (p.83), encontra-se escrita no livro “*Os mirages de Santiago, version gallega del siglo XIV*”⁶², e que Mário Martins transcreve na íntegra em “*Peregrinações e livros de milagres na nossa Idade Média*.” Contudo, todas estas réplicas se baseiam no “*Codex Calixtinus*” ou “*Liber Sancti Jacobi*”, um conjunto de manuscritos do século XII (1130- 1160) redigido por vários autores e que serviu como guia para os peregrinos de Santiago, contendo conselhos, descrição dos percursos, locais a visitar, histórias sobre Santiago e narrativas de milagres dos caminhos. L. Figueiredo da Guerra, no seu livro “*A capella de Santo Abdão*”⁶³, refere uma versão um pouco diferente da lenda original. Abdão, peregrino italiano, terá chegado à Correlhã com mais dois companheiros. Abdão, não querendo terminar a sua caminhada até Santiago de Compostela, ali decidiu ficar a viver como ermita. Aquando da sua morte, terá sido sepultado onde posteriormente lhe terão erguido a capela em honra de seu nome pelos bons atos que praticou durante a sua estadia na localidade. Já Félix Alves Pereira, na revista “*Archeologo Português*”, especula a passagem deste santo por terras da Correlhã, tendo em conta que “*S.to Abedão e S. Sennes foram dois mártires sacrificados (...) no consulado do imperador romano Décio em 250 ou 258. (...) Depois do martírio, os seus corpos foram recolhidos em catacumbas do cemitério de Ponciano...*”⁶⁴

A lenda ficará sempre associada ao *lugar*, e ainda que não faça sentido na sua sobreposição com os acontecimentos históricos, esta narrativa é uma explicação possível do surgimento desta construção.

62. LÓPEZ-AYDILLO, Eugenio. 1918. *Os mirages de Santiago:Version gallega del codice latino del siglo XII*, atribuído al Papa Calisto II. Imprenta Castellana, Universidad de Valladolid.

63. GUERRA, L. de Figueiredo da. 1924. *A Capella de Santo Abdão na Correlhã*. A Aurora do Lima, Viana do Castelo, p.13.

64. PEREIRA, Félix Alves. 1927-1929. *Jornadas de um curioso pelas margens do Lima: Estudos do Alto Minho in O Archeologo Português*, vol. 28, Lisboa, pp. 43-44.



Figura 33. Fotografia do adro da Igreja de S. Tomé e capela de Santo Abdão | 29 de agosto de 2019.

Reconhecer

A história lendária da localidade da Correlhã e da sua capela românica são o ponto de partida para um melhor entendimento do lugar. As lendas podem ser reveladoras das características do lugar físico e, para isso, antes de tudo, é necessário estudar a sua história, perceber quem por lá passou e as marcas que deixou.

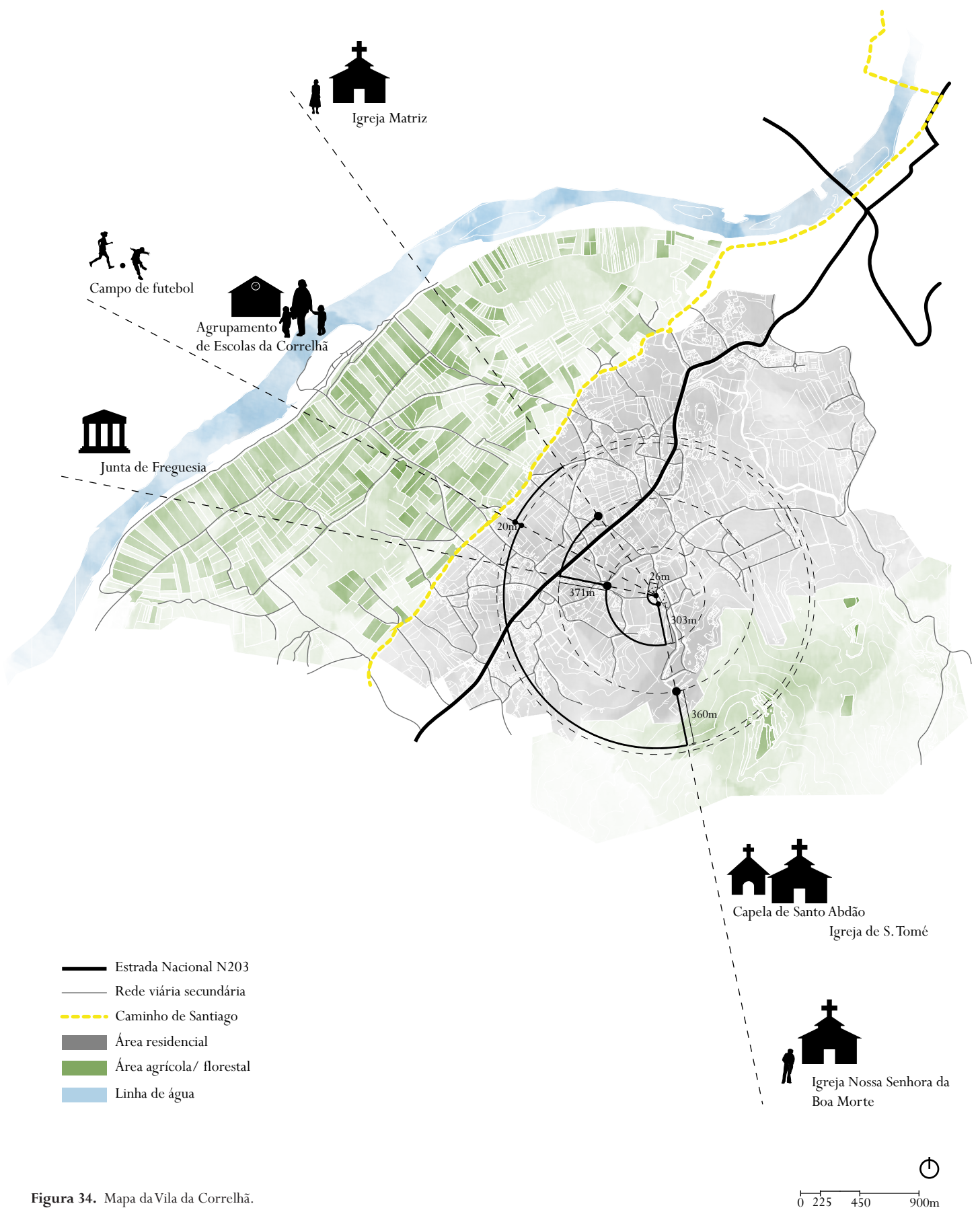


Figura 34. Mapa da Vila da Correlhã.

O território da Correlhã e a capela de Santo Abdão

A freguesia da Correlhã, pertence ao concelho de Ponte de Lima e localiza-se na margem esquerda do Rio Lima, “a dous kilometros, a jusante da ponte de pedra, onde passava a –Via Romana- de Braga para Tuy, e que lhe vinha atravessar os limites”⁶⁵. A sua toponímia “... deriva evidentemente do proprio latino- CORNEEIUS-, depois adjectivado na forma feminina- CORNELIANA-, da família a que primitivamente pertencera esta Villa.”⁶⁶

José Ribeiro, no seu *Ensaio Monográfico da Correlhã*, refere que após os romanos, este território terá sido dominado pelos Árabes durante cerca de duas centenas de anos. Menciona também a conquista aos Mouros em 914 pelo Rei Ordonho II, rei de Oviedo e Leão, e a sua posterior doação logo no ano seguinte aos bispos de Santiago de Compostela como pagamento de uma promessa do seu pai Afonso III.⁶⁷ Esta doação terá trazido benefícios aos seus habitantes e terá elevado a Correlhã a *Villa* em 1064. Em 1420, o bispo de Compostela terá vendidos todos os direitos a D. Pedro (Conde de Barcelos), passando a pertencer à Casa de Bragança.⁶⁸ Só em 1834 terá sido anexada como freguesia do concelho de Ponte de Lima depois da extinção dos coutos.

Em termos demográficos, a localidade da Correlhã possui uma área de 8,04 km² e até 2011 podiam ser contabilizados 2936 habitantes (segundo dados do INE⁶⁹). Considerada uma das mais antiga do concelho, esta freguesia foi elevada a vila em 1907. Relativamente à sua geografia e organização territorial, apresenta uma separação clara, acentuada pela passagem da estrada nacional N203, entre zona residencial e a área agrícola (figura 34), onde não faltam “as agras, as veigas, os linhares, os pomares, os campos socalcados, os vinhedos, as cortinhas, os soutos e naturalmente os matos”⁷⁰, que se prolongam até ao rio. Dentro dos limites geográficos da freguesia encontra-se também parte do Monte da Nó, com vista privilegiada sobre o Vale do Lima, onde foi construído o santuário da Boa Morte, monumento religioso mais visitado da vila da Correlhã.

Em relação ao património construído, destacam-se a antiga igreja paroquial, a Igreja de

65. GUERRA, L. de Figueiredo da, *op. cit.*, p.5.

66. *idem.*

67. RIBEIRO, José Luís de Sousa. 1996. *Ensaio Monográfico da Correlhã*. Centro Paroquial e Social de Fontão, Viana do Castelo, p.131.

68. *idem.*, p.196.

69. Dados do INE (<https://www.ine.pt>)

70. RIBEIRO, José Luís de Sousa, *op. cit.*, p.136.

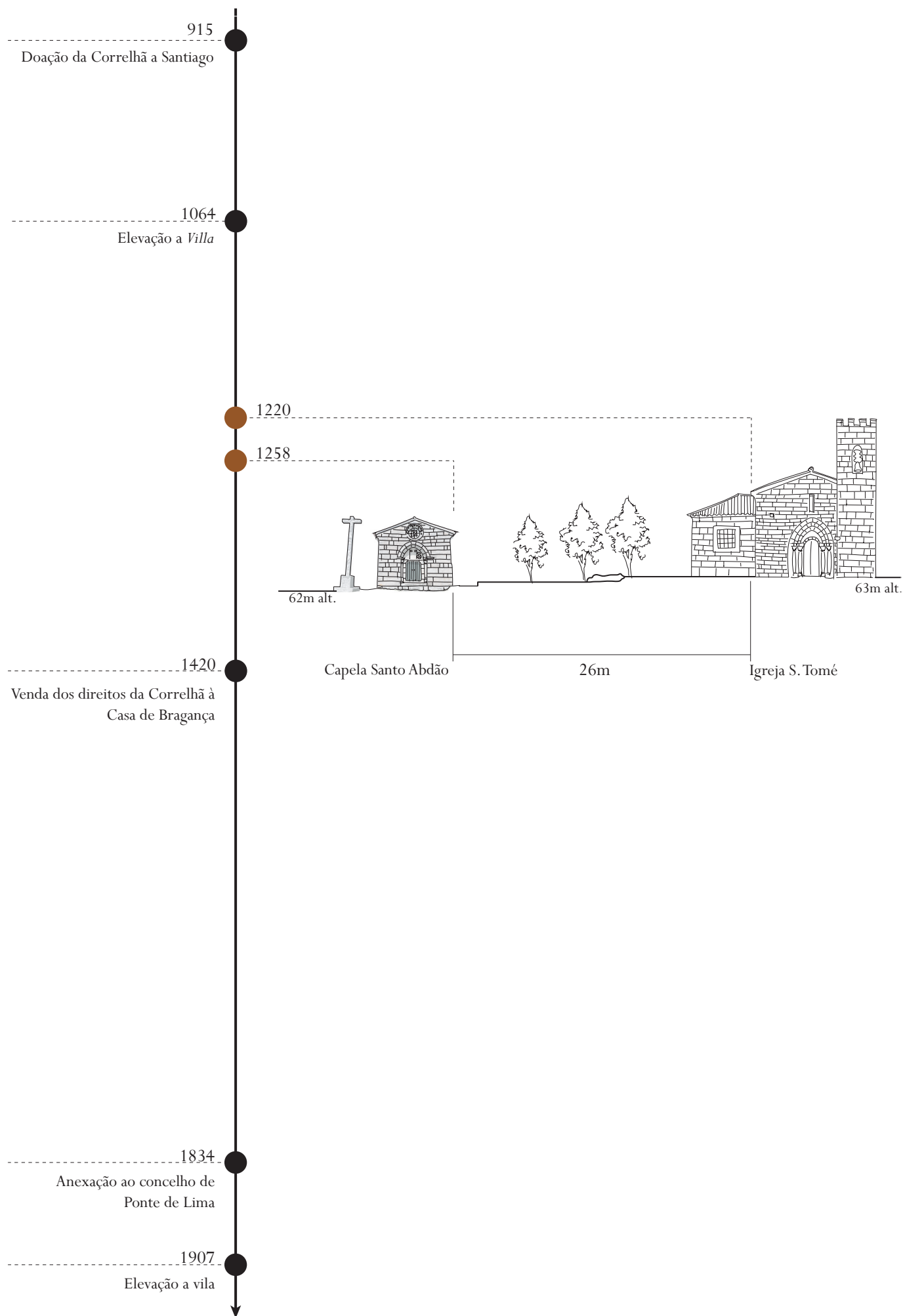


Figura 35. Linha do tempo relativa à história e à construção da Correlhã.

S. Tomé e, contígua a esta, a capela de Santo Abdão. Estas eram já referidas nas Inquirições de D. Afonso II⁷¹ e D. Afonso III, em 1220 e 1258, respetivamente. Encontrando-se a cerca de 26 m de distância uma da outra (figura 35) e tendo a mesma orientação, os dois templos possuem funções distintas. A igreja de S. Tomé foi construída no início do século XIII e foi, desde a Idade Média, sede de paróquia até à edificação de uma nova igreja, já no início do século XXI. A capela adjacente, erigida cerca de cinquenta anos depois, tem carácter funerário, abrigando o mausoléu do Santo que lhe deu nome, Santo Abdão.

*“A capella junto ao adro paroquial de S. Thomé da Correlhã, no concelho de Ponte de Lima, é uma antiga ermida temporal, ou funerária, como outras que conhecemos nos Mosteiros medievas da Galiza e de Portugal; algumas tinham tão pequenas dimensões, que mal se podiam celebrar n’ellas os officios divinos.”*⁷²

A proximidade temporal e física das construções, pode justificar as suas semelhanças estilísticas, bem como os seus enquadramentos e orientações *ad orientem*.⁷³ Tendo em conta a antiguidade da capela de Santo Abdão, pode considerar-se que se encontra em bom estado de conservação, tendo apenas sofrido uma alteração aquando da visitação de “um pudibundo visitador, em 1750, que ordenou ao Pároco: -« fizesse picar a indecente e profana estátua, deixando a pedra do painel lisa e rasa»”⁷⁴ [anexo 3]. Junto aos templos, é possível observar sepulturas [anexo 4] que terão sido retiradas do seu interior após a proibição, em 1835, de colocação dos mortos no interior das igrejas. Assim, foram distribuídas “*fora e em roda dos templos, em recinto vedado, conservando sempre os túmulos a respectiva orientação.*”⁷⁵

A história e a lenda da construção da capela de Santo Abdão encontram-se diretamente ligadas com os caminhos de Santiago que passam na Correlhã, sendo, por isso, fundamental conhecer também a lenda que os originou, de modo a perceber as relações lendárias que levaram à construção deste templo e do território envolvente.

71. GUERRA, L. de Figueiredo da, *op. cit.*, p.12.

72. *idem*, p.5.

73. *ad orientem*: expressão utilizada para referir a orientação dos fiéis na celebração da eucaristia. A regra a oriente, foi criada entre 375 e 380, e estabelecia a construção das igrejas voltadas de frente para leste, para o Sol nascente.

74. GUERRA, L. de Figueiredo da, *op. cit.*, p.13.

75. *idem*, p.5.

Lenda de Santiago de Compostela

“Depois de Jesus ter subido à direita do Pai, os apóstolos repartiram-se pelas diversas nações nas quais cada um devia predicar a Boa-Nova. A Jacobo ou Tiago, irmão de João, o Evangelista, tocou-lhes ir à Hispânia. Desembarcando nas costas mediterrânicas da Andaluzia, adentrou-se nas terras da antiga Tartessos, a Tharsis das Sagradas Escrituras, e evangelizando aqui e ali, tomou a via romana que por Emerita Augusta, Conimbriga e Braccara Augusta leva à Gallaecia, finalizando em Iria Flavia. Predicou intensamente nesta região, mas ninguém o queria ouvir, e foi então que, nos arredores de Farum Brigantium, concretamente em Muxía, recebeu a visita da Virgem Maria, que segundo contam os mais velhos, chegou numa barca milagrosamente guiada pelos Anjos.

(...)

Ao chegar a Jerusalém, (...) Abiathar, o sumo-sacerdote, incitou a multidão contra o Apóstolo e esta levou-o diante de Herodes Agripa, que o condenou à morte. (...) Corria o ano 44 de Era do Senhor.

Os judeus arrojaram aos campos os cadáveres dos mártires para que fossem devorados pelos cães e as feras selvagens. Porém, encobertos pela noite, dois discípulos de Jacobo, resgataram o corpo e a cabeça do Santo Varão e fugiram para o mar. Ali apareceu-lhes uma barca sem tripulantes, mas pronta a navegar. Subiram a bordo, abandonando-se à Providência, e governada por Anjos invisíveis, a nau rumou para Oeste, o caminho que tomam as almas para o mais Além, transpuseram as Colunas de Hércules, entraram no Oceano Tenebroso e, no fim de sete dias, ou quiçá uma só noite, a milagrosa embarcação chegou às costas da Gallaecia, penetrou na ria de Noela e deteve-se junto a Iria Flavia.

E tem-se novamente o bom Jacobo na Hispânia, na região dos celtas sobre a qual se destaca a constelação do Cão Maior, no final da Via Láctea ou «Arca de Lug», que depois tomaria o nome de «Caminho de Santiago».

(...)



Figura 36. Martín Bernat. Embarque/ Translação do corpo do Apóstolo Santiago, o Maior (1480-1490).
Museo del Prado, Madrid.

Assim, encaminharam-se [Atanásio e Teodoro] para o Pico Sacro, carregando o corpo santo no carro e deixando que os touros o conduzissem a seu capricho. Os animais caminharam livremente e, por fim, pararam junto a uma fonte num certo campo, por sinal propriedade da rainha que logo o ofereceu de boa vontade, para ali edificar-se o mausoléu do Apóstolo Jacobo. (...) Depois, com o decorrer dos tempos e as invasões bárbaras e árabes, o lugar da sepultura do Apóstolo Santiago foi esquecido por muitos séculos.

(...)

Nesse ano 813 vivia nas cercanias da igreja mencionada um santo eremita de nome Pelágio, o qual, durante várias noites consecutivas, viu umas luzes sobrenaturais caindo como chuva de estrelas sobre um lugar (...). Era então bispo de Iria Flavia um homem justo chamado Teodomiro, que, posto ao corrente do acontecimento, se deslocou a Amaia para comprovar o que se contava. Visto o prodígio, decretou um jejum de três dias, finalizado o qual se dirigiu em procissão ao Campus Stellae, que mandou escavar. E então descobriu-se um pequeno mausoléu de mármore, contendo um sepulcro, e dentro dele um corpo, que pelos «vários vestígios e amostras que continha» identificaram como sendo o do Apóstolo Santiago Maior, filho de Zebedeu e Maria Salomé, irmão de João Evangelista.”⁷⁶

76. ADRIÃO, Vítor Manuel. 2011. *Santiago de Compostela. Mistérios da rota portuguesa*. Dinapress, 1ª ed. Lisboa, p.62-72.

VIAS PORTUGUESAS DE PEREGRINAÇÃO



Figura 37. Correlhã no panorama das *Vias Portuguesas de Peregrinação a Santiago de Compostela*.

A análise da história do surgimento da Catedral de Santiago de Compostela e da evolução dos Caminhos de Santiago ao longo dos séculos que será feita de seguida, revela-se essencial para uma contextualização do tema da Rota Jacobea na relação que esta tem com o território que atravessa, particularmente com a localidade da Correlhã. A lenda de Santiago e a influência que teve no território europeu são primordiais para se entender a lenda de Santo Abdão, o motivo da construção da capela que lhe deu nome, bem como perceber o impacto que os percursos dos peregrinos tiveram no território.

História e influência territorial de Santiago de Compostela

Com a descoberta do suposto túmulo do apóstolo Santiago, o Rei Afonso II terá, em 820, erguido uma pequena igreja para albergar as relíquias do santo deixando ao cargo de uma comunidade beneditina.⁷⁷ Mas, ainda antes do fim do século IX, encomenda a construção de um templo maior, capaz de albergar os fiéis que, cada vez em maior número, queriam visitar a sepultura de Santiago. *“(...) sobre o túmulo do Apóstolo foi construída uma ermida modesta que depois o românico ampliou, o gótico fez crescer e o barroco deu a feição monumental de catedral mãe da Fé peninsular.”*⁷⁸

As peregrinações a Jerusalém, interrompidas pelas invasões turcas,⁷⁹ coincidiram com o início da construção da Catedral de Santiago de Compostela, em 1078, fazendo com que as peregrinações da cidade Galega aumentassem, dando-se os primeiros passos para a consolidação das rotas jacobéias. Os reis e entidades eclesiásticas, que utilizavam estes percursos para chegar a Santiago, foram muito importantes para a sua divulgação e transformação, no que se pode chamar de Primeiro Itinerário Cultural europeu.⁸⁰

A partir do século XIV, as peregrinações ao túmulo de Santiago sofrem uma quebra, devido ao surgimento da peste negra e das guerras religiosas. Mais recentemente, esta rota religiosa ressurgiu, o que terá contribuído a visita do Papa João Paulo II em 1982.⁸¹

77. ADRIÃO, Vítor Manuel, *op. cit.*, p.71.

78. *idem*, p.107.

79. <https://www.vialusitana.org/caminho/historia-do-caminho>.

80. *idem*.

81. <https://www.vialusitana.org/caminho/historia-do-caminho>.



Figura 38. Viagem de Lisboa a Santiago da Galiza. Ilustração do Caminho de Santiago.

Com a acreditação de autenticidade pelo Papa Leão XIII, em 1884,⁸² a promoção e divulgação das peregrinações a Santiago de Compostela cresceram exponencialmente, tendo estes percursos ganho um novo carácter comercial que tem vindo a crescer desde então.

Mais do que uma peregrinação religiosa, os Caminhos de Santiago tornaram-se um símbolo de espiritualidade, percorrido por todos independentemente das suas crenças.

*El Camiño se abre a todos,
Enfermos y sanos,
No sólo a católicos, sino aún a paganos,
A judius, hereges, ociosos y vanos,
Y más brevemente, a buenos y profanos.*⁸³

Devido à afluência de peregrinos ao longo da existência destes caminhos, foi necessário melhorar a rede viária com calçadas e pontes; e construir mosteiros, igrejas, albergues e hospitais, para acolher e cuidar dos peregrinos (figura 37), tendo os Caminhos de Santiago sido um grande contributo para o desenvolvimento das comunidades por toda a Europa.

O sub-capítulo seguinte servirá para uma análise mais aproximada à Vila da Correlhã sobre as consequências territoriais que esta rota cristã trouxe, a par da construção da Capela de Santo Abdão.

82. ADRIÃO, Vítor Manuel, *op. cit.*, p.71.

83. ADRIÃO, Vítor Manuel, *op. cit.*, p.9.



Figura 39. Caminho de Santiago de Compostela pela Correlhã. | 29 de agosto de 2019.

Percorrer

“O caminhar é uma arte que traz no seu seio o menir, a escultura, a arquitetura e a paisagem. A partir dessa simples ação foram desenvolvidas as mais importantes relações que o homem travou com o território.”⁸⁴

Os caminhos trilhados ao longo de várias gerações estabeleceram relações que deixaram marcas no território (figura 39). Essas marcas são um grande motor de desenvolvimento das comunidades e base para a sustentabilidade das populações mais rurais.

Um pequeno desvio no caminho foi o impulsionador da criação de uma dessas marcas. É por causa da pausa no caminho que nasce a capela de Santo Abdão e é através do seu aprofundamento que se percebe toda a história que carrega.

84. CARERI, Francesco, op. cit., p.27-28.

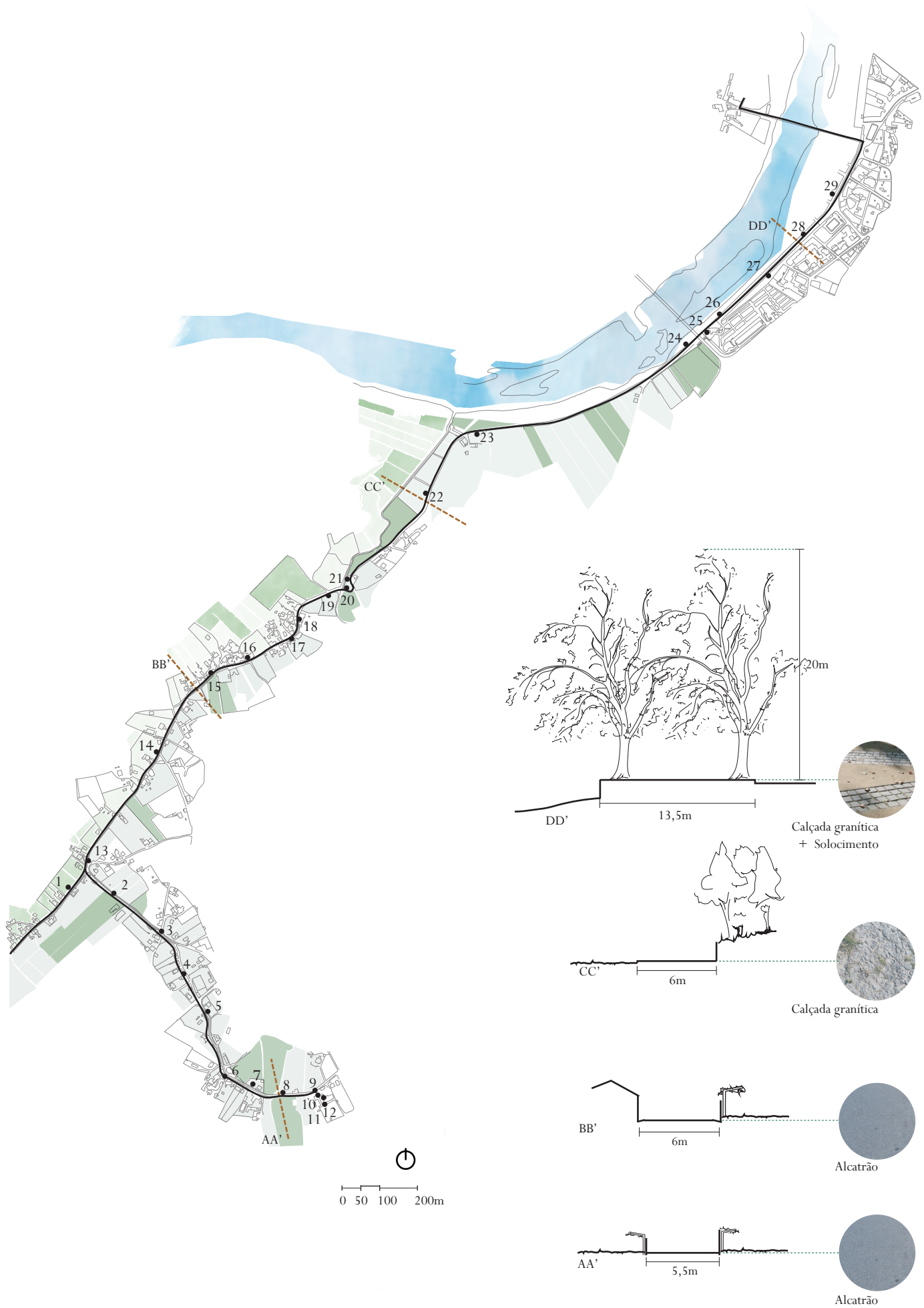


Figura 40. Análise e registo fotográfico do percurso realizado pela autora.



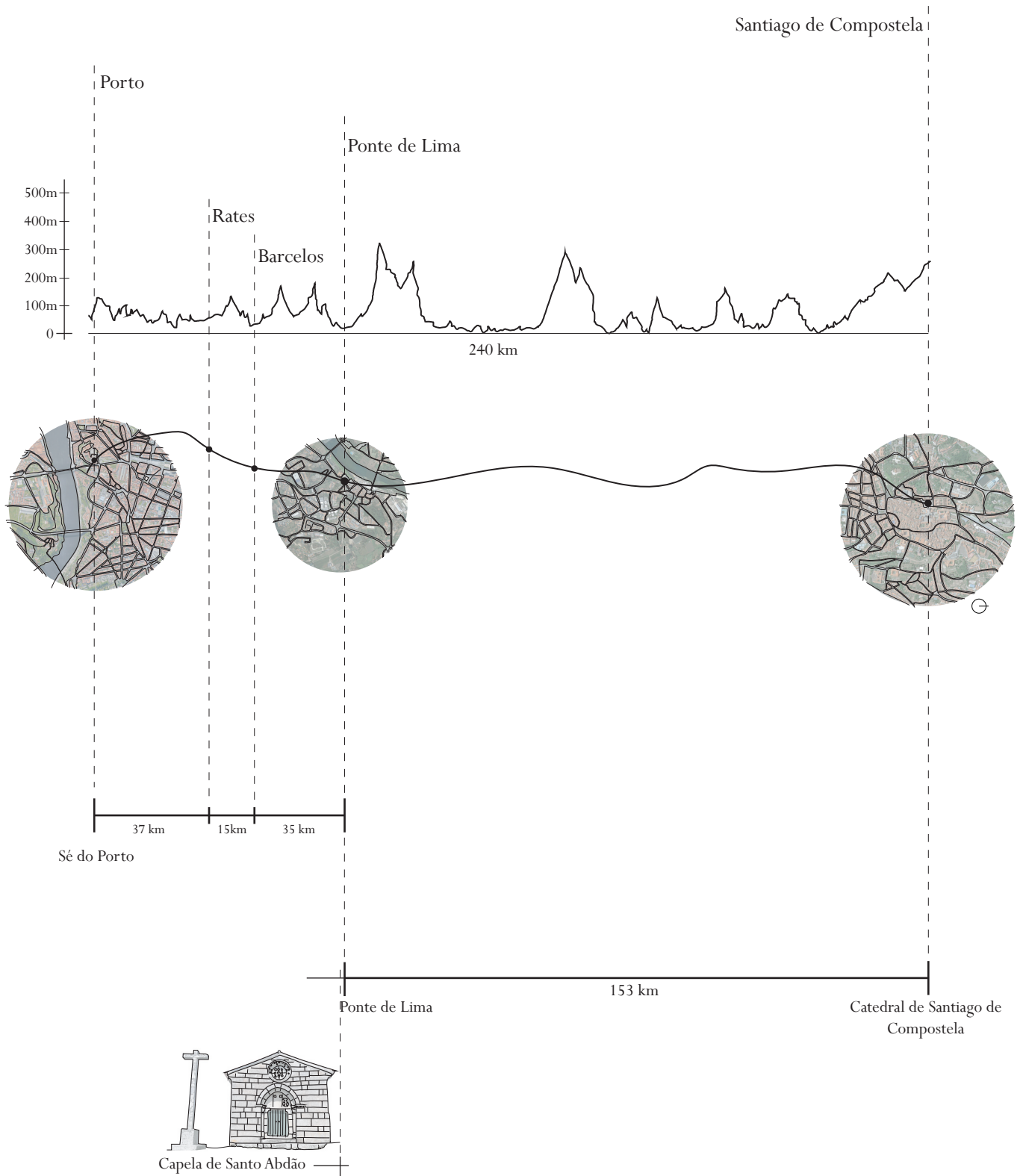


Figura 41. Esquema de distâncias e construções ao longo do Caminho Central de Santiago de Compostela.

O caminhar como construção territorial

Tal como já foi referido anteriormente (p.61), os caminhos são impulsionadores de muitas lendas. Todavia, também as lendas podem ser motivadoras do acto de caminhar. Os Caminhos de Santiago tornam-se, assim, um exemplo evidente desta relação recíproca, sendo a lenda do apóstolo o mote para o início das peregrinações até Santiago de Compostela e, por sua vez, são estes caminhos até ao seu túmulo que fazem surgir lendas como a de Santo Abdão.

*“(...) a cultura ganhou imenso com as andanças dos peregrinos infatigáveis: escreveram-se itinerários, mandaram-se notícias, transcreveram-se livros, estudaram-se os costumes das nações remotas, a geografia alargou-se para além dos muros do castelo feudal, ouviu-se falar de Constantinopla, da Ásia Menor, o povo ficou a saber o que era a Galécia e a Via Láctea tomou o nome de estrada de S. Tiago. O mundo tornou-se maior e a rosa dos ventos respirou mais à vontade”.*⁸⁵

A Sé Catedral do Porto, construída no século XII, dá o início do Caminho Central Português. Do Porto à Correlhã, onde Abdão foi sepultado, distam cerca de 83km, ficando a faltar 4km até ao centro da vila de Ponte de Lima. Num total de 240km, desde o Porto a Santiago de Compostela, são muitas as igrejas, capelas e outras formas de expressão da religiosidade que pontuam o território e o caminho do apóstolo. Em locais como S. Pedro de Rates e Barcelos, é possível encontrar esses marcos do território que o caracterizam e que se encontram associados à rota de Santiago quer pela sua história, quer pelas suas lendas (exemplo dado pela lenda do galo de Barcelos⁸⁶ que se tornou um ícone da tradição portuguesa).

85. MARTINS, Mário. *op. cit.*, pp.12-13.

86. “Segundo esta lenda, os habitantes do burgo andavam alarmados com um crime e, mais ainda, com o facto de não se ter descoberto o criminoso que o cometera. Certo dia, apareceu um galego que se tornou suspeito. As autoridades resolveram prendê-lo e apesar dos seus juramentos de inocência, ninguém acreditou que o galego se dirigisse a Santiago de Compostela, em cumprimento de uma promessa, e que fosse fervoroso devoto de Santiago, S. Paulo e Nossa Senhora. Por isso, foi condenado à forca.

(...) O galego voltou a afirmar a sua inocência e, perante a incredulidade dos presentes, apontou para um galo assado que estava sobre a mesa, exclamando: “É tão certo eu estar inocente, como certo é esse galo cantar quando me enforcarem”. Risos e comentários não se fizeram esperar, mas, pelo sim pelo não, ninguém tocou no galo.

O que parecia impossível tornou-se, porém, realidade! Quando o peregrino estava a ser enforcado, o galo assado ergueu-se na mesa e cantou. Já ninguém duvidou das afirmações de inocência do condenado. O juiz correu à forca e viu, com espanto, o pobre homem de corda ao pescoço. Todavia, o nó lasso impedia o estrangulamento.

Imediatamente solto foi mandado em paz. Passados alguns anos, voltou a Barcelos e fez erguer o monumento em louvor a Santiago e à Virgem.” (<https://www.cm-barcelos.pt/visitar/caminho-portugues-de-santiago/a-lenda-do-galo/>)

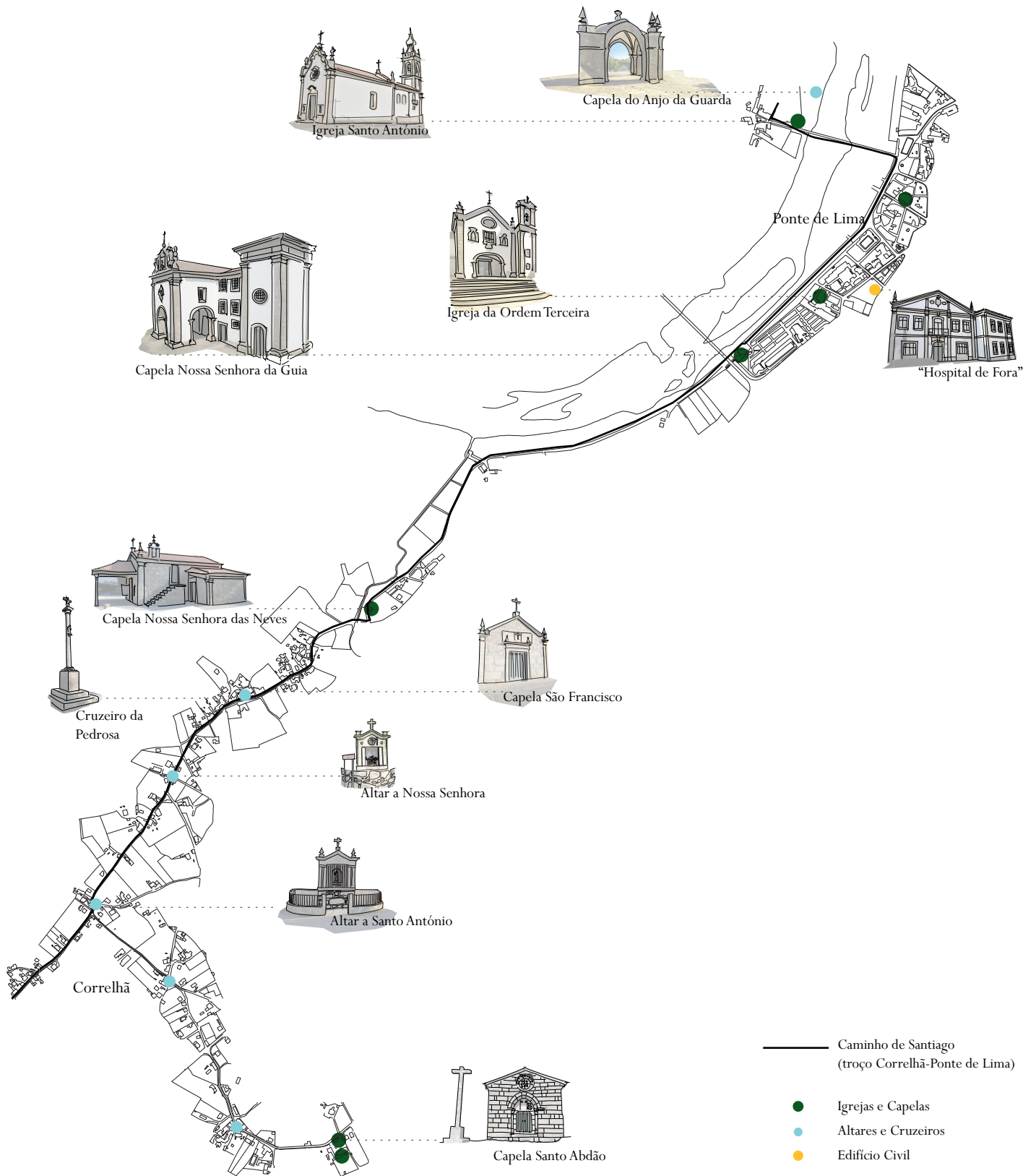


Figura 42. Construções religiosas e civis no Caminho de Santiago entre Correlhã e Ponte de Lima.

Ao percorrer o caminho realizado por Abdão na sua passagem por terras Limianas, o santo desperta a atenção para o caminho de Santiago neste lugar em específico, na sua relação com o seu passado ligado a Santiago de Compostela, mas também para aquilo que foi sendo construído ao longo do percurso.

Olhando especificamente para o fragmento entre a localidade da Correlhã e o centro da vila de Ponte de Lima (figura 42), é possível observar os muitos edifícios construídos em consequência, direta ou indireta, dos inúmeros peregrinos que atravessaram o território. Ao longo de cerca de 4km e de oito séculos, ergueram-se igrejas, capelas e altares de adoração (alminhas), que pela sua localização ou função estarão sempre associadas a este percurso.

A capela de Santo Abdão surge no século XIII, aproximadamente a 1km de distância do caminho previsto até Santiago, e sabe-se que a sua construção tem uma ligação direta com a passagem de peregrinos na região. De igual forma se justifica a criação dos pequenos oratórios e cruzeiros que pontuam o território, usados muitas vezes como indicador de proximidade e de caminho até um templo; bem como a fundação do chamado “Hospital de Fora”, nos finais do século XV, que se encontrava na Vila de Ponte de Lima e junto ao Caminho de Santiago. Este tinha como função albergar e tratar peregrinos doentes que passassem pela região, podendo estes permanecer até três dias.⁸⁷ Recentemente e, também resultado deste percurso, foi criado, em 2009, o Albergue Municipal de Ponte de Lima, como forma de estabelecer um ponto de descanso e de paragem dos peregrinos, beneficiando o turismo e a economia local.

Para além destes, muitos outros edifícios foram erguidos, ainda que não tenham uma relação imediata com a rota Jacobea, como é o caso da Capela do Anjo da Guarda (XIII), do Convento de Igreja de Santo António dos frades Franciscanos (XV), da Capela de Nossa Senhora da Guia (XVII), da Capela Nossa Senhora das Neves e do Cruzeiro de Pedrosa (XVII), e a Igreja da Ordem Terceira (XVIII).

87. ARAÚJO, Maria Marta Lobo de. 2006. *Os Hospitais de Ponte de Lima na Era Pré-Industrial*. Universidade do Minho, Braga, pp.489-90.

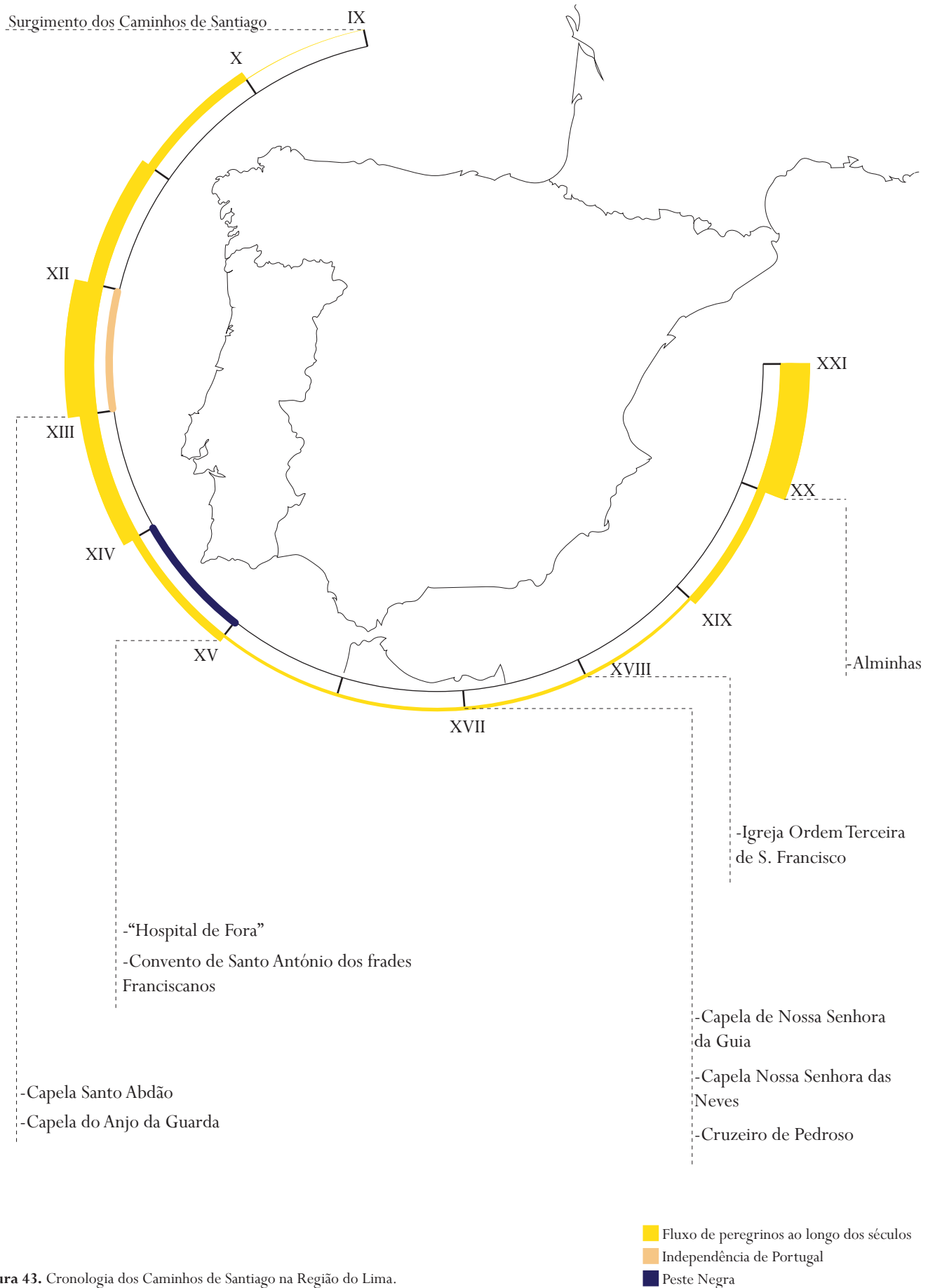


Figura 43. Cronologia dos Caminhos de Santiago na Região do Lima.

Os acontecimentos que marcaram a história e a sociedade podem explicar a variação do número de peregrinos que atravessaram o território do Lima no decorrer dos séculos. Desde o século XI ao XIII existe uma grande estabilidade, uma vez que se deu um aumento da produção agrícola. A solidez económica e social que o Tratado de Zamora, a 5 de outubro de 1143, e a consequente independência de Portugal, pode também justificar o auge de peregrinos que se fez sentir no século XII. Da mesma forma que a fome, a guerra com Castela e a Peste Negra que assolaram o país e a Europa em meados do século XIV, tenham sido responsáveis por um declínio acentuado dos Caminhos de Santiago.

Assim, estes eventos que atravessam o território da Península Ibérica podem também indicar e fundamentar a construção de alguns edifícios ao longo deste caminho, que pela maior afluência de forasteiros pelas terras da Correlhã e Ponte de Lima tiveram de ser erguidos. O seu mapeamento, no espaço e no tempo, revela o crescimento territorial e arquitetónico que o Caminho de Santiago estimulou, tendo sempre em consideração as transformações sociais e económicas que o acompanharam.

A escolha desta lenda para ser desenvolvida neste trabalho de investigação, prendeu-se com o facto de servir como exemplo de uma narrativa que nasce em consequência de algo maior e transversal ao território Ibérico e europeu. Através de uma pequena lenda e de uma modesta capela foi metodologicamente relevante saltar de escala e abranger um território que vai para além do Vale do Lima, comprovando-se assim que num lugar coexistem múltiplas escalas, algumas das quais distantes da sua localização geográfica.

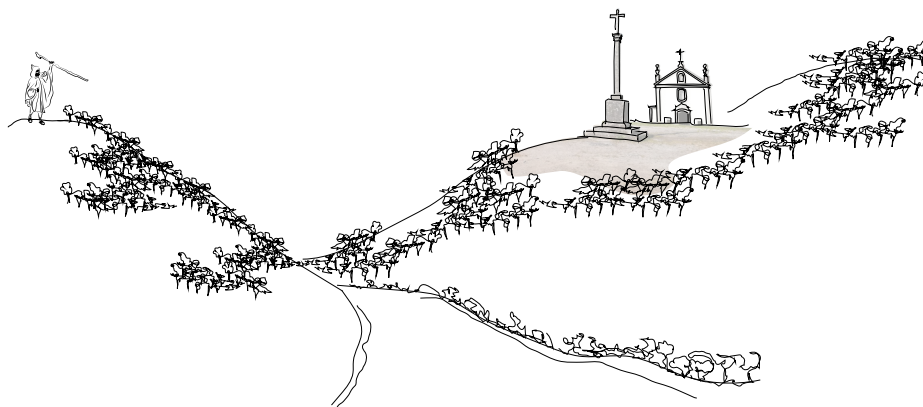


Figura 44. Ilustração da lenda da Pegada do Santinho.

Capítulo III

No alto dos montes

Recolher

“É verdade que em cada lugar não existe só um lugar, mas muitos lugares. Os lugares das lendas e dos discursos, dos sonhos e das memórias, ligados de forma inseparável ao lugar da terra e da pedra. Ao lugar construído sobrepõe-se o lugar da identidade. Lugar, cujo valor não começa quando se constrói, mas antes quando se torna crença dos seus habitantes e estes a noticiam.”⁸⁸

São os lugares dos discursos que são necessários investigar para que se possa perceber o seu surgimento e o seu propósito. Nesta fase, é por isso, essencial continuar a observar, ouvir e ler as narrativas associadas ao território construído. São as suas diversas versões que lhe acrescentam riqueza, espessura, e é através delas que se descobre a ligação entre os lugares das lendas e os lugares da terra e da pedra.

88. CORREIA, Luís Miguel Maldonado de Vasconcelos. 2011. *Castelos em Portugal: retrato do seu perfil arquitectónico [1509-1949]*. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2ª edição, Coimbra. p. 425.

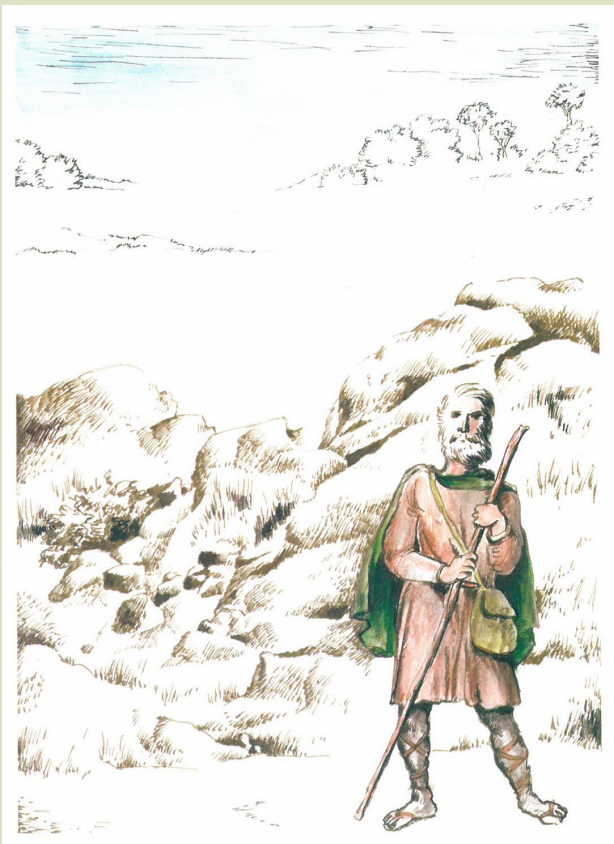


Figura 45. António Vaz Pereira, a lenda das Pegadas do Santinho.

A lenda das pegadas do Santinho

“Era uma vez um monte a quem chamavam Monte de Roques e ficava situado para os lados de Vila Franca, Mujães e Subportela, por onde desliza o rio Lima. Nos seus cimos, existira uma pequena povoação castreja, habitada por povos primitivos, dedicados ao pastoreio e à caça, pois, por aqueles píncaros, haviam-se ocultado, no escuro do arvoredo, a ferocidade do urso, a elegância da corça e o ímpeto sanguinário do javali.

O clã adorava, numa grande pedra erecta, o deus da fertilidade, e adorava, também, o Sol, como criador da vida, presidindo às colheitas, amadurando os frutos, aquecendo homens e animais.

Por vezes, a cobiça e a fome obrigavam aquela gente a empunhar o toco das armas, em combates com outros castros mais prósperos, edificadas em montes próximos, quer na margem direita, quer na margem esquerda do rio repousado.

No decorrer dos séculos, várias gerações destes clãs escutaram, alarmadas, vindo da fundura do vale, a cavalgada desordenada das hordas bárbaras, a disciplina cadenciada das legiões de Roma e o desfilar branco dos albornozes islamitas.

Mas todos estes invasores belicosos passavam ao largo do Monte de Roques, perdendo-se na distância, sem, todavia, deixarem um rasto de desolação, searas queimadas, pomares e vinhedos devastados, rebanhos dizimados.

Ora, um dia, trepou aquele monte um homem estranho, encanecido pela idade, de grandes barbas revoltas, vestindo uns farrapos de estamena e calçando umas sandálias gastas e empoeiradas.

Vinha apoiando o corpo trémulo a um bordão grosso e nodoso, com que ia tacteando os córregos ásperos e tortuosos. Ninguém lhe sabia o nome, nem de onde vinha, nem para onde ia. Com falas mansas mas firmes, pediu pousada na choupana mais humilde da aldeia. Embora ignorantes de todo o seu passado, as crianças, os velhos e os doentes souberam estar na presença de um homem bom e piedoso, pois que tinha, para eles, sempre a simpatia de um sorriso, o carinho de um afago e a ciência

de um unguento para alívio das dores e cura de feridas.

Pouco a pouco, todos os habitantes do castro começaram a ver, nele, um espírito ardente de fé e caridade.

Pelas noites calmas, quando o povo se reunia ao redor de uma fogueira, para um convívio alegre, onde comentava a vida familiar, os trabalhos do campo, os episódios da caça, evocando, ainda, lances de antigas guerrilhas, entre vitórias e derrotas, o estranho homem erguia-se do seu lugar mais apagado e falava. Falava de quê?

De prodígios e mistérios. De um Deus clemente, único e universal, cujo filho, Jesus Cristo, enviara à terra para salvação das almas. Falava-lhes dos seus milagres e das suas parábolas santas que eram o Caminho, a Verdade e a Vida. Escutavam-no em silêncio, com estima e com respeito.

Ninguém lhes havia falado assim, do mundo e do além, do bem e do mal, com tal convicção, com tal fervor.

E começaram a ver na santidade daquele homem, que lhes despertava a alma com tal doutrina sublime, igualmente o perfil de um chefe que os orientasse nas lides quotidianas, que os guiasse na paz e na guerra.

E logo o convidaram para tão alto cargo que os honraria.

O santo homem ouviu, com seriedade, o convite, mas recusou-se a aceitá-lo, dizendo-lhes que a sua missão, ali, havia terminado. E que partia satisfeito por deixar, naquele castro do Monte de Roques, mais uma comunidade cristã, consciente do seu credo e disposta a defendê-lo e a divulgá-lo. Nascia um dia primaveril, radioso, com o Sol a iluminar, mais verde, a paisagem de pinheirais, a florir de oiro as austrálias e as mimosas, a reflectir o azul do céu nas águas do rio, O homem trepou para um enorme rochedo, que lhe era miradoiro maravilhoso sobre tudo em redor, e, ante o arrebatamento de todos, ergueu ao alto o seu cajado de madeira, lançando-o para longe, em direcção ao monte vizinho, onde outro castro espreitava, sombrio e hostil.

Depois, sem hesitar, desceu até ao vale, entre alas comovidas, e desapareceu, num brilho fulgurante de Sol, para as bandas do mar. Na rocha que calcara, nesse dia do adeus, ficaram-lhe gravadas, com nitidez, as marcas das sandálias.

São as “pegadas do Santinho”, como lhes chama a tradição devota.

E aquele monte, para onde arremessara o cajado, passou a chamar-se Monte do Santinho, pois também ali passou a reinar a paz e a felicidade.

É pena que não se conheça o nome deste Santinho. Se se conhecesse, fazíamos-lhe subir a imagem aos altares e, em data certa, havíamos de festejá-lo com missa solene e procissão, ao bimbalar dos sinos, e, pela noite, com um arraial radiante de foguetório e do balancear dos viras.

E punhamos-lhe aos pés, cestos de rosas. De muitas rosas.”⁸⁹

89. VIANA, António Manuel Couto, op. cit., pp. 68-71.



Figura 46. Vista panorâmica do Monte de S. Silvestre | 22 de outubro de 2018.

Tal como na Lenda do Mosteiro de Ermelo, foi também o livro das *Lendas do Vale do Lima*, de Couto Viana, base para o estudo da lenda da construção da Capela de S. Silvestre, no monte a que se apelidou de Monte do Santinho.

A escolha desta narrativa para uma análise mais específica do território e da sua ligação com a construção do espaço prende-se com a relação direta da narrativa popular com a construção de um edifício que, talvez pelo seu posicionamento geográfico e a sua relação com o lugar, ganhou destaque no panorama da região da Ribeira-Lima.

Este realce do lugar é perceptível logo na primeira visita ao local, realizada a 22 de outubro de 2018, através da sua altitude (277m) e do domínio paisagístico que se consegue alcançar desde o topo da montanha. Nesta primeira recolha de informação *in situ* foi possível apenas fazer uma recolha fotográfica da capela e da sua envolvente próxima, uma vez que a época invernal não se torna convidativa a subir a montanha, fazendo de S. Silvestre um local isolado e vazio (figura 46). O mesmo não aconteceu na segunda subida ao miradouro, em pleno verão (25 de agosto de 2019), onde são imensas as pessoas que aproveitam o local aplanado junto à capela e os edifícios construídos pela confraria de S. Silvestre, para fazerem os seus piqueniques e passarem o dia em família.

Em conversa com Domingos Gonçalves Afonso, entusiasta por histórias que lhe eram contadas na sua infância, conta que “quando São Silvestre convertia os descrentes ao Cristianismo, subiu ao Monte de Roques para evangelizar o povoado lá existente. Mas ao chegar ao topo e ver tão bonita paisagem, decidiu construir uma ermida na Ribeira Lima. Então lançou o seu bastão, para que ele lhe indicasse a localização onde erigir a capela. No entanto, na primeira tentativa o bastão caiu no rio Lima e, na impossibilidade de construir a capela no meio do rio, foi-o buscar e regressou ao cimo do monte. Desta vez, fez tanta força que o pé em que se apoiava ficou inscrito na rocha que pisava e até as patas da cabritinha que o acompanhava também ficaram marcadas na rocha.”⁹⁰ Tendo o bastão caído no cimo do monte, este ficou a chamar-se Monte de S. Silvestre e nele também se construiu a capela a ele dedicada.

Mas esta lenda não é única. São algumas as histórias que fazem referência a objetos atirados de um lugar para outro para justificar a implantação de um edifício religioso, como é o caso de uma capela, atualmente em ruínas, em Refoios do Lima, concelho de Ponte de Lima, de nome S. Simão⁹¹, também esta construída num local com vestígios castrejos; e o exemplo da ermida que antecedeu o convento e igreja de São Gonçalo de Amarante⁹², que, segundo a sua lenda, terá sido erigido após o lançamento do cajado de São Gonçalo.

90. Versão (escrita e cedida) de Domingos Gonçalves Afonso da lenda de S. Silvestre e da sua pegada que deixou no monte de Roques.

91. CARNEIRO, Américo. 2011. *Os de Refoios, Nascimento de uma Nação*. Viana do Castelo, p.23.

92. <http://www.faroldanossaterra.net/2014/09/17/lenda-de-sao-goncalo-amarante/>



Figura 47. As marcas através do tempo: a pegada do santo | 28 de abril de 2019.

Reconhecer

“O território não é um facto: é o resultado de diferentes processos. Por um lado, modifica-se espontaneamente (...) por outro lado, o território passa por intervenções humanas: irrigação, construção de estradas, (...) até os atos mais quotidianos da agricultura fazem do território um espaço remodelado incessantemente.”⁹³

O desvendar da existência de comunidades castrejas no topo dos montes através da narrativa, torna necessária uma contextualização acerca destes povos que existiram na região, bem como reconhecer as transformações desse território que ocorreram até aos dias de hoje.

Estudar as diversas ocupações de um território é reconhecê-lo como um palimpsesto⁹⁴. É reconhecer que o lugar que habitámos não é feito apenas de presente, mas sim de uma sucessão de acontecimentos e construções do passado que ao longo dos séculos marcam e alteram o território.

93. Corboz, André. El territorio como palimpsesto, p.129. tradução de: "El territorio no es un dato: es el resultado de diversos procesos. Por una parte, se modifica espontáneamente (...) por otra parte, el territorio sufre las intervenciones humanas: irrigación, construcción de caminos, (...) hasta los actos más cotidianos de la agricultura hacen del territorio un espacio remodelado sin cesar." https://www.academia.edu/30118118/Andre_Corboz_El_Territorio_Como_Palimpsesto

94. Palimpsesto – papiro ou pergaminho que contém vestígios de um texto manuscrito anterior; que foi raspado ou apagado para permitir a reutilização do material e a posterior sobreposição de um novo escrito; figurado texto que existe sob outro texto. in Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa, Porto: Porto Editora, 2003-2019.

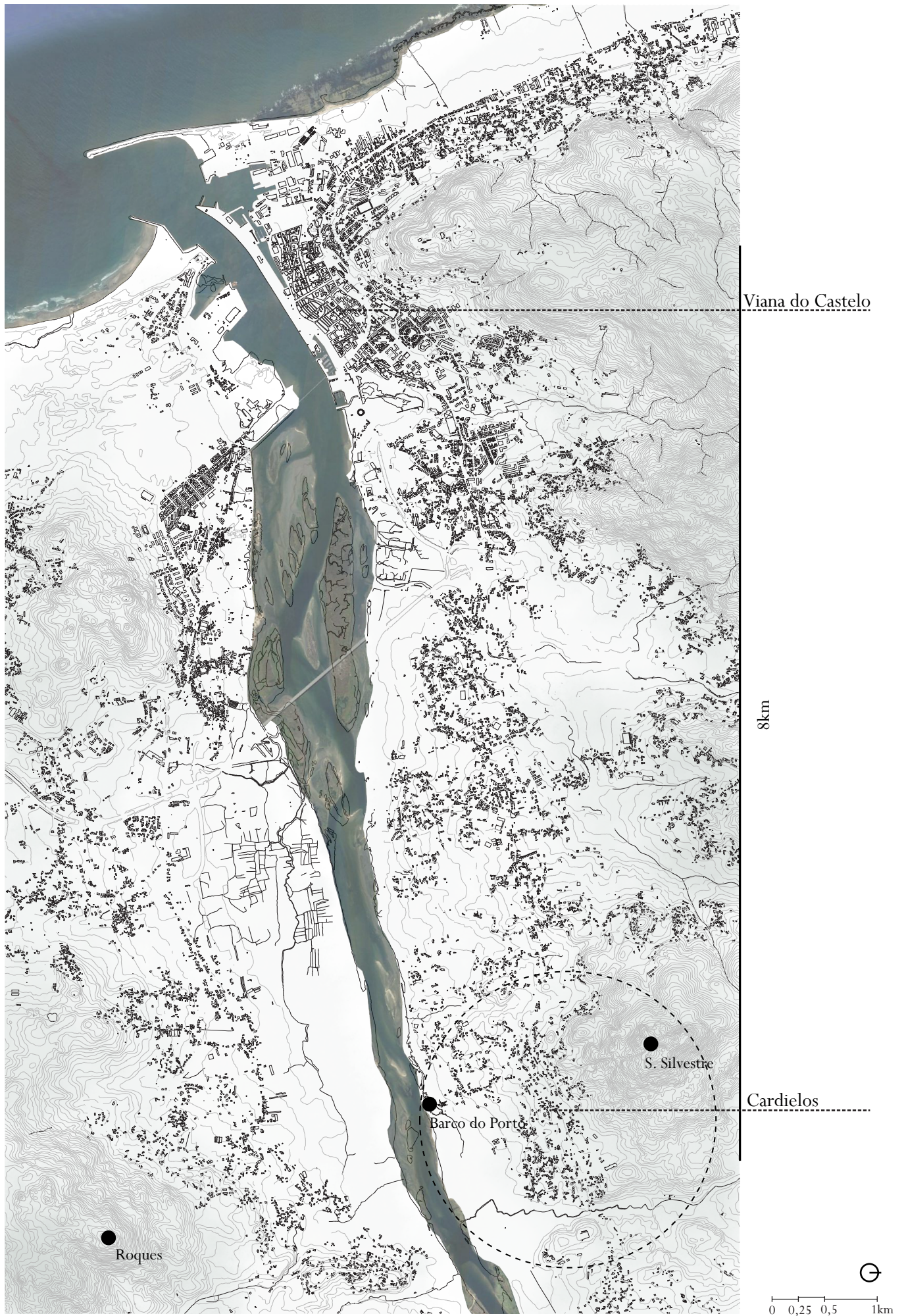


Figura 48. Mapa de localização de Cardielos.

O território de Cardielos e a capela de S. Silvestre

A freguesia de Cardielos (atual União de Freguesias de Cardielos e Serreleis), que se estende ao longo do Rio Lima, pertence ao concelho de Viana do Castelo. Situada junto à margem direita da linha de água (figura 48), é limitada a sul pela mesma, a norte pelo alto do monte de S. Silvestre, a nascente por São Cláudio e São Salvador da Torre e no seu lado oposto por Serreleis. Nos censos de 2011⁹⁵, foram contabilizados 1309 habitantes, numa área de cerca de 4km².

A sua topografia e a proximidade ao rio favoreceram desde cedo a extensão da povoação, havendo um espaço ordenado de campos de cultivo, e casas com quintais. Cardielos, tinha também um porto de transporte de pessoas entre margens, que deu toponímia à parte ocidental da freguesia de Barco do Porto. Este adicionou alguma importância a este território em tempos em que o meio de transporte fluvial era o mais célere e acessível.

Para além de ser uma terra honrada e antiga, como é referido nas inquirições de Dom Afonso III ⁹⁶, Cardielos é também muito devota. É na fronteira de Cardielos com Serreleis, no alto do monte de São Silvestre, que se implanta a capela do mesmo nome. De tempos imemoráveis, dita a tradição que se leve o gado a dar voltas ao redor da capela para receberem proteção de S. Silvestre. Tradição esta que se encontra atualmente ultrapassada pela excasce de produtores de gado, mas que ainda hoje leva muitos romeiros ao topo do monte para celebrar o santo no dia 31 de dezembro.

Relativamente ao templo de São Silvestre, existem registos que levam a considerar a existência de uma pequena ermida em 1526⁹⁷. Esta hipótese pode ser justificada pelo aparecimento já no século XIV/XV da Confraria de São Silvestre que terá sido oficializada apenas em 1614, pelo Papa Paulo V.⁹⁸ Posteriormente, em 1696, a capela terá sofrido obras de ampliação⁹⁹ que lhe terão dado um aspeto semelhante ao de hoje.

95. Portal do INE (https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes)

96. VIANA, João Costa Cunha. 2005. *São Tiago de Cardielos*. Ed. Junta de Freguesia de Cardielos, Viana do Castelo, p.52.

97. *idem*, p.412.

98. Confraria de S. Silvestre (http://www.paroquiocardielos.com/?page_id=76)

99. VIANA, João Costa Cunha, *op. cit.*, p.434.



Figura 49. Fotografia das ruínas arqueológicas do castro do monte de Roques | 28 de abril de 2019.

Os povos castrejos

A existência de vestígios de antigas povoações em Cardielos, junto à construção da capela de S. Silvestre, bem como na margem oposto do rio, onde se insere a lenda em análise, fundamenta a breve aproximação à temática dos povos castrejos que se seguirá.

A cultura castreja proveniente da zona Noroeste da Península Ibérica, terá surgido e se desenvolvido ao longo do primeiro milénio a.C., englobando a chamada Idade do Bronze e a Idade do Ferro. A ela estão vinculadas questões económicas, tipológicas, materiais e territoriais e não apenas questões construtivas.¹⁰⁰

As características acidentadas e de grande variação altimétrica terão levado à formação destes povoados nas encostas dos montes onde o principal objetivo se prendia com o domínio estratégico e defensivo do território, aliado a condições naturais de produtividade e recursos naturais favoráveis à subsistência destas comunidades.¹⁰¹ Escolhiam, por isso, locais não de muita elevada altitude onde era possível sobreviver da agricultura e pastorícia, tendo, por outro lado, todo o território envolvente sob vigia para se conseguirem proteger das ameaças dos invasores. Assim, estes povoados “*ignoraram as altitudes elevadas, fugiram das terras demasiado húmidas, dos vales dos grandes rios e optaram, preferencialmente, por sítios que apresentavam condições naturais de defesa, quase sempre na dependência directa de uma linha de água*”.¹⁰²

Os castros, o modelo urbano destas comunidades, variavam consoante as necessidades morfológicas, de implantação e dimensão. Contudo, eram transversais as suas características defensivas e a forma de organização dos espaços, sendo a forma circular a principal configuração utilizada para a construção dos povoados (figura 49). Com a crescente ameaça romana, alguns destes castros foram sendo abandonadas, sendo tranferidos para comunidades maiores.¹⁰³

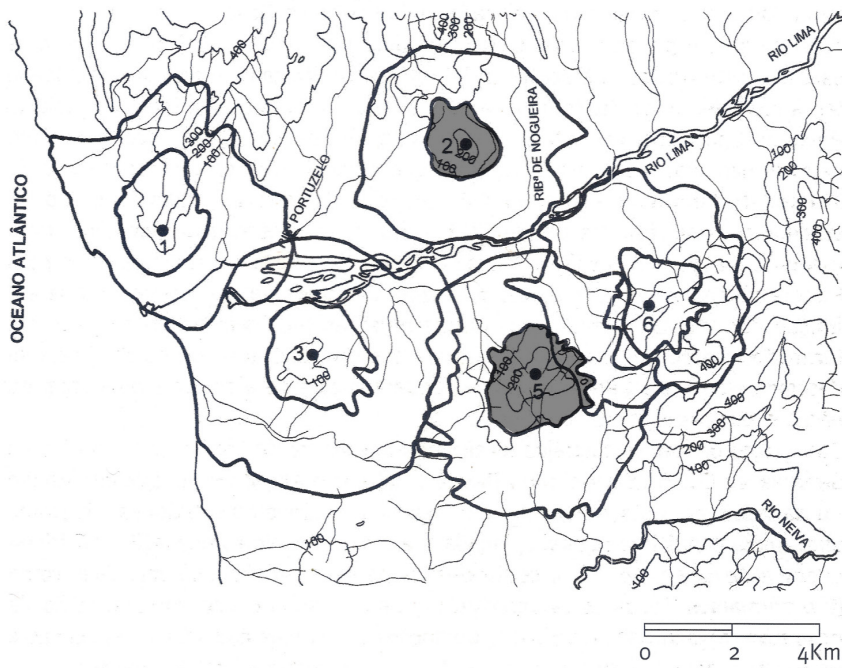
100. ALMEIDA, Carlos A. Brochado de. 2003. *Povoamento romano do Litoral Minhoto entre o Cávado e o Minho*. Dissertação de Doutoramento em Pré-História e Arqueologia, Vol. VII. Edição Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 69..

101. *idem*, p. 70.

102. *idem*, p. 98.

103. LEMOS, Francisco de Sande. 2008. *Minho. Traços da Identidade: A cultura castreja no Minho, Espaço nuclear dos grandes povoados proto-históricos do Noroeste* (capítulo III), Universidade do Minho, p. 132.

TERRITÓRIOS POTENCIAIS



- 1 - Santa Luzia
- 2 - S. Silvestre
- 3 - Alto do Galeão
- 5 - Roques
- 6 - N.ª. Sr.ª. do Crasto

Figura 50. Carlos A. Brochado Almeida. Mapa de localização dos castros região de Viana do Castelo.

Segundo um inventário realizado por Brochado Almeida sobre os castros do litoral minhoto, terão existido 156 povoados fortificados compreendendo os concelhos de Caminha, Vila Nova de Cerveira, Valença, Paredes de Coura, Viana do Castelo, Ponte de Lima, Esposende e Barcelos.¹⁰⁴

É em praticamente toda a área de Cardielos que se podem encontrar vestígios da presença humana desde tempos pré-históricos. O Castro de S. Silvestre (figura 50), localiza-se na serra de Perre, juntamente com mais duas comunidades deste tipo, Castro de S. Martinho e Monte dos Castelos, sendo o de S. Silvestre o de maior dimensão.¹⁰⁵

Carlos A. Brochado Almeida em *Povoamento Romano do Litoral Minhoto entre o Cávado e o Minho*, refere que o Castro de S. Silvestre tinha um grande potencial agrícola, para além da sua riqueza em estanho que a zona do Ribeiro de Nogueira e a longa zona de serra que existia nas suas costas, aprovisionava. As suas boas condições económicas terão levado a um aumento populacional da comunidade, pensando-se que parte desta população tenha fundado outros castros nas imediações, dos quais o Castro do Calvário, o de Terronha e o Castro de Serreleis.¹⁰⁶

O Castro de Roques, situa-se na margem oposta do Rio Lima (figura 50), entre os vales do Neiva e Lima. Possui uma área de cerca de 6 hectares distribuindo-se entre as freguesias de Subportela, Mujães, Vila Franca (do Lima) e Vila de Punhe. É considerada uma das maiores comunidades do Minho Litoral, o de maior dimensão da bacia Sul do Rio Lima, detendo domínio visual desde a foz do Rio Lima até Ponte de Lima.¹⁰⁷ Dentro do perímetro da antiga povoação castreja é possível encontrar vestígios da presença da mesma, desde a Pegada do Santinho que se supõe ser um rochedo onde outrora fora utilizada como soleira de uma porta; a Boca da Serpente, uma pequena gruta que surge entre duas fragas e culmina numa nascente, que se considera ter servido para abastecimento de água da comunidade e o Penedo do Galo, um penedo com forma semelhante ao respetivo animal.¹⁰⁸

104. *idem*, 122.

105. ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, *op. cit.*, p. 138.

106. *idem*, p. 139.

107. *idem*, p. 132.

108. Castro do Santinho ou de Roques. (<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/>)

A construção de capelas e ermidas em montes outrora habitados por comunidades castrejas é já conhecida,¹⁰⁹ talvez pelo facto de, nesses lugares, a pedra ser abundante e poder ser aproveitada das ruínas para construir novas habitações. A simbologia das montanhas é também preponderante na apropriação destes lugares para a construção de locais de culto, pela ideia de proximidade ao céu e a Deus, como é o caso da mitologia grega que considerava o Monte Olimpo, o ponto mais alto da Grécia que se ergue a 2.917m de altitude, como morada dos seus deuses. Mas também pelo conceito de lugar domesticado e sagrado que posteriormente foi adaptado pelo cristianismo. Com a romanização e a tentativa de cristianização dos povos, a estratégia passou por utilizar esses lugares pagãos que já possuíam um carácter considerado “mágico”.

“As ermidas existentes no cimo de vários montes resultam da cristianização dos lugares de culto dedicados aos deuses pagãos nas acrópoles de muitos castros.”¹¹⁰

São esses mesmos lugares que passam a possuir uma ermida ou capela, a ter nome de santos, onde as suas celebrações carregam ainda hoje consigo uma carga pagã.

109. VIANA, João Costa Cunha, *op. cit.*, p. 413.

110. REIS, António Matos. 2017. Alto Minho Cristão. *Apontamentos para a História da Diocese de Viana do Castelo. Memória*, Revista do Instituto Católico de Viana do Castelo, Vol.14, Ano 14, p.13.



Figura 51. Percurso até ao topo do monte de Roques | 28 de abril de 2019.

Percorrer

“Antes de erguer o menir (...) o homem possuía uma fórmula simbólica com a qual transformar a paisagem. Essa forma era o caminhar, uma ação aprendida com fadiga nos primeiros meses da vida e que depois deixa de ser uma ação consciente para tornar-se natural, automática. Foi caminhando que o homem começou a construir a paisagem natural que o cercava.”¹¹¹

É pelo caminhar do santo que se conectam lugares, quer através de um caminho, de um mapa, mas também através de relações altimétricas e de proximidade. Assimilando a posição do santo, é possível perceber o seu trajeto, aquilo que o rodeava, mas acima de tudo verificar a influência que uma narrativa pode ter no entendimento e percepção do território.

111. CARERI, Francesco. *op. cit.*, p.27.

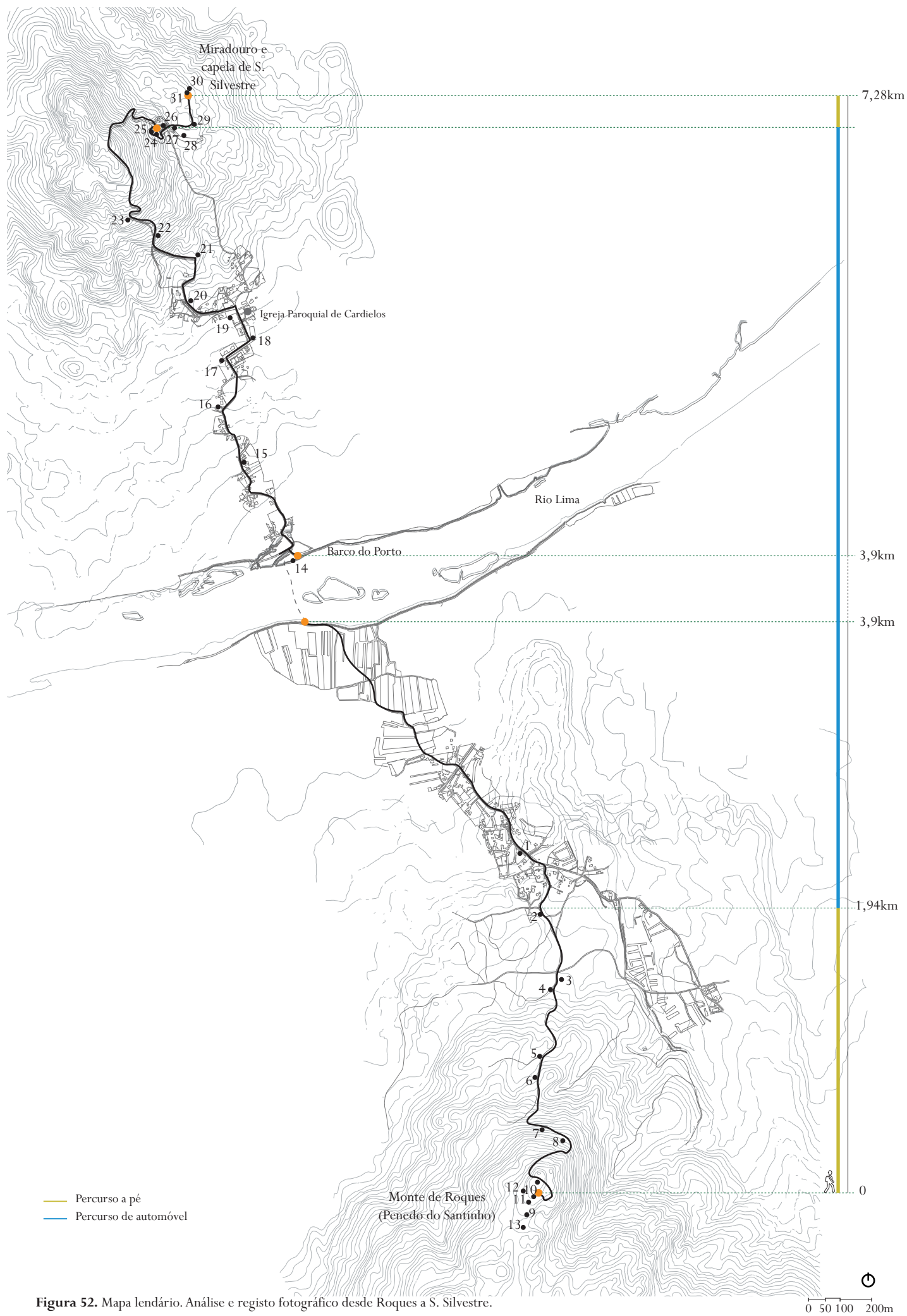


Figura 52. Mapa lendário. Análise e registo fotográfico desde Roques a S. Silvestre.



1



2



3



4



5



6



7



8



9



10



11



12



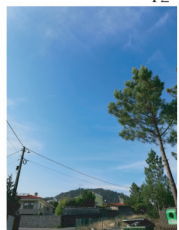
13



14



15



16



17



18



19



20



21



22



23



24



25



26



27



28



29



30



31

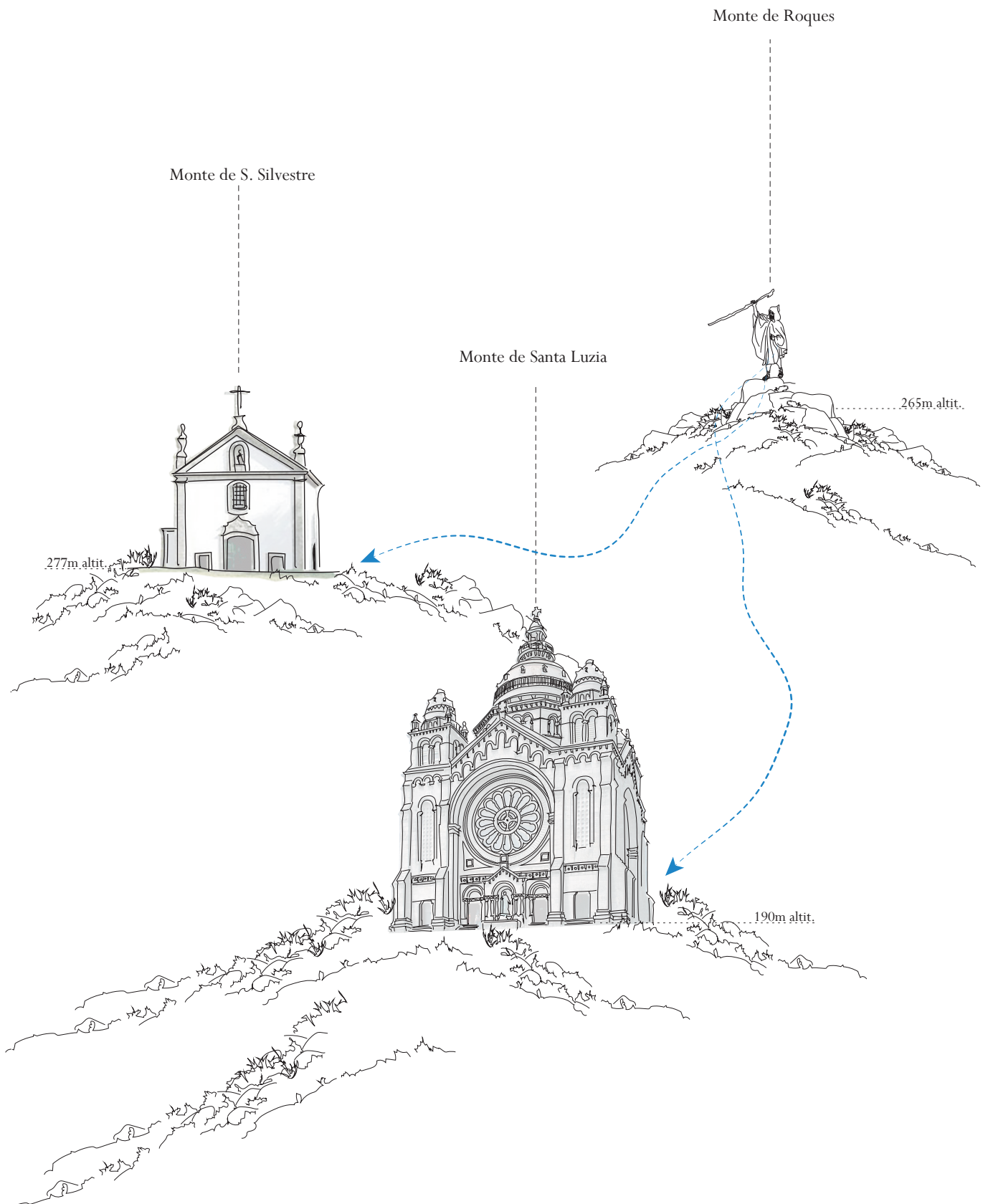


Figura 53. Esquema representação do domínio visual do santo desde o Monte de Roques.

Nos pés do santo

Ao percorrer o território ambiciona-se recriar os passos dados pelo santo na sua jornada pelos montes e castros de Roques e São Silvestre. Mais do que tentar imitar os seus passos, espera-se ver através dos seus olhos para entender a paisagem que o envolvia, vista essa que terá sido determinante na sua decisão de qual o rumo a seguir.

A 28 de Abril de 2019 foi iniciado o percurso que o santo terá feito até ao alto da serra de Roques com a intenção de cristianizar o povo que o habitava. Foram necessários percorrer cerca de 3,9km, de carro e a pé, em estradas camarárias e caminhos em terra batida, vencendo por volta 263m de altitude na sua totalidade (figura 52).

O topo do monte de Roques, que se situa a 265m de altura em relação ao mar, possui domínio desde a foz do rio lima, em Viana do Castelo e toda a paisagem até Ponte de Lima. Desde o alto é possível observar a montanha de São Silvestre e ao longe o monte de Santa Luzia e o seu santuário, que também este foi construído em território outrora ocupado por povos castrejos, a chamada Cidade Velha de Santa Luzia (figura 53).

Depois de evangelizar a comunidade de Roques, o santo desceu o monte e tal como ele, também a 28 de agosto se tentou supor um trajeto até junto ao Rio Lima, que terá sido atravessado para chegar até ao cume de S. Silvestre. Os percursos realizados e traçados na figura 52 encontram-se influenciados por vias e caminhos construídos ao longo do tempo, por isso devem ser considerados como meramente especulativos, uma vez que na lenda não existe qualquer referência a lugares percorridos ou caminhos específicos feitos pelo santo.

Depois de atravessar o curso de água, o velho homem terá percorrido cerca de 3,3km até chegar ao lugar onde posteriormente terá mandado erigir a sua capela (figura 52). É junto à estrada nacional N202 e junto à igreja paroquial de Cardielos que se encontram indicações para se alcançar o miradouro, e são as cruces implantadas ao longo do trajeto (foto 21), representando a via sacra, que nos levam até ao cimo.

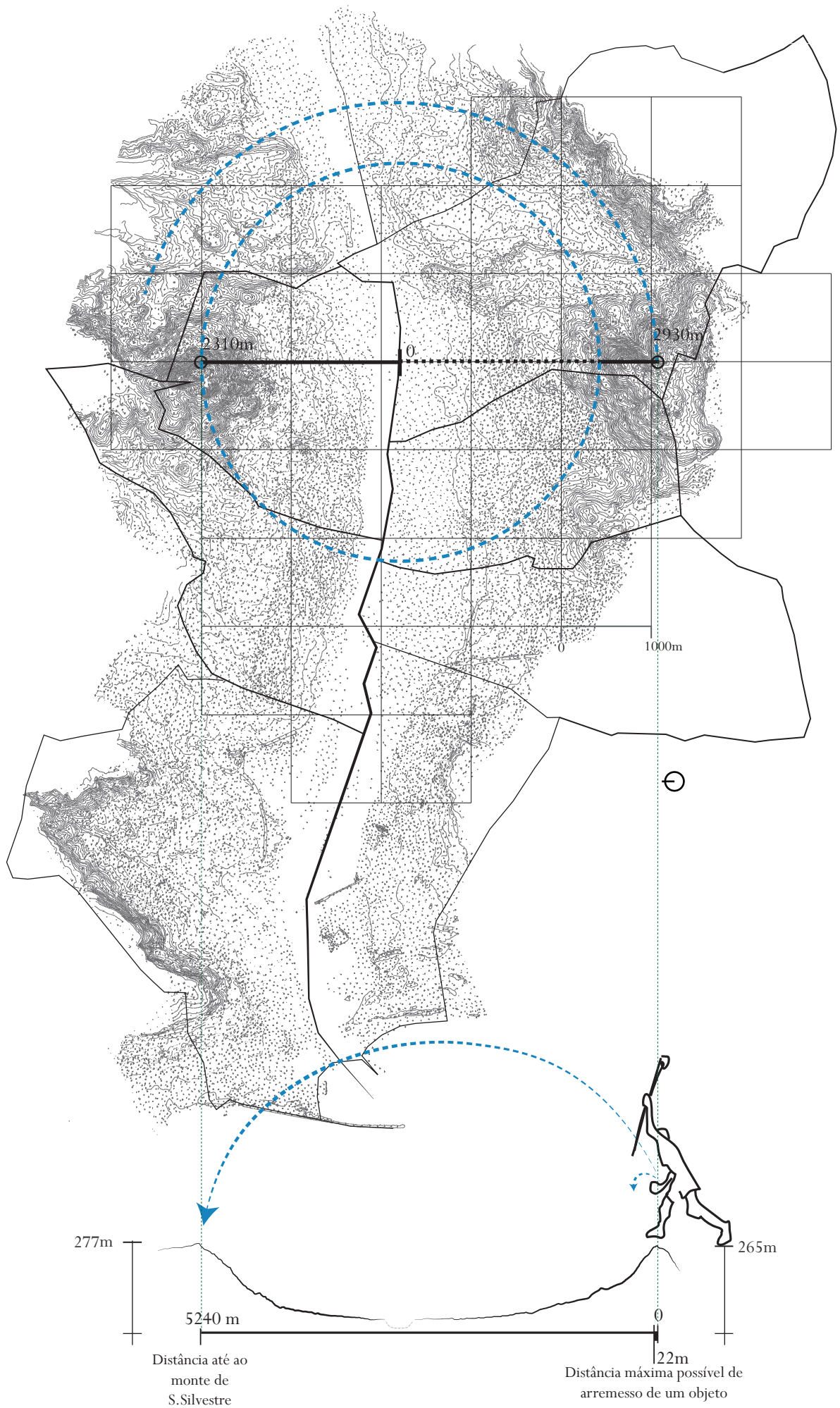


Figura 54. Mapa e esquema de análise das relações métricas entre os dois montes.

As dimensões lendárias

Segundo a narrativa contada, o santo, após ter cristianizado os habitantes do castro, colocou-se em cima de um penedo, o Penedo do Santinho. Neste terá ficado registada a pegada do santo que dista cerca de 2930m do rio, aproximadamente o mesmo - 2310m - que a capela ao rio na margem oposta.

O monte onde foi erigida a capela possui uma elevação de 277m em relação ao mar, havendo apenas cerca de 10m de altitude de diferença entre os dois montes. Este encontra-se alinhado com o monte de São Silvestre e na perpendicular ao rio Lima, como é possível observar na figura 54.

Diz-se também que o velho homem atirou depois o cajado para saber qual seria o próximo local para espalhar a sua palavra.

“O homem trepou para um enorme rochedo, que lhe era miradoiro maravilhoso sobre tudo em redor, e, ante o arrebatamento de todos, ergueu ao alto o seu cajado de madeira, lançando-o para longe, em direcção ao monte vizinho, onde outro castro espreitava, sombrio e hostil.”¹¹²

Este terá viajado cerca de 5240m até cair no local onde atualmente existe a capela dedicada a S. Silvestre.¹¹³

Apesar do poder sobre-humano atribuído a este homem, esta ação cria uma relação de proximidade entre os espaços. O exagero produzido pela narrativa relativo à distância entre o monte de Roques e o monte de São Silvestre torna estes lugares mais próximos do que realmente são e liga-os através de uma história. Depois de uma recolha, análise e representação do lugar físico, bem como do seu lugar lendário, estes ficam unidos pelo seu registo, desenho e mapeamento.

112. VIANA, António Manuel Couto. *op. cit.*, p. 70.

113. Para se ter uma noção do exagero relatado na lenda, foi feita uma pesquisa acerca das distâncias atingidas na modalidade de lançamento do peso por atletas olímpicos, com pesos que variam desde os 4kg para o sexo feminino até aos 7kg para o sexo masculino. A distância máxima atingida no lançamento do peso foi de uma distância de 22,52m (esquema da figura 54).

Sendo as características geográficas, como a altitude e a distância entre dois pontos num mapa, traços naturais e sem manipulação humana, é interessante perceber que essas qualidades do território físico são muitas vezes motivo para a escolha dos povos na fundação das suas aldeias desde os primórdios da civilização.

A atribuição de características e usos humanos a formas de objetos naturais como pedregalhas e marcas em penedos, talvez seja o primeiro passo para o surgimento de uma lenda. Desta narrativa em particular, não se sabe a data, nem origem. Apenas se sabe que o local onde esta nasce terá tido também ocupação romana, facto este comprovado pela descoberta de artefactos arqueológicos, como as telhas (telhas) de barro cozido que terão sido as substitutas do colmo para telhado das habitações na época da invasão romana.¹¹⁴ Este acontecimento encontra-se, assim, associado à lenda em estudo, através da referência à cristianização daquela comunidade na narrativa, e a sua fundamentação com base arqueológica.

“As histórias também poderiam adquirir esse nome nobre: todos os dias, elas atravessam e organizam lugares; elas seleccionam e vinculam-os; fazem frases e itinerários a partir deles. São trajetórias espaciais.”¹¹⁵

Através de uma narrativa que passou de boca em boca, estes lugares são ainda hoje motivo de estudo e romaria. É pelas lendas e pela sua história que estes dois montes se ligam, tal como se conectam visualmente pelas suas características altimétricas e de proximidade ao rio. E talvez seja por todas estas qualidades intrínsecas ao território, que se criam tantas lendas e histórias ao longo dos séculos.

114. <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/10394622/>

115. CERTEAU, Michel de. 1988. *The Practice of Everyday Life*. California: University of California Press, pag.116. "Stories could also take this noble name: every day, they traverse and organize places; they select and link them together; they make sentences and itineraries out of them. They are spatial trajectories."

-Síntese-

“Durante milhares de anos, quando ainda era impensável a construção física de um lugar simbólico, percorrer o espaço representou um meio estético através do qual era possível habitar o mundo. Associavam-se à errância a religião, a dança, a música e a narração nas suas formas de epopeia, de descrição geográfica e de iniciação de povos inteiros. O percurso/narração transformou-se num género literário ligado à viagem, à descrição e à representação do espaço.”¹¹⁶

A palavra dita no meio popular é uma forma de expressão e de representação poderosa que carrega informações sobre a história, a etnografia e as tradições de um povo. A sua utilização no meio científico levanta incertezas, mas o seu estudo pode revelar características do território importantes para um entendimento mais aprofundado da identidade complexa dos lugares.

As lendas servem, acima de tudo, para compreender o território, as suas transformações e sobreposições. A ruralidade de Portugal e no caso da região do Vale do Lima, revelam através das suas tradições, crenças e modos de vida, a maneira como se construiu o território e de que forma as alterações sociais, económicas e geográficas contribuíram para essa mudança.

A cultura e a expressão oral são, por isso, fundamentais na compreensão do património arquitetónico indissociável à religião cristã que, ainda hoje, se encontra enraizada na cultura portuguesa. A população possui o papel principal na conservação destes espaços, que através de festas e procissões, tudo faz para manter de pé pequenas capelas e igrejas, símbolos de um longo trajeto civilizacional.

Analisar o território através da lenda é defini-lo no espaço e no tempo. As pistas fornecidas por ela, podem indicar e justificar construções, demonstrar as consequências que essas estruturas trouxeram ao lugar, bem como estimular temas importantes para a arquitetura no que diz respeito à intervenção, leitura e interpretação do território na sua relação com a memória popular e consequente construção territorial.

116. CARERI, Francesco. *op. cit.*, p.63.

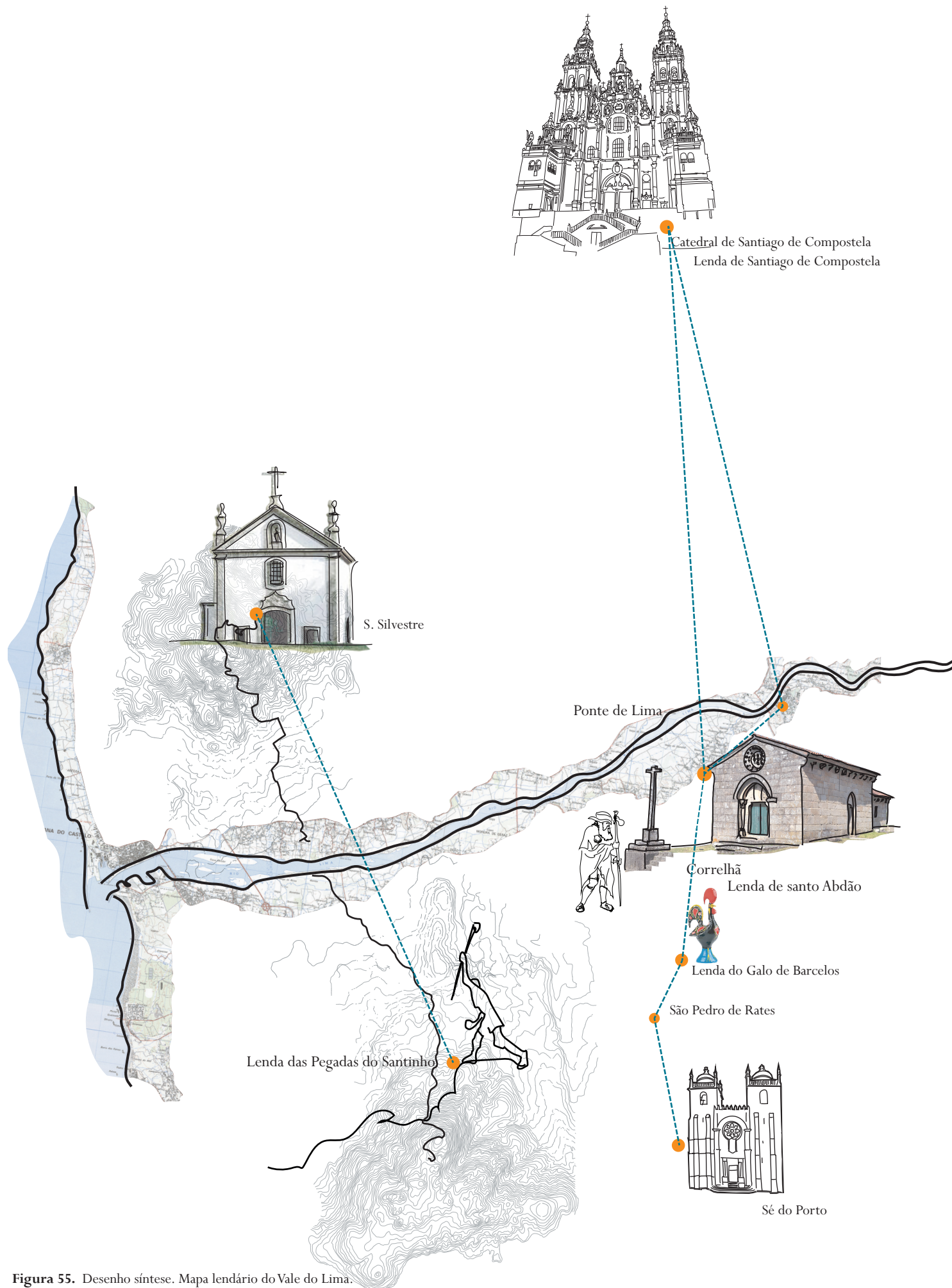
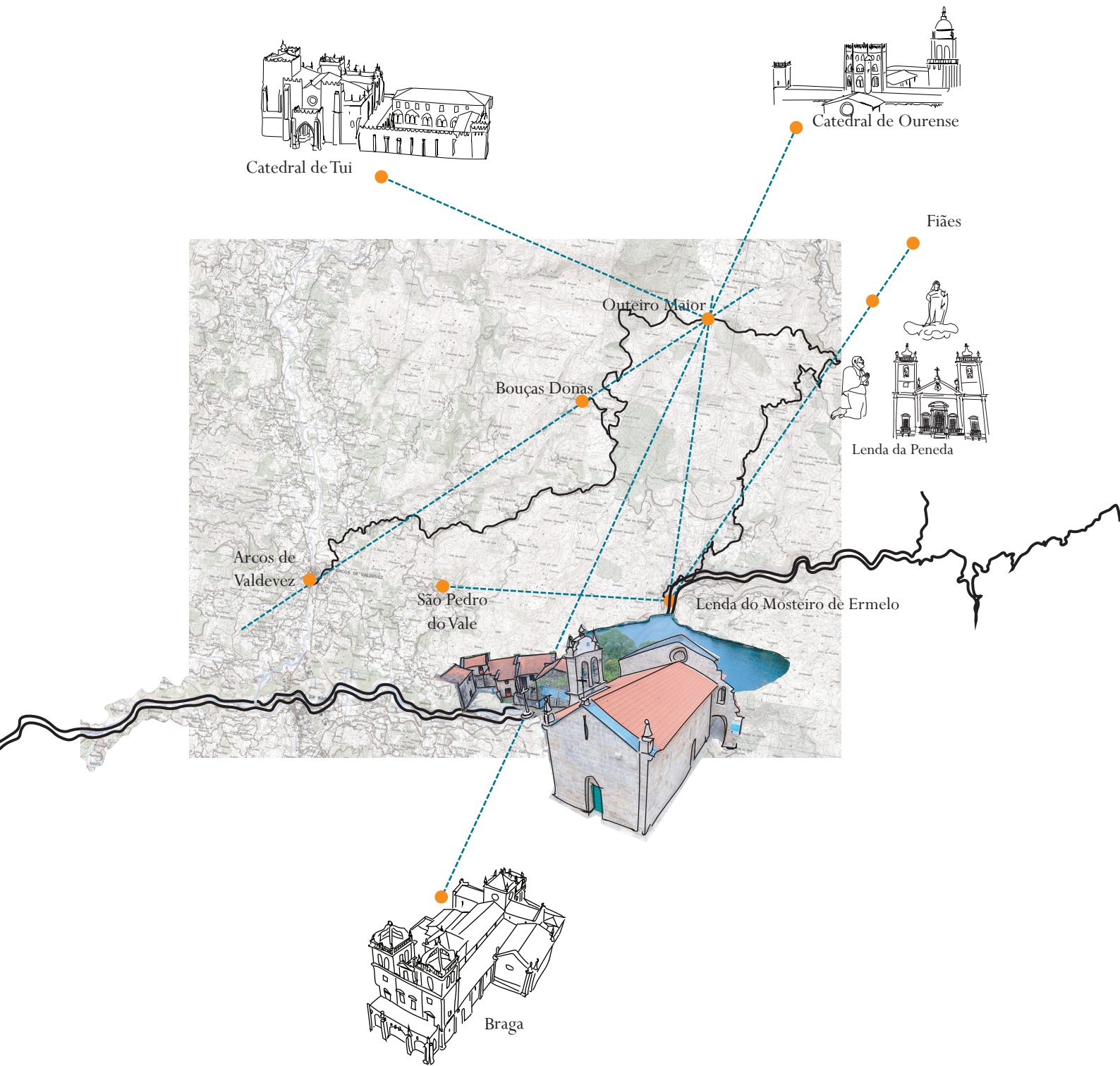


Figura 55. Desenho síntese. Mapa lendário do Vale do Lima.



Com o estudo específico de três lendas da região do Vale do Lima, foi possível aprofundar o conhecimento das edificações a elas associadas, não como objectos arquitetónicos isolados, mas como elementos integrantes de um percurso e de um território, que apenas com um estudo físico e histórico não seria provável alcançar.

Se foi com a Lenda do Mosteiro de Ermelo que se percebeu que as narrativas podem ter implícitas as razões da edificação de um monumento, bem como entender que a construção física não se fecha em si, mas que muitas vezes se relaciona com outros lugares a partir do momento em que esses podem ser mapeados e conectados; foi também com a Capela de S. Silvestre e a sua Lenda das Pegadas do Santinho que se assinalou a força das palavras na alteração e percepção do espaço, através de uma proximidade de dois montes, mas também pela forma como nos pode desvendar apropriações do território pelos povos que percorreram e habitaram este vale. Já numa escala mais abrangente do território, encontra-se a lenda de Santo Abdão que nos suscita o tema dos percursos iniciados pelos peregrinos, que ao longo dos séculos tornaram centrais lugares que sem a lenda de Santiago nunca o seriam. A sobreposição do mapa cartográfico com o mapa lendário (figura 55), onde se agrupam as três lendas estudadas, quebra fronteiras geográficas e demonstra o poder das lendas na aproximação de lugares.

A metodologia adotada criou articulações entre aquilo que são as lendas e os acontecimentos históricos de cada lugar. A organização possibilitou o cruzamento de informação entre as lendas, as características do território e a sua história, como é o caso de D. Ordonho II, como interveniente na lenda do Mosteiro de Ermelo e como parte da história da formação da Vila da Correlhã na lenda de Santo Abdão. O mesmo acontece com a ideia da princesa Urraca querer construir o mosteiro no alto da serra pela abundância de pedras que permitiriam a sua construção, com o facto de que a implantação da Capela de S. Silvestre se deve à existência de pedras excedentes dos antigos castros. Nos três casos é evidente a importância do caminhar como passo essencial para a implantação de um edifício, onde a questão do alcance visual se impõe (S. Silvestre e Ermelo), bem como a relação constante com o elemento água, que com

mais ou menos notariade interfere na tomada de decisão na construção de edifícios e na implantação e formação das comunidades.

Percorrer o território do Vale do Lima, conhecer as suas histórias para a realização deste trabalho de investigação serviu, acima de tudo, para uma melhor compreensão do território, e para incentivar a novas aproximações no campo da arquitetura, que devem ter em atenção as características do lugar, as tradições e as vivências da população. A elaboração desta dissertação beneficiou, também, no alargamento do conhecimento em matérias mais afastadas da arquitetura, tal como realçar a necessidade de abertura desta disciplina para outras áreas do saber, estabelecendo pontes e cruzamentos essenciais não só para o conhecimento da espessura histórica dos lugares, mas essencialmente enquanto suporte para questionar as formas como intervimos. A memória dá-nos, assim, matéria que não é lugar do passado mas do presente que se apresenta sob os nossos pés caminhantes.

Esta investigação vêm revelar a importância de olhar o território por camadas, que vão desde a camada histórica, geográfica, camada topográfica, mas também lendária. O território para além da estrutura que nos sustenta, é também a forma como o vemos e imaginamos, tendo inúmeras interpretações. Este trabalho pode ser, assim, um ponto de partida para uma melhor compreensão de todas essas camadas que integram o processo de construção territorial.

Referências Bibliográficas

ADRIÃO, Vítor Manuel. 2011. *Santiago de Compostela. Mistérios da rota portuguesa.* Dinapress, 1ª ed. Lisboa.

ALMEIDA, Carlos A. Brochado de. 2003. *Povoamento romano do Litoral Minhoto entre o Cávado e o Minho.* Dissertação de Doutoramento em Pré-História e Arqueologia, Vol.VII. Edição Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

ALMEIDA, Carlos A. Brochado de. 2013. *A realidade arqueológica do litoral entre o Neiva e o Cávado: da romanização à formação das paróquias.* Revista da Faculdade de Letras Ciências e Técnicas do Património, Vol.XII, pp. 99-111.

ALMEIDA, Carlos A. Brochado de. 2014. *Uma aldeia milenar da Ribeira Lima: a sacralização do seu espaço paroquial.* PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural, vol. 12, nº 1, 2014, pp. 187-197 Universidad de La Laguna. El Sauzal (Tenerife), Espanha.

ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de. 2001. *História da Arte em Portugal. O Românico.* Editorial Presença, Lisboa.

AMARANTE, Eduardo. 2008. *Mitos e Lugares Mágicos de Portugal.* Zéfiro, 1ª ed., Sintra.

ARAÚJO, Maria Marta Lobo de. 2006. *Os Hospitais de Ponte de Lima na Era Pré-Industrial.* Universidade do Minho, Braga.

BAYARD, Jean-Pierre. 2001. *História das Lendas,* Edição Ridendo Castigat Mores.

<http://bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/services/e-books/Jean%20Pierre%20Bayard-1.pdf>

BRAZ, António Manuel da Silva. 2009. *O mosteiro e a igreja de Ermelo. Património Cisterciense esquecido no tempo.* Município de Arcos de Valdevez, Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, Braga.

CALDAS, Eugénio de Castro. 1994. *Terra de Valdevez e montaria do Soajo*. Ed. Verbo, Câmara Municipal de Arcos de Valdevez.

CARERI, Francesco. 2002. *Walkscapes. O caminhar como prática estética*. Editora Gustavo Gili, Ltda, 1ª edição, 2018.

CARNEIRO, Américo. 2011. *Os de Refóios, Nascimento de uma Nação*. Viana do Castelo.

CARREIRAS, José Albuquerque. 2013. *Mosteiros Cistercienses. História, Arte, Espiritualidade e Património*. Atas do Congresso, Alcobaça, junho de 2012. Org. Mosteiro de Alcobaça, colab. Instituto Politécnico de Tomar. Jorlis, Alcobaça.

CERTEAU, Michel de. 1988. *The Practice of Everyday Life*. California: University of California Press. Berkeley.

CHATWIN, Bruce. 1987. *Canto Nómada*. 1ª edição Quetzal / Terra Incognita, 2019.

Corboz, André. El territorio como palimpsesto. https://www.academia.edu/30118118/Andre_Corboz_El_Territorio_Como_Palimpsesto

CORREIA, Luís Miguel Maldonado de Vasconcelos. 2011. *Castelos em Portugal: retrato do seu perfil arquitectónico [1509-1949]*. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2ª edição, Coimbra.

Eliade, Mircea. 1999. *O Sagrado e o Profano, A Essência das Religiões*. Edição Livros do Brasil.

FERREIRA, Diogo e DIAS, Paulo. 2016. *História de Portugal. O que todos precisamos de saber*. Verso de Kapa, 1ª ed. Lisboa.

FREITAS, José. 2014. *A(u)tores de um lugar comum. Comutação Cultura-Arquitetura em Bravães*. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura. Departamento de Arquitetura da FCTUC, Coimbra.

GONÇALVES, Luís Jorge Rodrigues. 2014. *Contar Histórias é preciso. Alter Ibi*, 1: 13 - 18. Faculdade de Belas-Artes, Universidade de Lisboa.

GUERRA, L. de Figueiredo da. 1924. *A Capella de Santo Abdão na Correlhã*. A Aurora do Lima, Viana do Castelo.

LEMOS, Francisco de Sande. 2008. *Minho. Traços da Identidade: A cultura castreja no Minho, Espaço nuclear dos grandes povoados proto-históricos do Noroeste* (capítulo III), Universidade do Minho.

LÓPEZ-AYDILLO, Eugenio. 1918. *Os mirages de Santiago: Version gallega del codice latino del siglo XII, atribuido al Papa Calisto II*. Imprenta Castellana, Universidad de Valladolid.

MADUREIRA, Isabel Maria Teixeira. 2012. *O Imaginário Português: estereótipos de Portugal e dos portugueses nas lendas populares*. Dissertação de Mestrado em Português Língua Não Materna – Língua Estrangeira e Língua Segunda, Instituto de Letras e Ciências Humanas, Universidade do Minho.

MALHEIRO, Catarina Lima. 2013. *Marcas do passado, Permanência da atualidade: Apropriação do território de Ponte de Lima segundo a análise das Quintas Senhoriais e Mosteiros*. Dissertação de Mestrado da Escola de Arquitectura, Universidade do Minho.

MARQUES, Alexandre da Silva. 2014. *Lugares de Memória – A Ponte da Misarela*. Dissertação de Mestrado em Património e Turismo Cultural, Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho.

MARTINS, Ana Maria. 2011. *Las arquitecturas del Císter en Portugal. La actualidad de sus rehabilitaciones y su inserción en el territorio*. Tesis Doctoral, volumen I, Departamento de Historia, Teoría y Composición arquitectónicas, Universidad de Sevilla.

MARTINS, Mário. 1957. *Peregrinações e livros de milagres na nossa Idade Média*. Broteria, 2ª edição Lisboa.

MORGADO, Duarte Nuno Ferreira Madaleno Ferreira. 2012. *Cister: espiritualidade, estética e teologia na arquitectura cisterciense*. Dissertação de Mestrado de teologia na Universidade Católica Portuguesa, Lisboa.

NOGUEIRA, Sandra Conceição Silva. 2010. *O Mosteiro de Ermelo em Arcos de Valdevez. Um contributo para a sua história*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

PEREIRA, Félix Alves. 1918. *Uma Fundação de D. Tareja (O Mosteiro de Ermelo) in O Archeologo Português*, vol. 23, Lisboa.

PEREIRA, Félix Alves. 1927-1929. *Jornadas de um curioso pelas margens do Lima: Estudos do Alto Minho in O Archeologo Português*, vol. 28, Lisboa.

PEREIRA, Fernando António Baptista. 2014. *O santuário do Cabo Espichel: a Lenda, o Espírito do Lugar e o modo de os dar-a-ver*. Revista *Santuários, Cultura, Arte, Romarias, Peregrinações, Paisagens e Pessoas*. Vol. 1 (1): 116-125.

PEREIRA, Paulo. 2005. *Enigmas, Lugares Mágicos de Portugal. Montes sagrados, Altos lugares e Santuários*, vol. 6. Círculo de Leitores, Lisboa.

REIS, António Matos. 2017. *Alto Minho Cristão. Apontamentos para a História da Diocese de Viana do Castelo. Memória*, Revista do Instituto Católico de Viana do Castelo, Vol.14, Ano 14.

RIBEIRO, José Luís de Sousa. 1996. *Ensaio Monográfico da Correlhã*. Centro Paroquial e Social de Fontão, Viana do Castelo.

SCHAMA, Simon. 1995. *Landscape and Memory*. Harper Press, London, 2004.

SERÉN, Maria do Carmo. 2012. *Pedras, Montes e Protecções: a religião no Norte Pré-Cristão*. CEM N.º 3/ Cultura, ESPAÇO & MEMÓRIA, Universidade do Porto.

TURRI, Eugenio. 1974. *Antropologia del paesaggio*. Edizioni di Comunità.

VIANA, António Manuel Couto. 2002. *Lendas do Vale do Lima*. Valima, Associação de Municípios do Vale do Lima, Ponte de Lima.

VIANA, João Costa Cunha. 2005. *São Tiago de Cardielos*. Ed. Junta de Freguesia de Cardielos, Viana do Castelo.

Sítios da Internet

<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/>

<https://www.caminhoportosantiago.com/caminho-central/>

<https://www.cm-barcelos.pt>

<http://www.paroquiocardielos.com>

<https://www.ine.pt>

<http://www.monumentos.gov.pt>

<https://www.cmav.pt>

<https://lendarium.org>

https://www.snpcultura.org/ordem_cister_heranca_cultural_portugal_europa.html

<http://www.faroldanossaterra.net>

<https://www.wattpad.com/661137603-lendas-lenda-da-pegada-monte-do-santinho-roques>

<https://www.minhodigital.com/news/caminhos-monacais-rota-cisterciense-congrega-padres-da-serra>

<https://www.altominho.pt/fr/visitar/lendas-e-tradições/>

<https://www.biblegateway.com/passage/?search=G%C3%AAnesis+11&version=OL>

Índice de imagens

Figura 1. Fotografia da margem direita do Rio Lima, Ponte de Lima. | p.14

Fotografia da autora, 21 agosto 2019.

Figura 2. Localização do Vale do Lima e dos concelhos que o constituem. | p.16-17

Desenho da autora. Cartografia fornecida pelo Departamento de Geografia da UIM (1996).

Figura 3. Annibale Carracci, *Romolo traccia con l'aratro il confine della città di Roma*, 1590 - 159. Bologna palazzo Magnani | p.18

http://www.conosciamoroma.it/conosciamoroma/index.php?option=com_k2&view=item&id=56:annibale-carracci-romolo-traccia-i-confini-di-roma-1590

Figura 4. Desenho de localização das lendas em estudo. | p.20

Desenho da autora. Cartografia fornecida pelo Departamento de Geografia da UIM (1996).

Figura 5. Pieter Bruegel, *A Torre de Babel*, 1563. Museu, Kunsthistorisches, Viena Áustria. Óleo sobre painel, 114 x 155 cm | p.26

<https://virusdaarte.net/pieter-bruegel-o-velho-a-torre-de-babel/>

Figura 6. Leonel Marques Pereira, *Festa na aldeia*, C. 1870 – 75. Óleo sobre madeira. | p.26

<http://www.museuartecontemporanea.gov.pt/ArtistPieces/view/127/artist>

Figura 7. Judith Yinyika Chambers, *Kungkarangkalpa*, 2011. Warakurna Artists, Museu Nacional da Austrália. Acrílico sobre tela, 50,5 x 76,5 cm. | p.26

<https://www.nma.gov.au/exhibitions/songlines>

Figura 8. Tintoretto, *La Creazione degli animali*, Gallerie dell'Accademia. Veneza, 1551. Óleo sobre a tela - 151 x 258 cm. | p.30

<https://www.frammentiarte.it/2016/07-la-creazione-degli-animali/>

Figura 9. Ilustração da Lenda de Ermelo. | p.38

Desenho da autora.

Figura 10. António Vaz Pereira, ilustração da Lenda do Mosteiro de Ermelo. | p.44

in VIANA, António Manuel Couto. 2002. *Lendas do Vale do Lima*. Valima, Associação de Municípios do Vale do Lima, Ponte de Lima, p. 78.

Figura 11. Fotografia panorâmica da vista do Mosteiro de Ermelo. | p. 46

Fotografia da autora, 12 de janeiro de 2019.

Figura 12. Registo fotográfico de Ermelo e da sua envolvente próxima. | p. 48

Fotografias da autora, 12 de janeiro e 28 de abril de 2019.

Figura 13. Enquadramento do Mosteiro em relação à localidade de Ermelo. | p. 50

Montagem da autora.

<https://www.guiadacidade.pt/pt/poi-mosteiro-de-santa-maria-de-ermelo-284547>

<https://fugas.publico.pt/mediaGaleria/321082>

Figura 14. Desenho de localização e caracterização da freguesia de Ermelo. | p. 52

Desenho da autora. Cartografia fornecida pelo Departamento de Geografia da UM (1996).

Figura 15. Linha do tempo referente à evolução de Ermelo e do Mosteiro. | p. 54

Desenho da autora.

Figura 16. Fotografia da fachada Sul da Igreja. | p. 56

Fotografias da autora, 28 de abril de 2019.

Figura 17. Mapa de localização dos mosteiros Cistercienses em Portugal. | p.58

Desenho da autora com base na imagem do livro *O esplendor da austeridade, Mil anos de empreendedorismo das Ordens e Congregações em Portugal: Arte, Cultura e Solidariedade* de José Eduardo Franco (2011).

https://www.snpcultura.org/ordem_cister_heranca_cultural_portugal_europa.html

Figura 18. Esquema do percurso dos monges desde Ermelo até Fiães. | p.60

Desenho da autora.

Figura 19. Ilustração das lendas da Senhora da Peneda. | p.62

Desenho da autora.

Figura 20. Fotografia do percurso na Serra do Soajo. | p.64

Fotografia da autora, 28 de abril de 2019.

Figura 21. Mapa de percursos feitos pela autora de automóvel. | p.66

Desenho da autora. Cartografia fornecida pelo Departamento de Geografia da UM (1996).

- Figura 22.** Análise e registo do percurso fotográfico (28 de abril de 2019). | p.68-69
Desenho da autora.
- Figura 23.** Esquema dos lugares por onde passou a lenda. | p.70
Desenho da autora.
- Figura 24.** Ilustração da chegada de Urraca a Bouças Donas. | p.71
Desenho e fotografias da autora.
- Figura 25.** Fotografia da D. Amélia e D. Maria do lugar de Grade. | p.71
Fotografia da autora, 28 de abril de 2019.
- Figura 26.** Esquema visual de Urraca do local de implantação do Mosteiro. | p.72
Desenho da autora.
- Figura 27.** Ilustração da chegada da princesa a Outeiro Maior. | p. 73
Desenho e fotografias da autora.
- Figura 28.** Ilustração da construção do mosteiro em Ermelo. | p. 73
Desenho e fotografias da autora.
- Figura 29.** Análise das relações entre os vários lugares da lenda. | p.74
Desenho da autora.
- Figura 30.** Ilustração da Lenda de Santo Abdão. | p.78
Desenho da autora.
- Figura 31.** Desenho da Capela de Santo Abdão. | p.82
in RIBEIRO, José Luís de Sousa. 1996. *Ensaio Monográfico da Correlhã*. Centro Paroquial e Social de Fontão, Viana do Castelo, p. 208.
- Figura 32.** Jaume Huguet, S. Abdon e S. Sennen, (1459-1460). | p.84
http://obviousmag.org/archives/2012/08/a_esquecida_arte_espanhola_martorell_e_huguet.html
- Figura 33.** Fotografia do adro da Igreja de S. Tomé e capela de Santo Abdão. | p.86
Fotografia da autora, 29 de agosto de 2019.

Figura 34. Mapa da Vila da Correlhã. | p.88

Desenho da autora. Cartografia cedida pela Câmara Municipal de Ponte de Lima (1996).

Figura 35. Linha do tempo relativa à história e à construção da Correlhã. | p.90

Desenho da autora.

Figura 36. Martín Bernat. Embarque/ Transladação do corpo do Apóstolo Santiago, o Maior. (1480-1490). Museo del Prado, Madrid. | p.94

<https://chitiya.blog/2019/06/28/el-apostol-santiago-el-mayor/>

Figura 37. Correlhã no panorama das *Vias Portuguesas de Peregrinação a Santiago de Compostela*. | p. 96

Desenho da autora com utilização de Composição de Humberto Baquero Moreno in ADRIÃO, Vítor Manuel. 2011. *Santiago de Compostela. Mistérios da rota portuguesa*. Dinapress, 1ª ed. Lisboa, p. 231..

Figura 38. *Viagem de Lisboa a Santiago da Galiza*. Ilustração do Caminho de Santiago. | p.98

in ADRIÃO, Vítor Manuel. 2011. *Santiago de Compostela. Mistérios da rota portuguesa*. Dinapress, 1ª ed. Lisboa, p. 245.

Figura 39. Fotografia do percurso de Santiago de Compostela pela Correlhã. | p. 100

Fotografia pela autora, 29 de agosto de 2019.

Figura 40. Análise e registo fotográfico do percurso realizado pela autora. | p.102-103

Desenho e fotografias captadas pela autora a 29 de agosto de 2019.

Figura 41. Esquema de distâncias e construções pelo Caminho Central de Santiago. | p.104

Desenho da autora.

Figura 42. Construções religiosas e civis no Caminho de Santiago entre Correlhã e Ponte de Lima. | p.106

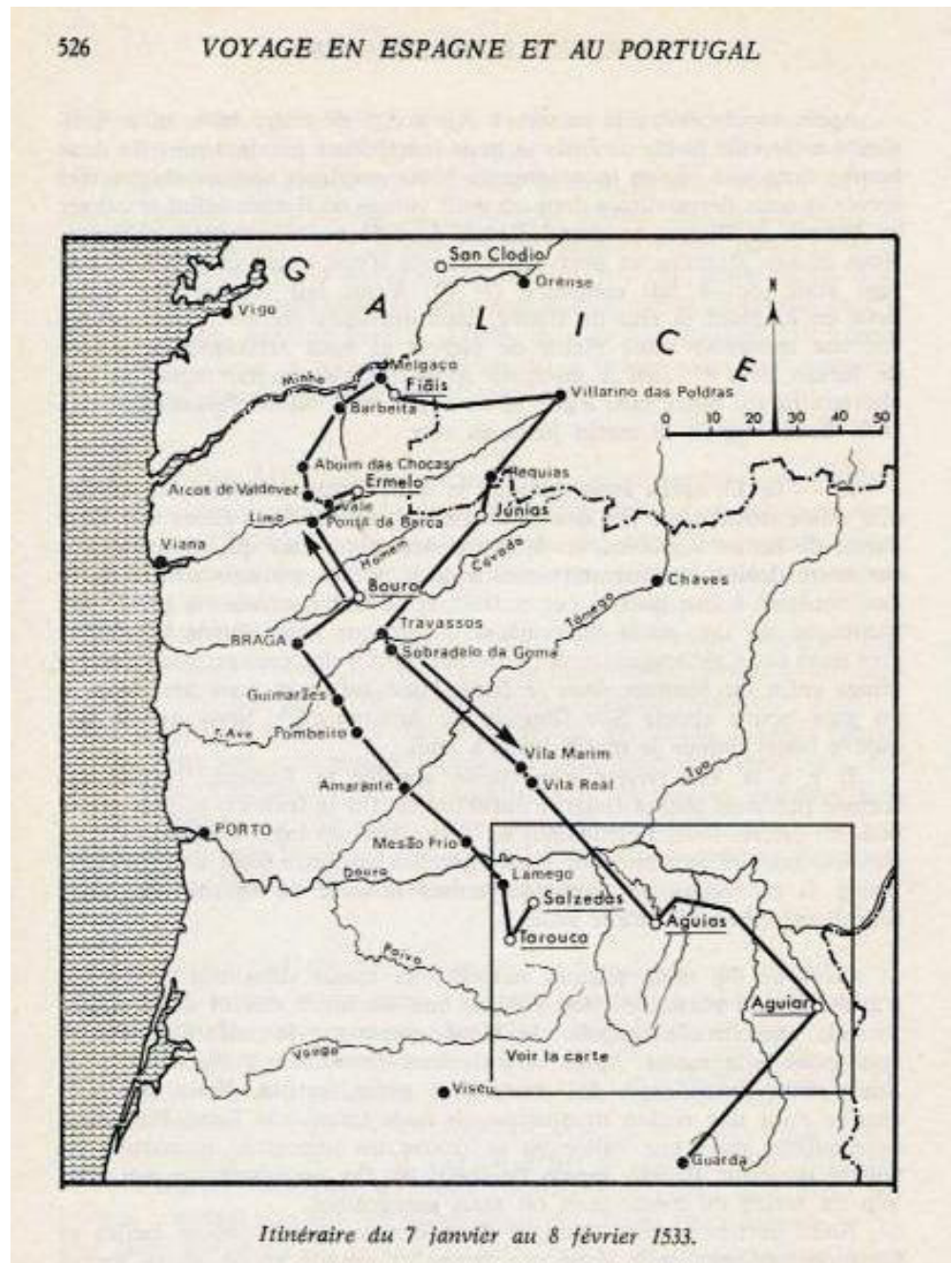
Desenho da autora.

Figura 43. Cronologia dos Caminhos de Santiago na Região do Lima. | p.108

Desenho da autora.

- Figura 44.** Ilustração da lenda da Pegada do Santinho. | p.110
Desenho da autora.
- Figura 45.** António Vaz Pereira, ilustração da Lenda das Pegadas do Santinho. | p.114
in VIANA, António Manuel Couto. 2002. *Lendas do Vale do Lima*. Valima, Associação de Municípios do Vale do Lima, Ponte de Lima.
- Figura 46.** Fotografia panorâmica do Monte de S. Silvestre. | p.118
Fotografia da autora, 22 de outubro de 2018.
- Figura 47.** As marcas através do tempo: a pegada do santo. | p.122
Fotografia da autora, 28 de abril de 2019.
- Figura 48.** Mapa de localização de Cardielos. | p. 124
Desenho da autora. Cartografia fornecida pelo Departamento de Geografia da UIM (1999).
- Figura 49.** Fotografia das ruínas arqueológicas do castro do monte de Roques. | p.126
Captada pela autora a 28 de abril de 2019.
- Figura 50.** Mapa localização dos castros da região de Viana do Castelo. | p.128
in ALMEIDA, Carlos A. Brochado. 2003. *Povoamento romano do Litoral Minhoto entre o Cávado e o Minho*. Dissertação de Doutoramento em Pré-História e Arqueologia, Vol.VII. Edição Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Figura 51.** Fotografia do percurso até ao topo do monte de Roques. | p.132
Tirada pela autora a 28 de abril de 2019.
- Figura 52.** Análise e registo fotográfico desde Roques a S. Silvestre. | p.134-135
Desenho da autora. Cartografia fornecida pelo Departamento de Geografia da UIM (1999).
- Figura 53.** Esquema representação do domínio visual do santo desde Roques. | p.136
Desenho da autora.
- Figura 54.** Esquema de análise das relações métricas entre Roques e S. Silvestre. | p.138
Desenho da autora. Cartografia fornecida pelo Departamento de Geografia da UIM (1999).
- Figura 55.** Desenho síntese. Mapa lendário do Vale do Lima. | p.144-145
Desenho da autora. Cartografia fornecida pelo Departamento de Geografia da UIM (1996).

Anexos



Anexo 1. Visitação de Dom Edme de Saulier, Abade Geral da Ordem de Cister | p.53.

<http://www.altominho.com.pt/2018/11/29/rota-cisterciense-do-alto-minho-galiza-projeta-se-na-europa/>

“É a partir de «Os miragres de Santiago, version gallega del siglo XIV» que nos diz ter chegado aqui à Correlhã, couto da Igreja de Compostela, um Homem bom de santa vida que da Itália viera em romaria a Santiago. Um lavrador de nome Agominho deu-lhe pousada. Vinha doente, e pediu ao hospedeiro que chamasse um clérigo que o preparasse para a morte. E logo um, de nome Martinho, perguntou se trazia dinheiro. Foi-lhe dito que só trazia bordão e uma esportela vazia. Pois então- diz o clérigo- traga-o aqui. Milagrosamente apareceu à porta do hospedeiro um asno que o levou à igreja onde pediu o Corpo de Deus que recebeu deitado em terra com grande devoção. Ali o deixaram só, lutando com a morte, e à meia-noite estava morto, voltado para Oriente. Aconteceu isto no dia dos Santos Inocentes (27 de dezembro) de 1130. Logo as crianças se puseram a gritar: «Oudom, Santo de Deus, ajuda-nos!» E fez muitos milagres.

Mendo, um bom clérigo, viu na cerração da noite luzes sobre o túmulo. E Ega, mulher piedosa, notou o mesmo. E Paio pegou numa candeia e disse: “Se és Santo e amigo de Deus faz que se acenda esta candeia por si” e acendeu-se.”

Anexo 2. Versão traduzida da Lenda de Santo Abdão | p.83.

RIBEIRO, José Luís de Sousa. 1996. *Ensaio Monográfico da Correlhã.* Centro Paroquial e Social de Fontão, Viana do Castelo, pp. 207-209.



Anexo 3. Paineis da Capela de Santo Abdão após ordem do Visitador Diogo de Azevedo. | p.91
www.visitarportugal.pt



Anexo 4. Fotografia das sepulturas retiradas do interior da capela | p.91.

Fotografia da autora.